



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

IZADORA SILVA PIMENTA

**O DISCURSO MIDIÁTICO E O RACISMO NO FUTEBOL:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL PARA A
ANÁLISE DOS PADRÕES DE JULGAMENTO**

CAMPINAS

2019

Izadora Silva Pimenta

**O DISCURSO MIDIÁTICO E O RACISMO NO FUTEBOL:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL PARA A
ANÁLISE DOS PADRÕES DE JULGAMENTO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada na área de Linguagem e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Esteves de Lima Lopes

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Izadora Silva Pimenta e orientada pelo Prof. Dr. Rodrigo Esteves de Lima Lopes.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

P649d Pimenta, Izadora Silva, 1992-
O discurso midiático e o racismo no futebol : uma abordagem sistêmico-funcional para a análise dos padrões de Julgamento / Izadora Silva Pimenta. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Rodrigo Esteves de Lima Lopes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Mídia digital. 3. Julgamento (Ética). 4. Racismo nos esportes. 5. Jogadores de futebol. 6. Esportes - Aspectos sociológicos. 7. Funcionalismo (Linguística). I. Lima-Lopes, Rodrigo Esteves de, 1973-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Media discourse and the racism in soccer : a Systemic-Functional approach for the analysis of Judgement patterns

Palavras-chave em inglês:

Discourse analysis

Digital media

Judgment (Ethics)

Racism in sports

Soccer players

Sports - Sociological aspects

Functional analysis (Linguistics)

Área de concentração: Linguagem e Sociedade

Titulação: Mestra em Linguística Aplicada

Banca examinadora:

Rodrigo Esteves de Lima Lopes [Orientador]

Sara Regina Scotta Cabral

Daniela Palma

Data de defesa: 22-03-2019

Programa de Pós-Graduação: Linguística Aplicada

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <http://orcid.org/0000-0001-7093-224X>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/8265503987773369>



BANCA EXAMINADORA:

Rodrigo Esteves de Lima Lopes

Daniela Palma

Sara Regina Scotta Cabral

IEL/UNICAMP

2019

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

"Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos"

Frantz Fanon - *Pele Negra, Máscaras Brancas*

Dedico este trabalho a todos os negros, negras e indígenas que puderam ingressar em uma Universidade. A todos aqueles que ainda irão ingressar em decorrência da nossa luta. Aos primeiros da família com um diploma em mãos. Aos que, apesar dos pesares, ocupam e ocuparão os espaços que lhes são de direito.

Aos garotos que sonhavam com o futebol e que perderam suas vidas na tragédia do Ninho do Urubu.

Aos estudantes e pesquisadores brasileiros, que sobrevivem, apesar do desmonte da nossa educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, ao nosso pai, Oxalá, à minha mãe Iansã e aos meus guias - por mais que a escrita acadêmica seja um processo solitário, eu nunca estou totalmente só.

Ao Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e Extensão (FAEPEX), pelo auxílio financeiro para a realização deste trabalho. À Capes, pelo auxílio na participação de eventos, ou seja: o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À minha família, que pode me oferecer a base necessária para que meus estudos fossem realizados, além do apoio diário recebido. Em especial, meus pais, Ana Maria da Silva Pimenta e Marcos Aurélio dos Santos Pimenta, minha avó, Lurdes Emídio da Silva, meu avô, Benedicto Silvio da Silva, que já não está mais neste plano, minha tia, Carmen Ferreira da Silva e minha prima, Ivanete Polycarpo Benedito. A presença de vocês é fundamental na minha vida. À minha prima, Mylena de Paula Pimenta, a irmã mais nova que eu nunca tive, que enche de orgulho e me faz acreditar que a geração que vem depois de mim também tem muito para dizer ao mundo.

Aos 13 anos do governo do Partido dos Trabalhadores, primeiro na figura do presidente Lula e, posteriormente, na figura da presidenta Dilma Rousseff. Aos que foram #EleNão e trabalharam intensamente para virar votos na última corrida presidencial. Aos 47.040.906 milhões de brasileiros que votaram em Fernando Haddad no segundo turno e que me fizeram ter esperanças de que não são todos os que lutam contra a minha existência.

Às pessoas que estiveram comigo nessa caminhada, seja no mesmo objetivo ou oferecendo apoio para que esse trabalho fosse finalizado, em especial Ludmilla Alves, Marco Túlio Câmara, Daniel dos Santos, Gabriel Dangió, Tiêgo Alencar e Luana Moro, pós-graduandos como eu que fizeram com que o mestrado fosse muito mais leve, sendo nas conversas mais corriqueiras ou nas mesas de bar infinitas; Jhonatas Simião, colega de profissão e amigo da vida com quem aprendo muito, que também compartilha comigo a paixão por pesquisar e que talvez seja uma das pessoas que mais acredita em mim; Aline Fortunato (que também colaborou com as ilustrações deste trabalho, obrigada, Aline!) e Karina Venâncio, que leram minhas lamentações diárias nestes dois anos e em outros do passado; Gabriela Rossi, minha ex-colega de trabalho e amiga da vida, que foi um incentivo e

tanto para que a minha vida acadêmica começasse de vez; Lucas Santana e Luís Botaro, pelos vários papéis, leves ou intensos, que fazem com que a vida fuja do padrão por alguns instantes; Karina Pilotto, minha amiga que, fisicamente, está distante, mas que está presente em todos os meus bons e maus momentos, mesmo que virtualmente; Carla Carolina Mendes Carvalho, por ser a melhor chefe que alguém pode ter e pelos caminhos que a gente trilha juntas dentro da Umbanda; Renan Schroter, que apareceu na minha vida na reta final desse processo, mas que foi essencial em vários pontos, sendo trocando ideias, colorindo os dias ou me apresentando a um outro futebol, o americano (te amo um tanto e sinto demais a sua falta: sua ida é o oitavo gol da Alemanha. Mas eu torço pra que você voe muito!); meu terapeuta, Rafael, e todo o apoio psicológico e psiquiátrico que pude receber no Sappe para que os meus fantasmas permanecessem sob controle; meus colegas de república, tanto os que já se mudaram quanto os que continuam (Nanci, Victo, Laís, Guilherme, Gabriel, Geniana, obrigada!); meus amigos do MiDiTeS, do recém-criado grupo de estudos em Esporte, Linguagem e Sociedade e os demais pesquisadores do grupo Sistêmica, Ambientes e Linguagens (SAL) e da Associação de Linguística Sistêmico-Funcional da América Latina (ALSFAL); meus pais e irmãos da Tenda Espírita de Umbanda Vovô Benedito do Congo (obrigada por compreenderem minhas ausências).

Ao meu orientador, Rodrigo Esteves de Lima-Lopes, que me aguenta há dois anos e que aceitou embarcar nesse projeto comigo e em outros que ainda virão nos quatro anos de doutorado, além de ter me apresentado a Linguística Sistêmico-Funcional, pela qual me encanto a cada nova leitura.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP. Ao professor Marcelo El Khouri Buzato, pelos conhecimentos inspiradores e por todo o apoio prestado. À professora Cláudia Hilsdorf Rocha - apesar de termos tido pouco contato nesse tempo, uma simples pergunta dela sobre quem eu era ressignificou muita coisa por aqui. Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do IEL, que também me ajudaram muito nessa trajetória.

Às professoras Daniela Palma, Sara Regina Scotta Cabral, Tânia Regina de Souza Romero e Heloísa Helena Baldy dos Reis, mulheres acadêmicas que admiro, que representam muito do que eu me espelho e que aceitaram compor a banca examinadora deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho pretende buscar ocorrências de Julgamento em textos jornalísticos publicados de forma online a respeito do episódio de racismo sofrido pelo jogador de futebol brasileiro Daniel Alves, à época, integrante do time catalão Barcelona, em 27 de Abril de 2014. A análise é apoiada na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e no Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), a partir do qual eu entendo Julgamento como uma região semântica do subsistema de Atitude. Parto da hipótese de que esses Julgamentos, mesmo presentes em textos supostamente neutros (MARTIN; WHITE, 2005), são trazidos por palavras e expressões específicas que modificam o que está em jogo na relação entre o texto produzido e seu leitor (WHITE, 2003). De acordo com White (2003, p. 8), essas pistas são “desencadeadas por significados ideacionais superficialmente neutros que, no entanto, têm a capacidade na cultura de evocar respostas de Julgamento (dependendo da posição social / cultural / ideológica do leitor)”. Este trabalho também se fundamenta nas relações raciais presentes no futebol (GIGLIO; TONINI; RUBIO, 2014; MANERA; CARVALHO, 2018; HELAL; GORDON JR., 2001, entre outros) e na mídia (VAN DJIK, 2005), que garantem que "os brasileiros se imaginam em um cenário de democracia racial" (GUIMARÃES, 1995, p. 43), levando em conta também as particularidades do jornalismo esportivo (LAGE, 2001). Os resultados mostram que a linguagem utilizada pelo discurso midiático trabalha para reforçar alguns padrões de representação acerca do racismo no futebol. O racismo é trazido pela imprensa como algo que é existente, mas sua condição enquanto crime ou suas consequências não são reforçadas. Com os resultados desta pesquisa, acredito que exista um arcabouço para uma metodologia de análise dos aspectos sociológicos do esporte por meio da linguagem que está vinculada a ele.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; Discurso midiático; Sistema de Avaliatividade; Racismo no futebol; Esporte, Linguagem e Sociedade

ABSTRACT

This work aims to search for Judgement occurrences in online journalistic texts regarding the episode of racism suffered by the Brazilian soccer player Daniel Alves, at the time, member of the Catalan team Barcelona, on April 27, 2014. The analysis is supported by the Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) and by the Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005), from which I understand Judgment as a semantic region from the subsystem of Attitude. I hypothesize that these Judgments, even though present in supposedly neutral texts (MARTIN; WHITE, 2005), are reported by specific words and expressions that modify what is at stake in the relationship between the produced text and its reader (WHITE, 2003). According to White (2003, p. 8), these clues are “triggered by superficially neutral, ideational meanings which nevertheless have the capacity in the culture to evoke judgemental responses (depending upon the reader's social/cultural/ideological reader position)”. This work is also grounded on the racial relations that are present in soccer (MANERA; CARVALHO, 2018; HELAL; GORDON JR., 1999) and in the media (VAN DJIK, 2005), which ensure that "Brazilians imagine themselves in a racial democracy" (GUIMARÃES, 1995, p. 43), also taking into account the particular characteristics of sports journalism (LAGE, 2001). The results show that the language that is being utilized by the media discourse is working to reinforce some patterns of representation about the racism in football. The racism is brought by the press as something that exists, but its condition as something criminal or its consequences are not reinforced. With the results of this research, I believe that there is a framework for a analysis methodology of sociological aspects of sport through language that is linked to it.

Keywords: Systemic-Functional Linguistics; Media discourse; Appraisal Theory; Racism in Soccer; Sport, Language and Society

PREÂMBULO: ESPORTE, LINGUAGEM E SOCIEDADE	12
INTRODUÇÃO	14
2 O PROBLEMA DISCURSIVO DO RACISMO NO FUTEBOL E NA SOCIEDADE: A VÍTIMA “INCONVENIENTE”	22
2.1 O negro no futebol pelos olhos do mito da democracia racial e da sociedade capitalista: Brasil e Europa	28
2.2 Racismo e xenofobia à europeia disfarçados no ato de torcer	33
3 DISCURSO MUDIÁTICO: A LINGUAGEM EMOCIONAL DO ESPORTE E A VOZ DO REPÓRTER	37
3.1 “Afinal, quem está falando?” - a noção de voz do repórter	39
4 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL COMO APORTE PARA A ANÁLISE DE DISCURSO	43
4.1 Texto e contexto	45
4.2 Contexto de situação ou registro	48
4.3 Contexto de cultura e ideologia	49
4.4 Metafunções e sistemas	50
4.5 Metafunção ideacional e o componente experiencial	52
5 SISTEMA DE AVALIATIVIDADE: O TEXTO E SUA LINGUAGEM ATITUDINAL	60
5.1 O Subsistema atitude	63
5.2 A região semântica Julgamento	65
6 PERCURSOS METODOLÓGICOS	68
6.1 Apontamentos sobre especificidades da pesquisa	69
6.2 Estudo piloto	72
7 ANÁLISE DOS DADOS	75
7.1 Como o caso de racismo é visto pela voz do repórter?	75
7.2 Outras vozes trazidas à tona: como os entrevistados sustentam a história contada pela voz do repórter?	80
7.3 O que diz Daniel Alves sobre o caso?	84
7.4 Como termos-chave apresentam padrões de julgamento?	87
7.4.1 Racismo	88
7.4.2 Banana	92
7.4.3 Jogador	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

PREÂMBULO: ESPORTE, LINGUAGEM E SOCIEDADE

Desde quando eu me entendo por gente, sou torcedora do São Paulo Futebol Clube. Não fugi das estatísticas hereditárias: era o time do meu avô - e torcer para o São Paulo foi uma das várias coisas que ele me ensinou. Desde quando a Argentina ganhou seu ouro olímpico, sou fã do Lionel Messi. Essas duas coisas fazem parte da minha vida de forma tão intrínseca que creio que elas moldam um pouco da minha personalidade. Não só elas, mas como o futebol em si. Eu, mulher, fã de futebol. Uma definição que ainda desafia o universo que ronda por esse esporte, por mais que existam tantas de mim. Somos várias pesquisando, praticando ou torcendo. Acompanhando diariamente as notícias que ainda possuem muito do masculino enquanto dominante. Mas existimos na margem, desempenhando um papel de segunda classe. E, como parte de um imaginário em torno do futebol, essa característica está explícita nos discursos que o acompanham.

Meus estudos sobre futebol tiveram início no primeiro ano de mestrado em Linguística Aplicada, quando analisei, em conjunto com meu orientador, Rodrigo Esteves de Lima-Lopes, as postagens relacionadas à hashtag #MulheresNoFutebol em sua primeira semana de vida no Twitter, trabalho que foi sintetizado em Lima-Lopes e Pimenta (2017). Desde quando realizei este primeiro estudo, percebi a importância de analisar este esporte a partir da linguagem que está relacionada a ele. Isso também implica no fato de que o esporte, ao contrário do que fazem aparentar as liberdades tomadas pelos elementos em campo e fora dele, está incluso em uma sociedade. E, para a Linguística Sistêmico-Funcional, que é a teoria que me acompanha nesse desafio, a linguagem é movida pela forma com a qual vivemos, construímos experiências e (re)definimos nossa existência (GOUVEIA, 2009). Acima dessa linguagem, está uma realidade que potencializa suas maneiras de uso. Sendo assim, partimos para o nosso outro enfoque: torna-se possível analisar alguns aspectos sociológicos do futebol e da cultura em torno por meio do discurso midiático que é produzido sobre ele.

Buscando alcançar esse desafio, surgiu o trabalho que sucede esse preâmbulo. De início, acreditava que o racismo seria o tema central da minha pesquisa e que o futebol seria apenas o campo no qual ele iria ser analisado. Logo percebi o quanto os discursos relacionados ao futebol ainda colaboram para reforçar problemas e estereótipos que estão

enraizados no Contexto de Cultura¹ da sociedade brasileira.

Durante conversas com o Grupo de Estudos em Esporte, Linguagem e Sociedade² e com colegas de curso ao longo dos anos de Mestrado, também percebi que estudar futebol e linguagem não era algo muito comum. E fiquei pensando se é realmente justo que, com toda a interdisciplinariedade que o programa de Linguística Aplicada nos oferece, que este campo seja visto como algo fora da curva. Ou se seria justo questionarem a presença dele em minha pesquisa. E, nisso, vejo o quão complicado é o fato de que, em alguns casos, os interessados em estudar o futebol e outros esportes sejam enviados para uma outra área, quando a troca de ideias e a abertura para novos estudos poderiam cumprir esse papel que lhes falta.

Acredito que o diálogo com aquilo que não está dentro da nossa zona de conforto colabora para enriquecer os nossos estudos e a nossa área como um todo, bem como também visualizo que estamos em constante mutação e, assim, mais distantes das primeiras colocações do que os estudos de Linguística Aplicada representam para a sociedade. Este preâmbulo também é, portanto, uma forma de manifesto do estudo que se inicia no primeiro capítulo.

Dito isso, o apito inicial é soado para que essa partida se inicie por meio das palavras. Que esta possa ser uma leitura construtiva - ou, por que não, um conjunto de momentos decisivos para que possamos chegar ao fim de um jogo importante.

¹ Explico mais detalhadamente sobre o Contexto de Cultura para a Linguística Sistêmico-Funcional no capítulo 5

² Subgrupo do grupo CNPq Mídia, Discurso, Tecnologia e Sociedade, MiDiTeS, o Grupo de Estudos em Esporte, Linguagem e Sociedade, ainda em atividades embrionárias e sem nome definitivo, engloba alunos do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

INTRODUÇÃO

“Mas pelo menos no futebol há alguma possibilidade de ascensão social para o menino pobre, em geral, negro ou mulato, que só tem a bola como brinquedo: a bola é a única varinha mágica em que pode acreditar. Talvez ela lhe dê de comer, talvez ela o transforme num herói, talvez em Deus”

- *Futebol ao Sol e à Sombra, Eduardo Galeano*

O futebol é um elemento quase ímpar no imaginário nacional. Há algo que sempre faz vibrar ou que traz decepções jamais experienciadas neste jogo torto, inconstante, no qual a surpresa é um elemento que pode mudar o rumo e o estado das coisas. O futebol está sempre querendo nos dizer algo - e, dependendo de como interpretamos isso, as nossas emoções se processam das mais diferentes maneiras. Eduardo Galeano (2015) conta, de forma lúdica, o quanto o jogo, por conta de suas características, funcionava como linguagem universal nos subúrbios da América Latina, já que trabalhadores de origens diferentes conseguiam se compreender com a bola nos pés. Para o espectador, também funciona assim: eu posso me sentar em um bar para assistir a uma partida em qualquer lugar do mundo e não preciso dominar nenhum idioma estrangeiro para ser impactada por aquilo que está acontecendo enquanto dois times jogam. Talvez essa simplicidade do futebol, no qual o gol é o objetivo e as regras são para os mais letrados em seus fundamentos - mas não são tão importantes para o espectador de primeira viagem - é o que faz com que ele esteja tão próximo.

É por isso que as mais diversas matérias que pretendem ressaltar a importância deste esporte na sociedade brasileira bradam: “Não é só futebol”. Recorri ao corpus de língua portuguesa presente na plataforma Sketch Engine³ para observar quão frequente é essa expressão. São 76 ocorrências, advindas das mais diversas fontes. Não é só futebol quando ele é parte da vida de alguém. Não é só futebol quando o esporte se trata de um negócio. Não é só futebol quando o time também alega ser "uma tradição, uma história". Não é só futebol

³ O corpus em questão é o Portuguese Web 2011 (ptTenTen11), pertencente à família de corpus TenTen, que é um conjunto de corpus construídos a partir de textos coletados da Internet, usando o mesmo método para atingir uma meta de 10 bilhões de palavras. Disponível em: <<https://www.sketchengine.eu/pttenten-portuguese-corpus/>> Acesso em 10 Fev 2019

quando o amor por uma camisa leva a uma atitude inusitada. Não é só futebol quando todos os atores presentes no esporte se solidarizam por um único clube. Na nossa língua, futebol nunca significa apenas um jogo.

Logo, o discurso midiático sobre futebol ao qual estamos acostumados é carregado de uma emoção que pretende nos transportar para momentos exatos de uma partida e fazer com que eles também façam parte da nossa vida, seja em uma narração intensa do que está sendo realizado em campo ou um relato sobre o que já foi. Mas, como o esporte está presente no imaginário nacional, nós já estamos acostumados com os seus ritos. Assim, parece natural que a emoção se sobreponha à razão quando este é comunicado ao grande público. Reis e Escher (2006), quando tratam da aceitação desse esporte na sociedade brasileira, sintetizam da seguinte forma:

Uma característica importante do futebol, que o distingue de outros esportes coletivos, é o período extenso de antecedência do prazer (o gol). O período de expectativa é extenso e a excitação provocada pela incerteza da concretização ou não do tento provoca nos espectadores um nível de tensão elevada que o mantém atento ao desenrolar dos acontecimentos no gramado (REIS; ESCHER, 2006, p.23).

O gol é, como enfatiza Galeano (2015), “o orgasmo do futebol”. Mas o autor uruguaio também nos lembra que, “como o orgasmo, o gol é cada vez menos frequente na vida moderna. O futebol está em constante mutação e nunca vai ser vivido da mesma forma, embora a experiência seja semelhante. Com isso, pode haver um discurso dominante que prega que “antigamente que era bom”. Que peso que o “antigamente” estaria carregando, de fato? Nunca se sabe se o saudosismo é colocado a respeito de um tempo no qual era comum que os jogadores que defendiam a Seleção Brasileira atuassem todos em times brasileiros ou se ele trata de quando as regras eram mais brandas - dentro e fora de campo.

Sendo assim, Reis e Escher (2006) consideram que é importante que os estudos acadêmicos sobre futebol “deem conta de analisar as modificações que o futebol sofreu nos últimos anos, tanto em termos de organização como nos aspectos econômicos e sociais” (REIS; ESCHER, 2006, p.51). O futebol deve ser lido a partir da sociedade e não vice-versa. As transformações externas, inevitavelmente, também estão intrínsecas ao que ocorre dentro dos estádios. Assim como os padrões que vêm influenciando a nossa sociedade há certo

tempo.

Uma questão latente que mostra a influência desses padrões dentro do esporte é o racismo no futebol. Assim como na sociedade brasileira, a visão que se tem a respeito do futebol no Brasil é de que ele é calcado pela democracia racial, sendo que, contudo, o que ocorre de fato é um "relaxamento das tensões raciais" (HELAL; GORDON JR, 2001). A linguagem emocional do futebol também abre espaço para que ele se faça presente. Nos gritos das torcidas. Nos xingamentos dos jogadores de equipes adversárias. No apelido relacionado à cor, disfarçado de carinho, que está sempre ali, utilizado para demarcar o lugar ao qual ele pertence na visão dos outros. Logo, a expectativa social é de que, ao sofrer racismo, o jogador leve essa questão na chamada "esportiva". Caso contrário - ou seja, se ele se posicionar devidamente enquanto vítima - corre o risco de ser criticado ou, até mesmo, de observar consideráveis prejuízos à sua carreira.

Portanto, este trabalho pretende ser um dentro de tantos esforços para entender como as relações raciais se apresentam no campo do futebol, por meio da intersecção de estudos entre esporte, linguagem, comunicação e sociedade. A partir da linguagem que é veiculada nos discursos midiáticos, acredito ser possível identificar as percepções em pauta a respeito do que a sociedade brasileira visualiza em relação ao racismo no futebol.

Para analisar essas relações, precisamos de um ponto de partida. E a colaboração deste trabalho está intrínseca a uma história que teve início em 27 de abril de 2014, quando, durante uma partida pelo Campeonato Espanhol entre o Barcelona e o Villarreal, o jogador brasileiro Daniel Alves, que, na época, atuava pelo Barcelona, foi alvo de um ato de racismo vindo da torcida do Villarreal. Aos 30 minutos do segundo tempo, durante uma cobrança de escanteio, um torcedor atirou uma banana em direção ao jogador, que, por sua vez, pegou a fruta, comeu e continuou a partida, ato visto e aplaudido como uma maneira de ignorar o racismo implícito naquele gesto.

O episódio se tornou notícia mundial e, tão logo, desencadeou a campanha "Somos Todos Macacos", criada por outro jogador, Neymar, em parceria com a agência de publicidade Loducca. A campanha foi disseminada em redes sociais como o Facebook, o Twitter e o Instagram por famosos e anônimos, sustentada pela hashtag #SomosTodosMacacos, geralmente segurando bananas ou macacos de pelúcia, com o objetivo de demonstrar apoio ao jogador após o racismo sofrido e também de impor o

pensamento de que todas as cores e raças ocupam o mesmo espaço na sociedade. No entanto, o próprio jogador se posicionou contra a campanha, já que não pretendia transformar o caso em publicidade e tampouco concordava com a alcunha de macaco - em entrevista à revista *Veja*, ele também chegou a declarar que “não era negro” e, sim, pardo⁴.

Devido à forte presença deste caso nas redes, a grande maioria dos estudos feitos sobre ele, até o momento, focam na campanha realizada após o ato de racismo. Eles tratam, principalmente, da capacidade de amplitude a partir da hashtag (CAMPOS; MACHADO, 2014; NETO, 2018), sua função semântica (BRAGA; SANTOS, 2016) e a reafirmação do discurso por meio da campanha (SANTOS, 2014).

Assim, são objetivos desta pesquisa:

- Objetivo geral:
 - estudar a representação do racismo sofrido por Daniel Alves e da resposta dada pelo jogador a partir de um corpus construído por *hard news* publicadas de forma online a respeito do caso e datadas até uma semana após o ocorrido.
- Objetivos específicos:
 - estudar as vozes que estão presentes nesses discursos, compreender a construção da resposta de Alves ao racismo sofrido na imprensa;
 - entender como a voz de outros participantes, instanciadas pela lente dos jornalistas, corroboram o discurso midiático a respeito do caso; e
 - analisar como o discurso vigente sobre racismo no futebol se configura na imprensa brasileira.

Considero que o importante não é focar na campanha em si e, sim, em como o ato de racismo e a resposta dada por Alves foi relatada pela imprensa - e a tensão entre a ofensa no ato e a ofensa relatada. Desta forma, o trabalho visa a estudar o ato reativo de Daniel Alves e como ele é representado a partir da identificação de marcas de Julgamento⁵ com o objetivo de destrinchar uma questão ainda mais profunda: as representações dos casos de racismo no futebol em seus relatos pela imprensa brasileira. A análise dos dados visa a estabelecer respostas a algumas perguntas pré-formuladas, mas que não excluem outros temas relevantes

⁴ VEJA. São Paulo: Abril, edição 2372, ano 47, n. 19, 7 maio 2014. 134

⁵ O Julgamento é uma categoria do Sistema de Avaliatividade, a ser detalhado no Capítulo 5.

que, por ventura, surjam ao decorrer do trabalho:

- Como as vozes dos repórteres avaliam Daniel Alves e sua posição perante o racismo sofrido? Como os processos ideológicos se manifestam nos discursos e nas escolhas léxico-gramaticais? Quais são as representações que as vozes dos repórteres trazem para a resposta do jogador?
- Como ocorreu a construção por parte da imprensa de que a resposta de Alves seria uma solução “definitiva” contra o racismo no futebol?
- Como as outras vozes trazidas pelas notícia - os entrevistados e o próprio Daniel Alves - sustentam as representações sobre Daniel Alves, seu ato e o racismo nas notícias estudadas ?
- Como outros jogadores que sofreram racismo são representados pela imprensa a partir do relato do caso de Alves?

A pesquisa concorda com o que é abordado em Reis e Escher (2006) no que tange a ler o futebol a partir da sociedade e não vice-versa. Com isso, é preciso considerar os diversos momentos nos quais ele está inserido e saber de qual futebol está sendo falado. No caso, abordo a cobertura da imprensa brasileira para um caso ocorrido com um jogador brasileiro no futebol espanhol - e todos esses fatores devem ser levados em consideração, até porque se trata de uma realidade diferente do futebol de outrora, no qual não era comum que os melhores jogadores do país atuassem no estrangeiro.

Como o trabalho também visa a realizar uma análise que busca a relação da linguagem utilizada no discurso midiático e sua função nas configurações sociais, o principal aparato teórico será ancorado na Linguística Sistêmico-Funcional, sobretudo nos Sistemas de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). A partir desse referencial teórico, pretende-se definir como alguns sistemas de valores, pressupostos e diferentes modos de contar histórias influenciam diretamente no discurso midiático (WHITE, 2003) e nas reações da sociedade a respeito daquilo que é passado.

Ainda apoiada em Martin e White (2005) e também em White (2009), parto da hipótese de que as notícias factuais, as chamadas *hard news*, nunca são neutras - e, sim, passíveis de influenciar ou complementar a visão do leitor a respeito de um caso. Neste caso

em questão, a análise também tem como objetivo entender como foram construídos argumentos de que Daniel Alves teria “derrotado o racismo” ou “acabado com o racismo talvez, para sempre” a partir da história do caso que nos é narrada.

É importante destacar que esta é a segunda pesquisa sobre futebol desenvolvida no âmbito do programa de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desde sua fundação. O primeiro trabalho defendido no programa data de 2018 e pertence a Vitor Hugo Haidar da Silva⁶, que tratou, sob a orientação da Profa. Dra. Daniela Palma, da linguagem de uma das torcidas organizadas do Corinthians, a Gaviões da Fiel.

Entretanto, não é apenas no IEL que a escassez dos estudos sobre o tema se faz presente. Cornelsen (2018), que realiza um mapeamento de estudos das pesquisas sobre futebol na área de Letras, identifica que há uma certa resistência a trabalhos interdisciplinares que envolvem o futebol na área de Linguística, Letras e Artes, embora seja crescente o número de grupos de pesquisas em outras áreas da humanidade que estudam o esporte de forma interdisciplinar. O único grupo de pesquisa registrado no diretório do CNPq que se dedica a estudar as intersecções do futebol com a área da linguagem é o Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes - FuLiA, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Para o autor, essa resistência aos estudos do futebol pode estar ligada a uma interpretação corrente de que o esporte representaria o "ópio do povo".

Tomando as ciências humanas em geral, Giglio e Spaggiari (2010) mapearam dez anos da produção das humanidades sobre o futebol no Brasil, considerando o período de 1990 a 2009. Os pesquisadores consideram que, dentro desses estudos, há alguns temas que foram mais reportados pelos pesquisadores, como a participação dos negros no esporte, relações entre futebol e identidade e formação de novos atletas. Contudo, as pesquisas sobre torcidas organizadas "tiveram um impacto decisivo dentro do processo de ampliação do cenário de estudos sobre esportes do Brasil" (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 296). Segundo os autores, não é possível dizer que há uma produção escassa a respeito do esporte nas ciências humanas, mas há falta de divulgação e intercâmbio de informações. Neste estudo, foram identificadas 27 áreas que realizaram estudos a respeito do futebol no período analisado, sendo elas: Educação Física, Ciências Sociais, História, Letras, Administração, Comunicação Social,

⁶ Trabalho ainda sem publicação no repositório da Unicamp. <<http://repositorio.unicamp.br/>> Acesso em 11 Fev 2019

Psicologia, Educação, Direito, Engenharia, Arquitetura, Semiótica e Comunicação e Mídias.

Ao longo da realização deste trabalho, acredito que duas iniciativas foram essenciais para me auxiliar nos estudos e nas pesquisas em torno do futebol: o site Ludopédio⁷, que visa "criar uma rede de informações, de pesquisadores e de interessados no tema futebol", principalmente no que diz respeito à intersecção dos estudos do futebol e as ciências humanas; e o 3º Simpósio Internacional de Estudos Sobre Futebol⁸, realizado entre os dias 26 a 29 de setembro de 2018 no Museu do Futebol, no Sesc Pompéia e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP - FFLCH, fundamental para o intercâmbio de ideias com outros pesquisadores da área e também para apresentar meus primeiros esforços a respeito do trabalho apresentado nesta dissertação.

Por conseguinte, tendo o bacharelado em Jornalismo como minha formação inicial, encontrei na Linguística Aplicada um local no qual poderia pesquisar questões tocantes à minha profissão. A Linguística Sistêmico-Funcional e os Sistemas de Transitividade e Avaliatividade foram conhecimentos que também fui construindo ao longo do processo de Mestrado. Creio que ter realizado estudos dirigidos a respeito do tema, bem como ter participado das reuniões do MiDiTeS, grupo de pesquisa em Tecnologia e Sistêmico-Funcional liderado pelo prof. Rodrigo, das reuniões do SAL e do congresso da ALSFAL foram essenciais para a minha familiarização com a área.

Devido à sua preocupação com o uso da linguagem em um contexto social e seu caráter abrangente e multidisciplinar (CAVALCANTI, 1986), é importante salientar que há uma importância salutar desta pesquisa para o escopo da Linguística Aplicada. Tal contribuição se dá tanto por sua temática pouco usual como pelo aspecto sociológico que lhe é pano de fundo, uma vez que o futebol tem forte presença no imaginário nacional. Acredito que um tema tão intrínseco ao cotidiano brasileiro necessita ter questões de linguagem amplamente discutidas para que elas possam nos ajudar a alcançar evoluções nos problemas mais urgentes desse esporte.

No primeiro capítulo deste trabalho, portanto, destaco o "problema discursivo do racismo", buscando as tensões raciais do futebol em sua origem, entendendo como o racismo

⁷ <http://ludopedio.com.br/>

⁸ <https://www.simposiofutebol.museudofutebol.org.br/>

se porta na sociedade brasileira e na Europa, como a lógica do futebol opera por reforçar discursos de meritocracia e de segregação, bem como as ofensas estão naturalizadas no ato de torcer. Ao tratar do racismo no futebol, também consideramos o pano de fundo no qual o contexto midiático brasileiro está inserido ao considerar que a sociedade do país vive sob uma “falsa democracia racial” e que a ascensão de jogadores negros por meio do esporte não coloca estes em posição semelhante a jogadores brancos, principalmente quando são envolvidos em situação de racismo. O racismo no futebol é frágil e é capaz de alçar um jogador de herói a vilão em instantes.

No segundo capítulo, abordo o discurso midiático comum ao jornalismo esportivo, sua linguagem emocional e como este está ainda mais sujeito à subjetividade em relação a outras editorias - partindo de um pressuposto de que os discursos tidos como imparciais no jornalismo nunca são neutros.

O terceiro e o quarto capítulo trazem algumas considerações sobre a Linguística Sistêmico Funcional, o Sistema de Transitividade e o Sistema de Avaliatividade e como esses três aparatos podem ajudar a desvelar as relações entre futebol e sociedade por meio do discurso midiático.

O quinto capítulo detalha a metodologia utilizada para a análise dos dados coletados e, por fim, as análises, divididas em dois tempos, são apresentadas no sexto capítulo: primeiramente, trago as principais construções midiáticas da voz do repórter, dos entrevistados escolhidos e do próprio Daniel Alves para, em um segundo momento, visualizar a partir de ferramentas de corpus oferecidas pelo software Sketch Engine alguns termos mais frequentes no corpus - banana, racismo e futebol - e como eles reforçam os padrões encontrados na análise que os antecedem.

Nas considerações finais, faço uma recapitulação do que foi colocado em questão neste trabalho, bem como a análise geral a respeito dos dados coletados, as limitações deste trabalho e possíveis colaborações futuras a partir do que foi desenvolvido.

2 O PROBLEMA DISCURSIVO DO RACISMO NO FUTEBOL E NA SOCIEDADE: A VÍTIMA “INCONVENIENTE”

*"Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade"*

- Jorge Aragão

Neste capítulo, tenho por objetivo abordar o que gostaria de chamar de “problema discursivo do racismo” no futebol e na sociedade brasileira. Para tal, procuro destacar como os brasileiros enxergam as relações raciais - sobretudo aqueles que detêm o poder midiático, já que este é o enfoque do trabalho. Posteriormente, também tenho como objetivo abordar as relações entre o negro e o racismo no futebol, trazendo as realidades referentes ao Brasil, país no qual está localizada a imprensa utilizada como corpus desta pesquisa e a Europa, continente no qual ocorreu o fato que é relatado nessas notícias. Realizo um breve resgate histórico da trajetória do negro no futebol brasileiro, procuro entender quem é o negro no futebol e suas relações com o mito da democracia racial (GUIMARÃES, 1995) e com a sociedade capitalista e, por fim, relato como o ato de torcer também pode encontrar um espaço livre para repercutir fatores que seriam repreendidos com mais vigor fora dos estádios.

Para começar a introduzir este assunto, devemos saber que, desde quando o futebol passou por seu processo de profissionalização na Inglaterra, país no qual as regras do jogo foram inicialmente concebidas, a elite demonstrava resistência à participação das camadas populares (REIS, 2006). Só que o processo de profissionalização, como aborda Reis (2006), também deu espaço para que a classe ociosa visse no futebol uma oportunidade, impulsionada pelo tempo livre que essas pessoas - em grande parte, desempregadas - tinham para a prática do esporte. Sendo assim, as elites bradavam pela manutenção do amadorismo na prática, já que as classes mais baixas estariam ascendendo em relação a eles no ato de jogar futebol. “Havia claramente uma disputa de classes camuflada por uma resistência da mudança de paradigma amador versus profissional” (REIS, 2006, p.8).

Chegando no Brasil⁹, o futebol também trouxe consigo muitas das coisas que eram intrínsecas a ele no país bretão. E a sua popularidade em meio à elite também não foi diferente, até por conta de o esporte estar ligado diretamente aos costumes europeus e trazer, inicialmente, termos em inglês para as suas regras e especificidades. Reis e Escher (2006) lembram que também estava implícita a característica de que este seria um esporte apenas para as classes mais abastadas. Franco Júnior (2007), detalha que os primeiros times de futebol fundados no país eram compostos por membros de famílias estrangeiras e/ou tradicionais. O autor resume o início de sua prática em terras brasileiras da seguinte maneira:

Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se, desde o início, um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 61)

No início, o negro era, portanto, excluído do processo de jogar futebol no Brasil. Times como Corinthians, Flamengo e Vasco - este último, o que mais colaborou, de início, para a quebra da predominância branca no esporte - foram os pioneiros na abertura do jogo para as classes mais pobres - incluindo os negros (REIS; ESCHER, 2006). De acordo com Reis e Escher (2006, p 37), “o impedimento da participação de homens negros foi mantido até 1918 pela Federação Brasileira de Sports, criada em 1914”.

A liberação da prática do futebol para os negros, como também salientam Reis e Escher (2006), teve um grande incentivo por parte da imprensa. Mas, por mais que os negros estivessem liberados para jogar futebol, ainda havia, de início, uma tentativa de embranquecimento do Brasil enquanto nação predominante. Esta característica, como destacam Giglio, Tonini e Rubio (2014), se fazia presente na seleção brasileira, que "deveria corresponder a um país ideal, ou seja, predominantemente branco" (GIGLIO; TONINI;

⁹ Franco Júnior (2007, p. 60-61) comenta que a tendência de privilegiar as elites na história também influenciou na história do futebol do Brasil. É comum creditar a introdução da prática no país ao paulistano Charles Miller, filho de um engenheiro escocês, que teria trazido os aparatos para a prática em 1894 após retornar de seus estudos na Inglaterra e organizado a primeira partida de *football* do Brasil, entre São Paulo Athletic Club, do qual ele era sócio e a São Paulo Railway Company, onde trabalhava, em 14 de abril de 1895. Contudo, o autor ressalta que práticas semelhantes ao esporte já eram disseminadas por jesuítas entre 1880 e 1890 e chamadas por outros nomes como *ballon anglais* ou "bate bolão". Também há registros de marinheiros ingleses que teriam jogado o esporte em terras brasileiras em suas horas de folga.

RUBIO, 2014, p. 282).

Considero, entretanto, que é confuso identificar precisamente alguns processos decorrentes desta inserção do negro no futebol brasileiro. Para muitos pesquisadores, o livro “O Negro No Futebol Brasileiro” (doravante NFB), de Mário Filho (2010), serviu como referência para analisar as relações raciais presentes no futebol. Mas é preciso atentar para o quanto este material, por mais que revisado posteriormente, trabalha em torno de um discurso no qual o Brasil estaria superando suas diferenças raciais por meio do esporte, tendo em vista a ascensão de jogadores negros dentro da modalidade. Ou seja, as relações retratadas em NFB estariam, assim, calcadas “pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem” (SOARES, 2001, p. 15).¹⁰

Entretanto, Helal e Gordon Jr (2001) atentam que, embora NFB não deva ser utilizado como um material único, a história oral contada nele é determinante para identificar que, ao mesmo tempo em que o esporte se popularizou no Brasil, as relações raciais dentro dele foram tidas como brandas pelo restante da sociedade - por exemplo, tornou-se comum vangloriar fatores como a “ginga” dos jogadores negros na hora de entrar em campo como se a própria afirmação não remetesse a estereótipos racistas. Os autores afirmam que existe um “idioma racialista” - “as qualidades do futebol foram essencializadas como se derivassem de predisposições raciais” (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 56).

Sabe-se que, desde a publicação de “Casa Grande e Senzala”, por Gilberto Freyre, em 1933, “até, pelo menos, os anos 70” (GUIMARÃES, 1995, p. 26), o imaginário das relações raciais continuou inalterado no Brasil (SILVA, 2011), sendo trabalhado sob a ótica de uma suposta democracia racial que, em muitos casos, sustenta a negação da existência do racismo em si (VAN DIJK, 2005). Este tipo de discurso também foi sustentado por estudos antropológicos e sociológicos, que traziam a ideia de uma suposta harmonia entre as relações raciais no país, como salienta Guimarães (1995).

Florestan Fernandes, ao traçar uma análise sociológica da integração do negro na sociedade de classes, tendo como base a cidade de São Paulo, identificou que as estruturas

¹⁰ É importante questionar alguns dos pontos trazidos em Soares (2001), uma vez que o autor tenta utilizar esses argumentos para, em alguns momentos, desqualificar o discurso antirracista, já que ele afirma que a segregação do discurso entre brancos pobres e negros pobres reforça a segregação racial - e sabemos que a inserção do negro na sociedade passou por desafios outros. Embora o autor reafirme que esta não é sua intenção, os argumentos soam de tal forma na leitura, especialmente quando ele destaca em suas considerações que está sendo promovido um discurso de “militância politicamente correta” (SOARES, 2001, p.44).

sociais vigentes no passado continuaram perdurando sobre "vários níveis da convivência humana" (FERNANDES, 2008, p. 300), já que o negro, advindo de seu histórico escravizado, entrava com desvantagem nas novas castas sociais que se desenhavam. Este fator acabou por promover "um padrão de isolamento econômico e sociocultural do negro" (FERNANDES, 2008, p. 301), cujo destino "ficou entregue às potencialidades dinâmicas de um equipamento adaptativo e integrativo basicamente modelado para funcionar na sociedade de castas" (FERNANDES, 2008, p. 302). A distância social entre o negro e o branco, desta forma, veio carregada de marcas que ainda remetiam ao regime de escravidão, abrindo espaço para o domínio econômico e sociocultural dos brancos. O autor versa que os negros, quando libertos, foram projetados a um status inferior e nada foi feito para que esses efeitos diretos ou indiretos fizessem influência sobre sua condição.

Guimarães (1995) aponta que "os brasileiros se imaginam numa democracia racial" (GUIMARÃES, 1995, p. 43), sendo este imaginário fundado na nossa história e literatura, fonte de um orgulho nacional criado que também conferiria um certo status de civilização para o país perante a outras nações. A problemática racial no Brasil, como sustenta o autor, foi muitas vezes vista em comparação com as problemáticas europeia e americana, sendo que seus aspectos sociológicos se apresentam de maneiras diferentes. Ele salienta que os pontos discriminatórios no Brasil advêm de uma ideologia preexistente (GUIMARÃES, 1995, p. 34) que não são ligados estritamente a uma ascendência - como nos Estados Unidos, onde "uma gota de sangue negro" é suficiente para se considerar alguém negro - e, sim, a fenótipos marcados, visíveis "na cor da pele, no formato do nariz, na espessura dos lábios ou dos cabelos" (GUIMARÃES, 1995, p. 34). É apenas na essência dessas ideologias preexistentes que as pessoas estão sujeitas à discriminação. Para Munanga (1996, p.17), "toda e qualquer construção racista é baseada nas diferenças reais ou imaginárias".

Frente aos dados que mostram que 54,9% da população brasileira era composta por pretos e pardos em 2016, estes que constituem os negros do país, de acordo com classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a mídia brasileira não reflete essa parcela representativa, trazendo uma imagem da população do país que não corresponde à realidade (VAN DIJK, 2005).

O trabalho de Van Dijk (2005), que congrega diversas pesquisas relacionadas ao racismo no Brasil, destaca que a população branca detém os poderes "social, econômico,

intelectual e cultural" (VAN DIJK, 2005, p.134) da sociedade brasileira, deixando os não brancos à margem destes poderes, muitas vezes sem condições de se representar ou de falar de si. O poder dessa identificação, portanto, fica nas mãos da maioria que detém essa estruturação, "pois esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relação que liga os grupos" (CUCHE, 1999, p. 185-186).

Isso não quer dizer, contudo, que as pessoas responsáveis pela identificação estão diretamente ligadas à construção de roteiros ou estão no comando de meios de comunicação: tem muito a ver com o que o público está acostumado a receber. Hall (2003), ao versar sobre sua teoria em torno do codificador/receptor, destaca o papel desses receptores como parte integrante do processo de construção da mensagem que é passada pela mídia, ou seja, os feedbacks por parte do público influenciam diretamente na produção. O autor ainda destaca que as práticas discursivas utilizadas podem ser traduzidas ou transformadas em práticas sociais se a forma de circulação das mensagens for efetiva e que elas geram códigos que são naturalizados e, sim, transformados em uma espécie de hábito para sua audiência, bem como estes são organizados por "significados dominantes ou preferidos" (HALL, 2003, p. 123).

A relação entre o poder, a diferença e a representação pode gerar, assim, o estereótipo, como nos traz Hall (1997), que salienta que essa relação pode gerar um "regime de representação" e um poder simbólico sobre certas práticas: ou seja, a liberdade para representar o outro. "Poder para marcar, atribuir e classificar" (HALL, 1997, p. 239) a partir de estereótipos imaginados ou que refletem aquilo que é percebido como real. Ele aponta que, além do que é representado visualmente, os significados implícitos daqueles estereótipos também fazem parte dessa representação. O estereótipo reduz, essencializa, naturaliza e marca a diferença (HALL, 1997, p. 258).

Silva (2011) identificou que "no Brasil, o discurso de harmonia étnico-racial esconde práticas discursivas e sociais discriminatórias e racistas seculares que constroem identidades subalternas para os negros" (SILVA, 2011, p.1 6). Dentre os principais pontos sustentados pela autora, estão o fato de que essas práticas discursivas são mascaradas pelo senso comum de que todos são aceitos no país "independentemente de classe, de cor, de religião ou de qualquer outra característica" (SILVA, 2011, p. 14), bem como já estão naturalizadas na sociedade e "compreendidas com base em um sistema avaliativo-classificatório, no qual, quanto mais branco o sujeito, melhor será sua avaliação-classificação e, quanto mais negro,

pior será sua avaliação-classificação" (SILVA, 2011, p. 16).

Sabido isto, é possível imaginar que, por mais que haja um imaginário dominante de democracia racial, estudos como de Florenzano (2017) mostram que o discurso racista esteve presente nas relações do futebol durante todo esse tempo - e nunca se dissipou. Florenzano (2017) trata da abordagem da imprensa a respeito do início do sucesso de Pelé no Santos e conta que o jogador, no início de sua carreira profissional, recebia um "amplo repertório de expressões racistas equivocadas para designá-lo" (FLORENZANO, 2017),¹¹ como *chocolatezinho do Santos* - exemplo ressaltado pelo autor como termo que tentaria suavizar sua identidade negra e promover seu branqueamento simbólico. Pelé também era tido pela imprensa como um "bom negro", ou seja, o tipo que "assume o mundo branco" ou é "uma perfeita réplica do branco". Ao falar do negro na sociedade francesa, Fanon (2008) explica um pouco do que seria este negro que cabe no mundo dos brancos:

Queira ou não queira, o negro deve vestir a libré que lhe o branco lhe impôs. Observem que, nos periódicos ilustrados para crianças, todos os negros têm na boca o "sim sinhô" ritual. No cinema, a história é mais extraordinária ainda. A maior parte dos filmes americanos dublados na França reproduzem negros do tipo: *y'a bon banania*. Em um desses filmes recentes, *Requins d'acier*, via-se um preto embarcado em um submarino, falando o jargão mais clássico possível. Além do mais, ele era bem preto, andava sempre atrás dos demais, tremendo ao menor movimento de cólera do contramestre e sendo, enfim, morto na aventura. Estou convencido de que a versão original não comportava esta modalidade de expressão. E, se fosse o caso, não compreendo porque na França democrática, onde sessenta milhões de cidadãos são de cor, seriam dubladas até mesmo as imbecilidades do Além-Atlântico. É que o preto deve sempre ser apresentado de certa maneira, e, desde o negro do filme *Sans pitié* - "eu bom operário, nunca mentir, nunca roubar", até a criada do *Duel au soleil*, encontramos o mesmo estereótipo.

Sim, do negro exige-se que seja um bom preto: isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar *petit-nègre* é aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um aparecer pelo qual ele não é responsável (FANON, 2008, p. 47).

Para Helal e Gordon Jr. (2001), o que ocorre no futebol, portanto, é um certo "relaxamento" das tensões raciais. Embora esse esporte tenha aberto um espaço simbólico

¹¹ Texto publicado de forma online no site Nexa

para o negro, a partir do momento em que era possível se destacar e ascender a partir do futebol, foi o profissionalismo que permitiu com que houvesse uma maior presença de negros em detrimento a outros esportes, como vôlei e basquete, que permaneceram no amadorismo durante um bom tempo. A defesa pelo amadorismo no futebol, descrita no início deste capítulo, era nada mais do que um discurso por um “futebol não negro” (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 65).

2.1 O negro no futebol pelos olhos do mito da democracia racial e da sociedade capitalista: Brasil e Europa

Começamos esta seção com uma história¹² que nos ajuda a entender um pouco das relações raciais presentes no futebol. É a história de um caso de racismo emblemático ocorrido no Estádio do Morumbi, em 2005, em um jogo entre o São Paulo e o time argentino Quilmes, pela Libertadores. Nesta ocasião, o jogador argentino Leandro Desábato, que atuava pelo Quilmes, ofendeu o jogador brasileiro Grafite, que atuava pelo São Paulo, proferindo alguns insultos que destacavam a condição de Grafite enquanto negro, como "negro de merda", "macaco" e "negrito".

Tendo feito isso, Desábato, em terras brasileiras, recebeu voz de prisão ainda no gramado e passou dois dias preso sob o crime de injúria qualificada. Este foi considerado o primeiro caso de racismo no futebol brasileiro no qual foram tomadas providências imediatas, mas seu desdobramento ainda envolve outros fatores: na Argentina, a ofensa racial não é crime, de forma que a atitude da denúncia por parte de Grafite foi bastante contestada. Pressionado e atacado por ter denunciado o crime,¹³ Grafite retirou a queixa em outubro do mesmo ano e o caso foi encerrado.

O caso Grafite/Desábato, segundo Tonini (2012), ressalta o quanto existe uma cultura latente no futebol de que o negro não deve levar as ofensas a sério. Ao retomar notícias a respeito desse caso, o autor encontra argumentos publicados em editoriais que reforçam essa

¹² Disponível em:

<<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/04/13/racismo-e-prisao-em-campo-caso-grafite-e-desabato-completa-10-anos.htm>> Acesso em 04 Fev 2019

¹³ Disponível em:

<<https://tv.uol.com.br/video/caso-desabato-criticado-por-denuncia-grafite-desistiu-de-prestar-queixa-0402CD983266C0B16326>> Acesso em 04 Fev 2019

questão, bem como outros que minimizam a ofensa racial ao destacar a rivalidade (também imposta midiaticamente) entre Brasil e Argentina. Ele relata, ainda, que há negros que preferem não denunciar o racismo para que o ocorrido não manche as suas carreiras. Sobre isso, Giglio, Tonini e Rubio (2014) destacam:

Cabe dizer ainda que os negros são desencorajados a combater o racismo, pois tudo é um convite a "deixar de lado": a recorrência dos casos, as diferentes alegações, a falta de seriedade no combate por parte dos dirigentes esportivos e das autoridades policiais e jurídicas, a aplicação de penas irrisórias (mesmo diante do flagrante), a falta total de apoio (seja dos jogadores, treinadores e dirigentes, seja dos empresários e dos próprios familiares, que acham que a denúncia pode prejudicar a sequência da carreira) e a cultura de cordialidade brasileira, de suposta democracia racial e de que os insultos fazem parte do futebol (GIGLIO; TONINI; RUBIO, 2014, p. 284-285).

Giglio, Tonini e Rubio (2014) analisaram a trajetória do jogador Dermival Lima, conhecido no esporte como Baiano, a partir de uma história oral. Nesse depoimento, Lima conta que sofreu racismo dos colegas do Boca Juniors, time para o qual foi contratado com status de ídolo, quando Desábato ficou preso. A partir de então, Baiano passou a sofrer ofensas raciais de seus colegas. Por ser o único negro com esse status na Argentina, passou a ser comparado com Grafite a partir de violências verbais e simbólicas, o que motivou a volta de Baiano para o Brasil (GIGLIO; TONINI; RUBIO, 2014, p. 267-268). Nesse trabalho, o próprio Baiano conta aos autores que a palavra "negro" tem uma conotação pejorativa muito forte no mundo do futebol.

Em Giglio, Tonini e Rubio (2014) também temos o destaque de que a negação do racismo e a suposta democracia racial está imposta até mesmo nos apelidos de alguns jogadores negros, como o próprio Grafite, ou Tinga, além de destacar que o diminutivo em palavras como "negrinho" e "escurinho" tornam por disfarçar um racismo velado de carinho com a pessoa à quem a palavra é dirigida. A cultura do meio futebolístico faz, assim, com que os jogadores aceitem esses termos, como ressaltam os autores:

Se num primeiro momento essas denominações aparentam certa amabilidade, cordialidade ou até mesmo harmonia racial, num segundo instante remetem à suposta docilidade dos negros nas relações raciais, a mesma que historicamente é (mal) ensinada nas escolas em

referência a sua suposta falta de resistência frente à colonização portuguesa e à escravização (GIGLIO; TONINI; RUBIO, 2014, p.273).

Para discutir as relações raciais no futebol, temos que saber que o esporte é, a priori, inserido dentro de uma sociedade predominantemente capitalista, bem como é composto por diversos elementos que caracterizam este aspecto (REIS; ESCHER, 2006). A partir do momento no qual se observou que era possível que os negros ascendessem por meio do esporte, essa ideia também se popularizou para seus similares. Tudo começa com um sonho e uma ideia de superação por meio do esporte: a meritocracia ainda é preponderante, como nos lembram Reis e Escher (2006, p.30). Isso faz com que muitos garotos - geralmente, negros e pobres -, ao observar a idolatria em torno de craques que vieram de origens semelhantes, apostem no “mito da ascensão social pelo esporte, que é constantemente enfatizado pelos meios de comunicação” (REIS; ESCHER, 2006, p. 30).

Quando esses garotos conseguem alçar voos altos na carreira, a compensação financeira passa a ser um atrativo. Mas há uma segunda história por trás disso: por mais alto que seja o saldo na conta bancária, a sua origem sempre será um fator determinante. Temos como exemplo o caso do jogador José Paulo Bezerra Maciel Junior, o Paulinho, que atua como volante no chinês Guangzhou Evergrande. Paulinho chegou a abandonar o futebol aos 19 anos por conta de uma depressão em decorrência do racismo sofrido na Lituânia. Para o *The Players' Tribune*,¹⁴ ele escreve:

Nas ruas, as pessoas esbarravam na gente pra tentar provocar. Eles nos insultavam. Nos jogos, os torcedores dos times adversários faziam barulho de macacos e jogavam moeda contra a gente. Era um sentimento doentio. Nós sabíamos que aquele não era o nosso país, então nós tínhamos de aceitar aquilo e seguir em diante. Mas ninguém merece ser tratado daquele jeito. Depois de uma temporada lá, fui jogar na Polônia, mas eu estava marcado por aquela experiência. Foi uma época bastante solitária. Eu saí do Brasil aos 17 anos com o objetivo de dar à minha família uma vida melhor, mas quando eu voltei pra casa dois anos depois eu estava completamente desiludido com o futebol (PAULINHO,¹⁵ 2018).

¹⁴ *The Players' Tribune* é um site que conta com vídeos e depoimentos orais transcritos de jogadores de diversos esportes. Em sua página "Sobre", o site se descreve como "uma plataforma para conectar atletas diretamente com seus fãs, nas suas próprias palavras". Disponível em: <<https://www.theplayerstribune.com/en-us/about>> Acesso em 26 Jan 2019

¹⁵ Optei por manter o nome original com o qual o atleta assina o texto no site, que também é o nome pelo qual ele é conhecido no futebol

O artigo de Tonini (2013), que traz algumas conclusões preliminares de sua pesquisa de doutorado a respeito do racismo sofrido por brasileiros no futebol estrangeiro, ressalta que a migração de jogadores para outros países está relacionada a alguns fatores como uma ter uma oportunidade de ascensão na carreira, ser valorizado enquanto atleta, jogar ao lado de atletas consagrados, conquistar fama e dinheiro, mas que estes, por mais que vivam em outros locais, são sempre vistos e também sempre se sentem como estrangeiros. O pesquisador utiliza da oralidade para trazer essas informações a partir das percepções de pessoas que tiveram essa experiência. Ele avalia que esse é um problema pouco discutido na academia brasileira.

É preciso lembrar que, na visão do pesquisador, o racismo na Europa, onde está localizada a situação a ser analisada, tem tons muito mais parecidos com o racismo dos Estados Unidos do que o racismo brasileiro. Já discutimos por aqui que, com as políticas de miscigenação, as pessoas são discriminadas pelo fenótipo no Brasil. Já na Europa, tal qual os norte-americanos, esse racismo é mais explícito e destinado a todos aqueles que possuem origem e sangue negro (TONINI, 2013). No futebol, isso se torna ainda mais explícito por meio das liberdades adquiridas pelos torcedores, amparados pela falta de punição severa, que utilizam os estádios e também se utilizam da desculpa da linguagem emocional do futebol para demonstrar seus discursos nacionalistas.

Nesse sentido, o futebol, ao invés de ser um espaço exemplar de democracia racial, crença esta compartilhada por pessoas comuns e até mesmo intelectuais brasileiros, coloca-se como um local público singular para a disseminação e a prática do racismo. É recorrente o imaginário social de que o futebol se constitui um espaço (dentro do estádio) - tempo (durante noventa minutos) desassociado das leis de uma sociedade (TONINI, 2013, p. 9).

Embora haja a tal desculpa da linguagem emocional, o racismo no futebol é calcado pela violência verbal. E, como aborda Reis (2006), a violência no futebol encontra suas bases na sociedade na qual ela se encontra, bem como na "formação do indivíduo" e de seu "entorno social" (REIS, 2006, p. 16). Há a "disseminação de uma cultura de que a violência e o esporte sempre caminharam juntos" (REIS, 2006, p. 17) que trabalha por agravar mais ainda esses processos. Assim, a linguagem trabalha por discursivizar formas de preconceito, de exclusão,

de coerção e de violência. Uma das violências mais comuns que os brasileiros negros sofrem ao jogar na Europa é serem comparados com macacos, o que é definido da seguinte forma por Giglio, Tonini e Rubio (2014):

Utilizar a metáfora animal para representar os brasileiros significa bestializar-nos, retirar-nos a condição humana. Indiretamente, faz uma referência à origem africana de nossa formação étnica, assim como a escravidão à qual foram submetidos os negros na história moderna (GIGLIO et al, 2014, p. 282).

O último relatório anual da Discriminação Racial No Futebol (MANERA; CARVALHO, 2018), organizado pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol e pelo Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PROREXT, buscou analisar casos de racismo no futebol brasileiro, bem como de preconceito e discriminação com atletas brasileiros no exterior, referentes ao período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2017. Os dados foram coletados na mídia nacional e internacional. Foram identificados 69 casos envolvendo o futebol, sendo 51 de discriminação racial, 61 em solo brasileiro e 08 em outros países envolvendo atletas brasileiros (MANERA; CARVALHO, 2018, p. 14). Os autores comentam que, embora seja possível identificar que esses casos ocorreram, é mais difícil saber seus desdobramentos - ou seja, se houve uma punição para quem os incitou ou se o caso ainda corre na justiça e na justiça desportiva.

Além dos casos de racismo, os autores ainda encontraram um "crescente número de incidentes machistas, homofóbicos e xenofóbicos no futebol brasileiro" (MANERA; CARVALHO, 2018, p. 12), o que, embora reflita o pensamento dominante de que o ato de torcer seria um campo livre para as manifestações deste tipo, também reflete que houve um número crescente de denúncias a respeito destes casos.

Devemos lembrar que ainda há um segundo fator trazido pelo racismo que os negros acabam tendo de encarar dentro da estrutura do mito da democracia racial que o futebol lhes oferece. Como ressalta Pires (2018), o futebol é carregado de um racismo institucional que reverbera nos cargos mais altos relacionados ao esporte. Há uma falsa integração racial dos negros no mundo do futebol, já que estes são raros em posições como a de treinadores ou de dirigentes de um clube. Giglio et al (2014) lembram que, como a sociedade é racista, a

hierarquia do futebol não poderia deixar de ser.

Em entrevista ao jornalista Breiller Pires, para o El País¹⁶, Marcelo Carvalho, fundador do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, afirma que "está implícito na sociedade que o negro só consegue ascender como músico ou jogador de futebol. Depois que ele entra nesse meio, percebe que seu espaço é apenas para jogar" e que times que possuem negros em cargos como conselheiros e dirigentes são exceções à regra. Sobre a participação dos negros nas camadas mais altas do esporte, ele comenta:

O que mais me inquietou foi sempre ter ouvido que o futebol era um espaço democrático, onde negros não sofriam racismo. Essa história de democracia racial é uma falácia, principalmente no futebol. Os espaços para os negros são bem demarcados. É difícil encontrá-los nos setores mais nobres dos estádios, na gerência dos clubes, em posições de confiança nos times, seja como capitão, goleiro ou treinador.

Em Bradbury (2013), o autor detalha que o racismo institucional no futebol também se faz presente na Europa. Por mais que o continente carregue uma narrativa de um futebol multicultural - narrativa esta que, inclusive, é midiaticizada - as minorias étnicas não se fazem presentes nas representações mais altas do esporte. Ele argumenta ainda que "pouca atenção acadêmica vem sendo prestada para a relação entre processos e práticas do racismo institucional e a baixa representação das minorias em cargos de treinador e posições de liderança no futebol"¹⁷ (BRADBURY, 2013, p. 299).

2.2 Racismo e xenofobia à europeia disfarçados no ato de torcer

Nos tempos atuais, é comum encontrar brasileiros que torcem com afínco para times estrangeiros - especialmente os europeus, nos quais estão centrados aqueles que são reconhecidos como os melhores jogadores do mundo. Tanto é que a premiação oferecida no continente é utilizada para balizar aquele que detém o poder de ser o melhor do esporte em

¹⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/19/deportes/1542664009_657682.html> Acesso em 26 Jan 2018

¹⁷ "Much less academic attention has been paid to the relationship between processes and practices of institutional racism and minority under-representation in coaching and leadership positions in football" (BRADBURY, 2013, p. 299)

nível mundial. Mas, só para exemplificar, é sabido que, desde 2008 até 2017,¹⁸ Cristiano Ronaldo¹⁹ disputou essa premiação²⁰ par a par com Lionel Messi,²¹ cuja vida de jogador profissional foi toda construída no espanhol Barcelona, em terras catalãs - muito longe de sua terra natal, Rosario, na província de Santa Fe, na Argentina. Antes dessa disputa, o prêmio de melhor do mundo pela FIFA também já passou pelas mãos de alguns brasileiros, como Ronaldo, em atuação no Real Madrid, Ronaldinho Gaúcho, em atuação no Barcelona, e Kaká, em atuação no Milan.

Mas nem sempre foi assim. Antes de 1995, o *Ballon D'Or* era aberto apenas para premiar o melhor jogador europeu. Os estrangeiros, por mais que atuassem nesses times, não possuíam a oportunidade de atingir essa posição de destaque. Como relata Franco Júnior (2007), a internacionalização do futebol só ocorreu de vez quando o belga Jean-Marc Bosman, que atuava pelo RFC Liège, não aceitou renovar seu contrato com os termos impostos pelo clube, que pagaria um valor quatro vezes menor do que o anterior. A entrada desse jogador na justiça para garantir direitos que acreditava serem justos nessa transação foi o que deu origem à Lei Bosman, que tornou ilegal a indenização da transferência de jogadores bem como deixou de limitar o número de estrangeiros que poderiam jogar por um clube. Em 2001, após novas reivindicações, a FIFA sancionou que essas novas regras também valeriam para os países que não integravam a Comunidade Europeia.

Este modelo abriu espaço para que o futebol, cada vez mais, fosse um produto de alto valor de mercado. O autor ainda destaca que as grandes potências que contratam jogadores estrangeiros se beneficiam dessas medidas em um aspecto macro. Torcedores espalhados pelo mundo também significam mais oportunidades para o time lucrar, seja em uma transmissão de televisão, um jogo de videogame ou na venda de um artigo esportivo oficial.

Só que este novo modelo do futebol jogado no continente europeu também levou os pensamentos nacionalistas para dentro dos estádios. Franco Júnior (2007, p. 125) aponta que o futebol, assim, trabalha como caixa de ressonância de uma "fratura social que atinge a

¹⁸ Em 2018, o vencedor foi o croata Luka Modrić, meia do Real Madrid e vice-campeão da Copa do Mundo 2018 com a seleção da Croácia.

¹⁹ Jogador português que atuou por nove anos no espanhol Real Madrid e que agora se encontra no italiano Juventus, Cristiano Ronaldo dos Santos Aveiro ficou com o prêmio nos anos de 2008, 2013, 2014, 2016 e 2017.

²⁰ O prêmio *Ballon D'Or* (Bola de Ouro), criado pela revista *France Football* em 1956, premia os melhores jogadores de futebol que atuam na Europa. Em 1995, ele passou a ser aberto a jogadores não-europeus que atuam no continente e, em 2010, teve seus direitos vendidos para a FIFA, sendo, assim, fundido com a premiação de "Melhor do Mundo" promovida pela entidade. Viuda-Serrano (2014, p. 31) observa que esse prêmio trabalhou por reforçar a supremacia da Europa no futebol mundial.

²¹ Lionel Andrés Messi Cuccittini levou a premiação em 2009, 2010, 2011, 2012 e 2015.

Europa". Como ressalta Tonini (2013), a nova realidade do futebol, "globalizado e multicultural" (TONINI, 2013, p.2), faz com que as equipes apresentem uma grande diversidade de nacionalidades dentro de seu quadro de atletas.²² Sobre a questão da globalização no futebol, focando no caso específico do *calcio*, o futebol italiano, Florenzano (2010) comenta:

A Babel do futebol, no entanto, comportava aspectos contraditórios, desvelava múltiplas feições, abrigava, ao mesmo tempo, a tensão estabelecida pelo ingresso contínuo e crescente dos forasteiros, vistos como uma terrível ameaça à identidade nacional, e a força do processo global que abalava as fronteiras regionais, abolia os entraves à livre circulação de atletas e rompia os parâmetros financeiros na gestão dos clubes (FLORENZANO, 2010, 151-152)

O trabalho de Viuda-Serrano (2014), que analisa diretamente as relações de identidade europeia a partir do futebol, conclui que o esporte é capaz de gerar uma identidade supranacional distinta das identidades nacionais no povo europeu. Esta seria uma "identidade híbrida, complexa e coexistente com outras identidades da pessoa" (VIUDA-SERRANO, 2014, p. 20). Com isso, a tal identidade europeia também poderia abrir espaço para um nacionalismo étnico, no qual o racismo e a xenofobia seriam formas de discriminação intrínsecas a este discurso.

Em seu trabalho sobre os torcedores *ultra*²³ e a presença dos negros no *calcio*, Florenzano (2010) comenta que, ao mesmo tempo em que esses atletas tinham que se enquadrar em todas as regras impostas pelo clube, desde esquemas táticos até expectativas de comportamento, eles também teriam que estar sujeitos a serem tratados como diferentes ao ouvirem a rejeição por parte das torcidas, que não os acolhiam na sociedade. O discurso proferido pelos chamados torcedores ultra era contra a presença desses jogadores e capaz de "atribuir novos significados ao jogo" (FLORENZANO, 2010, p. 168).

²² Tonini (2013) lembra que há poucas exceções neste modelo, como o Athletic Bilbao, que é composto apenas por atletas nascidos no país Basco ou com ascendência basca.

²³ "Na Europa dois estilos de torcedores se destacam: os hooligans e os ultras" (FREITAS et al, 2017, p.83). O comportamento agressivo dos hooligans é visto nos ultras, mas em menor escala. "Eles surgiram inicialmente na Itália na década de 1970 e se espalharam pelo sul do continente. São tidos como torcedores mais organizados, militantes e participativos, promovendo ações das arquibancadas através de bandeirões e fogos" (FREITAS et al, 2017, p.84)

Enquanto a classe dirigente explorava com avidez crescente o mercado global, e celebrava a livre circulação de atletas estrangeiros, inclusive africanos, a extrema direita se empenhava em criar-lhes um ambiente infernal nos estádios de futebol (FLORENZANO, 2010, p. 160).

Ao desenvolver pesquisas a respeito da violência no futebol da Espanha, Reis (2006) pode identificar que o racismo é uma das raízes da violência em geral na Europa, assim como o alcoolismo e o consumo de outras drogas. Essa violência, segundo a autora, apenas encontrou nos estádios uma forma de “permissividade e impunidade” (REIS, 2006, p. 33). Sobre isso, a autora também aborda:

No caso da igualdade, percebe-se que os grupos europeus mais violentos têm inculcado seu sentimento de superioridade em relação a outros grupos inclusive no que tange a questões raciais. É forte o vínculo entre torcedores violentos e movimentos neonazistas ou nacionalistas europeus (REIS, 2006, p. 33).

Na Europa, esses episódios violentos são justamente intensificados pelas relações de identidade das quais fala Viuda-Serrano (2004). Essas relações, para Reis (2006), podem levar os torcedores a não conseguirem identificar os limites entre sua vida e uma equipe ou sua vida e um jogador, de forma que os torcedores também tendem a depositar todas as suas frustrações neste processo (DUNNING, 2014).

Assim, Europa e Brasil vivem situações diferentes a respeito do racismo no futebol, mas que, de alguma forma, se complementam. Enquanto no Brasil esse racismo é velado e disfarçado em meio a brincadeiras e apelidos de jogadores, na Europa ele é mais explícito - reforçado pelo ato de torcer e por uma crescente onda nacionalista no continente, que acaba por atingir os jogadores não-europeus. Como Tonini (2013) ressalta, o racismo na Europa é dado pela origem e não pelo fenótipo, como no Brasil (GUIMARÃES, 1995). Para os jogadores que vão ao continente buscando atingir o sonho de ser visto e reconhecido enquanto profissional, este é um empecilho latente.

Tendo detalhada esta discussão, o capítulo seguinte visa abordar o discurso midiático com foco no esporte para entender como ele pode ajudar a reforçar as características que ajudam a construir o problema discursivo do racismo na sociedade brasileira.

3 DISCURSO MIDIÁTICO: A LINGUAGEM EMOCIONAL DO ESPORTE E A VOZ DO REPÓRTER

*"You and I
We might be strangers
However close we get sometimes
It's like we never met"*

- Wilco

Este capítulo visa a discutir o discurso midiático comum ao jornalismo esportivo, que é uma área especializada desta prática que possui tons muito particulares em relação a algumas outras editorias. O discurso midiático do esporte, como “desempenha um papel fundamental no consumo, propriedade e entrega do esporte”²⁴ (JARVIE, 2013, p. 132), é carregado de uma linguagem emocional que visa levar ao leitor todos os sentimentos envolvidos em uma modalidade esportiva - de forma que este discurso está ainda mais sujeito à subjetividade.

Entretanto, trabalho com a noção de voz do repórter descrita por autores como Iedema, Feez e White (1994), Martin e White (2005) e White (2009) para começar a compreender como a Linguística Sistêmico-Funcional, o Sistema de Transitividade e o Sistema de Avaliatividade, a serem discutidos nos capítulos que sucedem a este, podem ser teorias-chave para desvelar esses discursos e os padrões de julgamento implícitos neles.

Não há dúvidas de que assistir futebol como estamos acostumados hoje em dia muito tem a ver com a midiática desse esporte. Reis (2006) argumenta que um dos principais fatores que levaram o esporte a ser um sucesso são “os investimentos dos meios de comunicação para convertê-lo no eixo da informação esportiva, captando clientes por meio do uso deste como um importante agregado de divulgação” (REIS, 2006, p. 14).

Jarvie (2013) nos lembra que, até o século 19, o esporte ocupava um lugar marginal na mídia, mas que os esportes e a imprensa moderna cresceram praticamente juntos, abrindo espaço para culturas que cresceram em torno de alguns esportes e eventos específicos. Gastaldo (2011) exemplifica isso ao dizer que tanto o esporte quanto os meios de

²⁴ The media have come to play a fundamental role in the consumption, ownership and delivery of sport (JARVIE, 2006, p. 132)

comunicação de massa são frutos do mundo moderno, uma vez que ambos surgiram em períodos próximos e que recursos como a fotografia e a impressão colaboraram para que o esporte também se tornasse um fenômeno da cultura de massa. "Mais do que fenômenos paralelos, esporte e mídia construíram-se mutuamente" (GASTALDO, 2011, p. 41).

Contudo, essa situação se fundiu de tal forma que, hoje, o controle de muitas das atividades mais populares, principalmente do futebol, está nas mãos das grandes empresas de comunicação. A produção dessas mensagens a serem consumidas passa, inevitavelmente, por um processo de "hierarquização, personalização, narrativização e enquadramento de eventos para uma audiência em particular"²⁵ (JARVIE, 2013, p.139). Sobre isso, Jarvie (2013) ainda comenta:

...nós vivemos em um mundo no qual a mídia e as redes possuem uma influência profunda sobre o esporte e a maneira com a qual ele é formatado, representado, apresentado, consumido e disputado. Heróis e heroínas do esporte são criados e destruídos pela influência da mídia esportiva. A forma com a qual eventos esportivos em particular são relatados influencia o que as pessoas pensam a respeito de uma ação ou evento em particular no esporte²⁶ (JARVIE, 2013, p. 147)

Para Gastaldo (2005), a popularização de um esporte por meio de sua midiaticização também aumenta o interesse de leigos que precisam ter seus lances traduzidos, de forma que a experiência de assistir a uma partida se torne mais completa para aqueles que também desconhecem a prática. O autor lembra até mesmo dos torcedores que vão assistir a jogos de futebol em estádios e, ao invés de privilegiarem sua própria perspectiva a respeito do que está sendo visto, preferem acompanhar a narração dos comentaristas via rádio e sintetiza essa ideia da seguinte maneira:

Originalmente uma atividade para ser "praticada", o esporte tornou-se, com o surgimento e o crescimento da comunicação de massa, cada vez mais um "espetáculo" para ser "assistido", visando a um consumo massificado. Essa incorporação do esporte pela indústria

²⁵ "The production of the media message invariably involves hierarchisation, personalisation, narrativising and framing of events for a particular audience" (JARVIE, 2006, p. 139).

²⁶ "...we live in a world in which the media and networks have a profound influence upon sport and the way its shaped, represented, presented, consumed and challenged. Sporting heroes and heroines are created and destroyed by the influence of the sports media. The way in which particular sporting events are covered influences what people think about particular sporting action or events" (JARVIE, 2006, p. 147)

cultural gera um divórcio entre prática e consumo, já que não é necessário ter praticado um esporte para assisti-lo pela televisão e emocionar-se com a ansiedade pelo resultado (GASTALDO, 2005, p. 115)

Ao argumentar sobre o jornalismo especializado, Lage (2008) aponta que o jornalismo esportivo é o “jogo ou a disputa” (p. 115). Com isso, ele destaca que o papel do repórter desta editoria é de concentrar as emoções e as declarações envolvidas em uma atividade desportiva. “Mas não deve perder de vista os aspectos éticos do esporte, seu poder de catarse - catalisador de tensões sociais - e a finalidade educativa de sua prática, que deve voltar-se para a saúde física e mental” (LAGE, 2008, p. 115).

O autor ainda ressalta que esse tipo de editoria, assim como a política, admite a presença de elementos exteriores aos acontecimentos para conferir sentido ao que é passado. Enquanto atividade social, o futebol também possui sua dimensão política (LAGE, 2008). Tendo isso em mente, “qualquer jornalista terá, em algum momento, que lidar com raciocínios, interesses e manobras políticas envolvendo os fatos de sua área de atuação” (LAGE, 2008, p. 117).

Como destaca Helal (1998), "o espaço dedicado na mídia para os eventos esportivos é, muitas vezes, maior do que o dedicado à economia ou à política". Isso se deve por conta de uma relação afetiva do público consumidor com esse tipo de atividade, bem como também as atividades esportivas ocupam um considerável tempo na vida dos brasileiros, já que, no país, "o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional" (GOELLNER, 2005, p 150).

Santos e Medeiros (2009) lembram que os processos comunicativos geram códigos que "produzem efeitos de percepção, processos de recepção e comportamentos sociais" (SANTOS; MEDEIROS, 2009, p.1). Dessa forma, esses processos são responsáveis por influenciar direta ou indiretamente na vida de quem os consome - e, no caso do esporte, que é analisado pelos autores, também identifica-se que atletas podem ser tidos como atores sociais do esporte dentro desse discurso midiático específico, colocando sua representação como modelo de moral, seja este modelo positivo ou negativo.

3.1 “Afinal, quem está falando?” - a noção de voz do repórter

Como nos lembra Charaudeau (2012), o discurso midiático está influenciado, a princípio, pela empresa que o detém. Desta forma, adota-se uma lógica calcada em uma “economia de tipo liberal” (CHARAUDEAU, 2012, p. 58) na qual são buscados vários métodos para cativar seu público frente aos outros concorrentes. Para ele, “não há “grau zero” da informação” (CHARAUDEAU, 2012, p. 59). Sobre este fator, o autor destaca:

O imperativo de captação a obriga a recorrer à sedução, o que nem sempre atende à exigência de credibilidade que lhe cabe na função de “serviço ao cidadão” - sem mencionar que a informação, pelo fato de referir-se aos acontecimentos do espaço público político e civil, nem sempre estará isenta de posições ideológicas (CHARAUDEAU, 2012, p. 59).

A partir do momento em que o discurso midiático também é uma construção feita para seduzir o leitor, Charaudeau (2012) ainda nos detalha que o acontecimento é sempre construído a partir desse discurso, já que ele nunca terá os mesmos tons absorvidos inicialmente. Isso ocorre porque ele passa pelo crivo de alguém que o relata de acordo com as suas próprias percepções. O acontecimento, assim, nunca é entregue ao leitor em seu estado bruto (CHARAUDEAU, 2012, p. 95). Tendo em conta que a construção da notícia é, portanto, um mundo filtrado, o autor exemplifica:

Mortos são mortos, mas para que signifiquem “genocídio”, “purificação étnica”, “solução final”, “vítimas do destino”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista, é necessário nomeá-lo (CHARAUDEAU, 2012, p. 131).

A visão do autor, portanto, ajuda a compreender como White (2009) visualiza as *hard news*, que são nosso objeto de pesquisa neste trabalho. Este tipo de matéria, em sua concepção, contaria com uma linguagem mais objetiva que traria textos “factuais, imparciais, equilibrados e livres de qualquer uma das opiniões e perspectivas próprias do autor” (WHITE, 2009, p. 30). Sua esquematização, por conta de seu dito caráter de imparcialidade, é elemento central do jornalismo em diversas linguagens e culturas. Segundo White (2009), *hard news* é:

O *hard news* é um pilar central do jornalismo de notícias moderno na língua inglesa e do

jornalismo de outras línguas e culturas. Ele é um tipo de texto no qual eventos noticiosos, como acidentes, desastres naturais, crimes, quedas de mercados de ações, resultados de eleições, descobertas médicas e atos de guerra são reportados. A referência para esse tipo de texto, especialmente quando ele é formulado para o jornalismo de grandes empresas, é de que as instituições jornalísticas trabalham com a objetividade em seus discursos - ou seja, afirmam que, na forma de reportagem, os textos jornalísticos são "factuais", "imparciais", "balanceados" e livres de qualquer opinião e perspectiva própria do autor" (WHITE, 2009, p. 30)²⁷

Contudo, White (2009), assim como Charaudeau (2012), considera que esse tipo de texto pode influenciar, por meio da retórica, o entendimento e a visão de alguns eventos por parte do leitor, de forma que White quebra com a noção de objetividade e entende que "todos os textos, incluindo os textos jornalísticos, são, de alguma forma, subjetivos, já que estão necessariamente condicionados pela própria identidade social do autor" (WHITE, 2009, p. 31). Nas *hard news*, o uso da impessoalidade para redigir os textos seria chave para mascarar esses aspectos, mas as escolhas durante o texto também deixariam implícitos seus significados avaliativos.

Recorro, então, à noção de voz jornalística, descrita em Iedema, Feez e White (1994), Martin e White (2005) e White (2009), para a realização deste trabalho, com foco no que eles chamam de "voz do repórter". Segundo estes autores, a voz jornalística está dividida em voz do repórter e voz do escritor. A segunda ainda conta com mais duas divisões: a voz do correspondente e a voz do comentarista. A voz do repórter está carregada de significados avaliativos, ou seja, a escolha das palavras utilizadas na notícia pode avaliar diretamente ou abrir espaço para a avaliação do leitor sobre o alguém ou algo que está sendo retratado no texto, tomando como base o Sistema de Avaliatividade²⁸ (MARTIN; WHITE, 2005; MARTIN; ROSE, 2008).

De acordo com essa noção, podemos entender que um texto, por mais que se coloque como objetivo e imparcial, sempre produz significados avaliativos. Como apontam Iedema,

²⁷ "The hard news report is a central pillar of modern, English-language news journalism and of the journalism of many other languages and cultures. It is by means of this type of text that prototypical "news" events, i.e. accidents, natural disasters, crimes, stock market crashes, election results, medical breakthroughs and acts of warfare, are reported. It is by reference to this type of text, especially as it is formulated in the "broadsheet" media, that journalistic institutions assert the "objectivity" of their discourse - i.e. they claim that, in the form of news report, journalistic texts are "factual", "impartial", "balanced" and free of any of the journalistic author's own opinions and perspectives" (WHITE, 2009, p. 30)

²⁸ A ser ampliado no capítulo 5

Feez e White (1994, p.3), "a forma com a qual eventos são observados, interpretados e reportados sempre estará condicionada pelo background social e pela perspectiva ideológica dos jornalistas, editores e *management*".

A partir do Sistema de Avaliatividade, White (2009) desenvolveu uma metodologia para identificar essa voz jornalística nos textos de *hard news* que envolve:

(1) significados onde o autor, por implicação ou associação, posiciona o leitor, indiretamente, a adotar uma orientação de atitude particular e (2) significados pelos quais as observações e pontos de vista atribuídos a algumas fontes citadas são favorecidos sobre, ou apresentados como mais críveis do que as observações e/ou pontos de vista de outras fontes (WHITE, 2009, p. 32).

Para Martin e White (2005, p. 183), a voz do repórter pode ser vista como um regime de impessoalidade estratégica na qual o papel da subjetividade do autor está no plano de fundo". Eles ainda acrescentam que, dessa forma, essa voz opera de maneira ideológica, já que apresenta a si mesma como factual e neutra. "Uma evidência da efetividade dessa ideologia é encontrar a persistência do senso comum de que o jornalismo de qualidade é objetivo e imparcial" (MARTIN; WHITE, 2005, p. 184).

White (2009), por fim, atesta que, quando o assunto a ser introduzido nas notícias é novo para o leitor, este pode ser profundamente influenciado por aquilo que é reportado, tanto no seu entendimento quanto nas avaliações que ele irá realizar a respeito do assunto que está sendo abordado. Se este assunto não se conecta com as experiências passadas do leitor, a tendência para que ele se baseie no que está sendo lido nas *hard news* para construir as suas ideias é grande.

Nos próximos dois capítulos, reflito sobre a Linguística Sistêmico-Funcional e como o Sistema de Avaliatividade, que é derivado desta teoria, pode ajudar a analisar textos que se apresentam como neutros para identificar vozes avaliativas.

4 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL COMO APORTE PARA A ANÁLISE DE DISCURSO

*"Coisas que a gente se esquece de dizer
Frases que o vento vem às vezes me lembrar
Coisas que ficaram muito tempo por dizer
Na canção do vento não se cansam de voar"*

Lô Borges

Neste capítulo, apresento a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) e seus principais conceitos, como contexto, registro, metafunções e sistemas, com um enfoque mais detalhado no sistema de transitividade, que servirá como base para a análise do corpus deste trabalho. Para tal, utilizo dos preceitos teóricos de autores como Halliday e Hasan (1989), Eggins (2004), Martin e Rose (2008), Fuzer e Cabral (2014), Halliday e Matthiessen (2014), Thompson (2014), entre outros.

Essa teoria, desenvolvida por Michael Halliday com base nas ideias de J.R. Firth e ampliada pelos seus seguidores (NEVES, 2004) pode ser vista como "uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico" (GOUVEIA, 2009), o estudo da relação entre a linguagem e suas funções em configurações sociais e uma base para debruçar o olhar sobre qualquer fenômeno comunicativo. Desenvolvida inicialmente como uma gramática para a língua inglesa, a LSF também é aplicada a outros idiomas por seus estudiosos—dentre eles, o Português (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010).

Na LSF, a linguagem é vista como um sistema sociosemiótico, uma vez que ela é capaz de abrigar diversas possibilidades de escolha de significados ou oposições (EGGINS, 2004), partindo do significado ao invés da forma, ela observa a linguagem em todas as suas manifestações (BARBARA; MACÊDO, 2009). Pode-se destacar que o interesse da LSF é ser uma base descritiva e interpretativa para olhar a linguagem “como um recurso estratégico e criador de significados” (EGGINS, 2004, p. 2) e para “trazer sentido à nossa experiência e

para desenvolver nossa relação com as outras pessoas” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.24). A partir disso,

(...) a gramática tem que possuir uma conexão com o que está fora da linguagem: com os acontecimentos e condições do mundo e com os processos sociais nos quais nos engajamos. Mas, ao mesmo tempo, ela deve organizar a construção da experiência e sancionar os processos sociais de forma que eles possam ser transformados em palavras. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 25)²⁹

Essa gramática é sistêmica porque pressupõe conjuntos de escolhas dentro da linguagem, o que constitui uma perspectiva paradigmática, ao contrário da tradicional, que é sintagmática. Na LSF observa-se um sistema probabilístico de escolha, ao contrário dos modelos tradicionais, nos quais existem possibilidades (THOMPSON, 2014). Neves (2004, p. 59) acrescenta ainda que é uma “gramática sistêmica que se interpreta metafuncionalmente” e, a partir de então, temos a diferenciação entre linguística funcional e linguística formal.

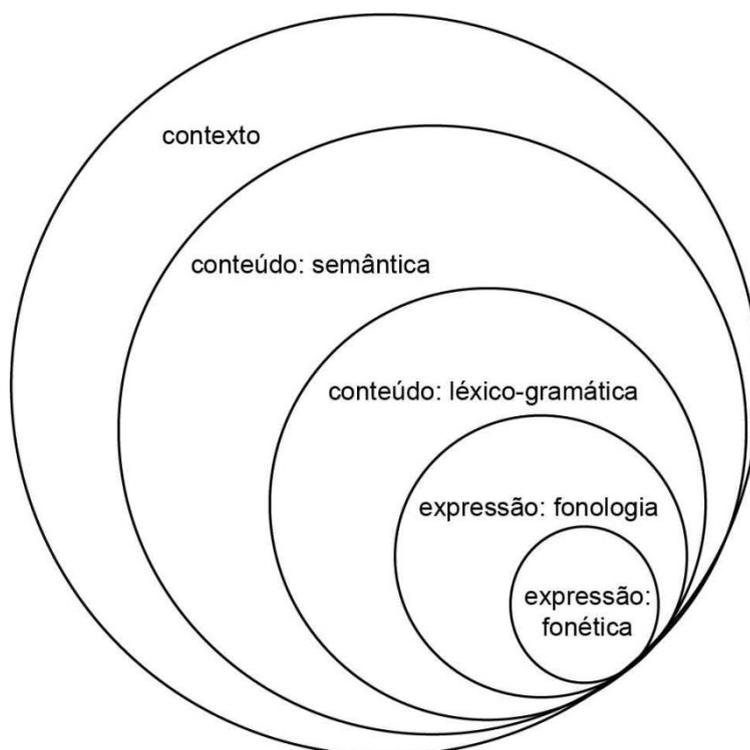
Gouveia (2009) lembra que a LSF é socialmente orientada, enquanto as gramáticas formais, em geral, possuem uma orientação biológica. O autor nos traz também que, na visão da LSF, a linguagem é movida pela forma com a qual vivemos, construímos experiências e (re)definimos nossa existência. Acima dessa linguagem, está o contexto que potencializa seu uso. Na LSF, o significado é definido pela semântica, enquanto as palavras são a léxico-gramática e as letras e sons, a grafologia e a fonologia (HALLIDAY, 2006; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). “A relação entre o estrato – o processo de ligar um nível de organização ao outro – é chamada de realização” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 25)³⁰ e essa realização também está inserida em um contexto a partir do qual podemos identificar onde essa linguagem está inserida (HALLIDAY; HASAN, 1989; EGGINS, 2004; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Halliday e Matthiessen (2014) nos trazem essas informações organizadas em um sistema que resume a forma como a linguagem se constitui em estratos a partir da perspectiva sistêmico-funcional. Podemos observar essa relação na Figura 1:

²⁹This means that the grammar has to interface with what goes on outside language: with the happenings and conditions of the world, and with the social processes we engage in. But at the same time it has to organize the construal of experience, and the enactment of social processes, so that they can be transformed into wording. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 25).

³⁰ “The relationship among the strata - the process of linking one level of organization with another - is called realization” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 25)

Figura 1 - Linguagem como sistema de estratos



Fonte: Adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 26

Um texto é instanciado a partir das relações demonstradas em cada estrato (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 27). Assim, a relação entre a forma com a qual esse texto é comunicado (escrito ou falado), suas escolhas léxico-gramaticais, os significados dessas escolhas e como elas se realizam dentro de um determinado contexto constituem um conjunto indissociável. Linguagem como sistema e linguagem como texto não são coisas independentes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

4.1 Texto e contexto

A unidade de maior funcionamento em uma análise orientada pela LSF é o texto (NEVES, 2009, p.63). Assim, essa análise deve considerar todo o contexto no qual ele está sendo construído para poder identificá-lo corretamente. Textos são produções autênticas de interações sociais, como salienta Eggins (2004). Como resumem Halliday e Matthiessen (2014, p.23), o texto é um processo de criar significados em contexto e também é o produto

de uma seleção em andamento em uma grande rede de sistemas. Fuzer e Cabral (2014, p.24) trazem que "o texto pode ser visto como um objeto em si mesmo e como um instrumento para atingir seu fim". Como uma análise orientada pela LSF parte do significado, não sendo possível ignorar as possíveis escolhas que podem existir de acordo com o propósito do texto (THOMPSON, 2014), lembramos que o texto, portanto, é fruto de um entorno específico e, portanto, construído para fazer significar neste mesmo entorno (FUZER; CABRAL, 2014).

Sendo assim, a noção de contexto se faz fundamental para compreender a linguagem a partir da perspectiva da LSF. O texto carrega consigo uma história, uma gramática, uma convenção e diversos outros fatores que estão sendo construídos externamente. Assim, não é possível dizer como as pessoas estão utilizando a linguagem se o contexto não for levado em consideração (EGGINS, 2004, p. 8). Como sintetiza Thompson (2014):

A Gramática Funcional se propõe a investigar qual é a gama de escolhas relevantes, tanto nos tipos de significado que podemos querer expressar (ou funções que podemos querer executar) quanto nos tipos de expressões que podemos usar para expressar esses significados; e para combinar esses dois conjuntos de escolhas. Para identificar as escolhas de significado, temos que olhar para o contexto (THOMPSON, 2014, p.9)³¹

Ainda segundo Thompson (2014), essas escolhas não são necessariamente conscientes por parte de quem produz o texto. Uma análise a partir da orientação sistêmico-funcional se ocupa em trazer à tona os motivos que levam um falante a fazer uma escolha léxico-gramatical em um contexto particular. Seria, por conseguinte, possível prever contexto a partir de um texto, bem como é possível prever o texto a ser utilizado em um contexto em específico (EGGINS, 2004).

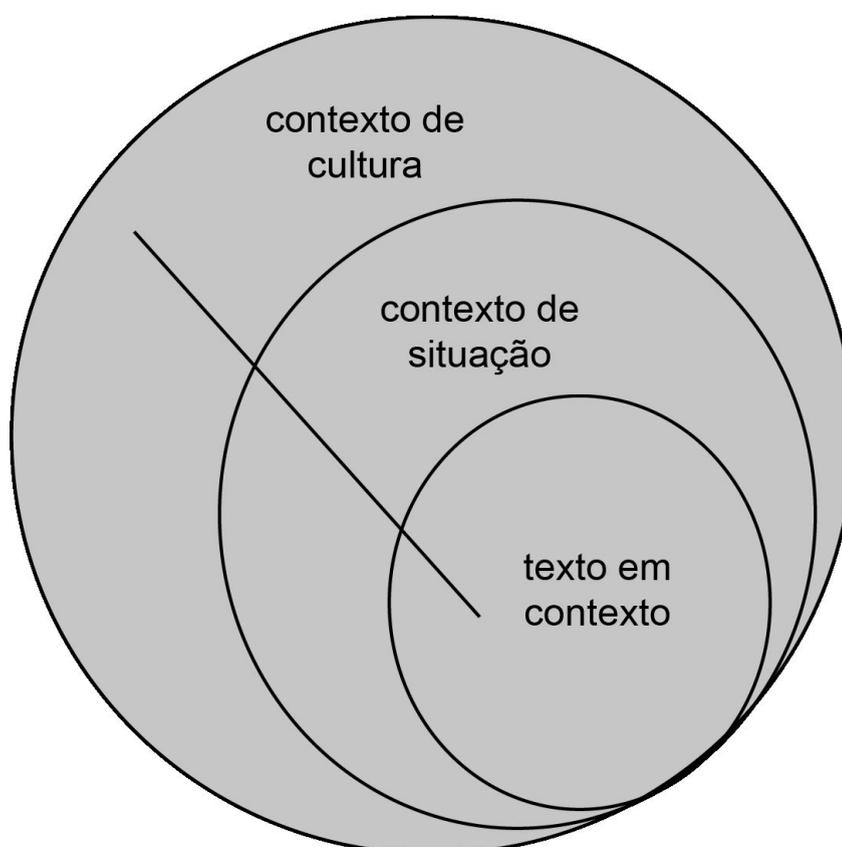
É essa relação da linguagem, do contexto e do texto que reforça a ideia de que a linguagem é um sistema sociosemiótico. Todas as suas camadas fazem parte de um mesmo processo, como colocado por Halliday e Hasan (1989). Ainda segundo os autores, um olhar sobre texto e contexto como fenômeno semiótico nos trazem a visão de que é possível navegar de um para o outro. Como lembra Gouveia (2009), todo texto é realizado por dois contextos: o contexto de situação e o contexto de cultura. Estes contextos ocorrem

³¹ "Functional Grammar sets out to investigate what the range of relevant choices are, both in the kinds of meaning that we might want to express (or functions that we might want to perform) and in the kinds of wordings that we can use to express these meanings; and to match these two sets of choices. In order to identify meaning choices, we have to look outwards at the context" (THOMPSON, 2014, p.9)

simultaneamente, "um dentro do outro" (GOUVEIA, 2009, p. 13), de forma que esses, embora não estejam explícitos na linguagem, a constroem.

Halliday e Hasan (1989) nos trazem que a noção de contexto de situação é baseada nos estudos do antropólogo Bronislaw Malinowski, que o definiu enquanto o envolvimento do texto com a situação na qual ele se apresenta. Há, ainda, a noção de contexto de cultura: a compreensão de um texto está em todo um pano de fundo, uma história da cultura que envolve quem o produz. Segundo Martin e Rose (2008), a relação entre o texto em contexto, o contexto de situação e o contexto de cultura é chamada, na LSF, de realização. Na Figura 2 observamos todas as camadas que envolvem essa realização de forma estratificada:

Figura 2 - Relação entre texto em contexto, contexto de situação e contexto de cultura



Fonte: Adaptado de MARTIN; ROSE, 2008

Sabemos, assim, que o texto em contexto faz parte de um determinado contexto de situação que, por sua vez, está dentro de um contexto de cultura, este que está em um nível

maior de abstração. Na próxima seção, começo a detalhar essas situações com o conceito de contexto de situação ou registro.

4.2 Contexto de situação ou registro

Além das influências das percepções de Malinowski, os estudos de Michael Halliday sobre contexto de situação também revisitam a descrição de J.R. Firth, que levava em conta os participantes da situação, a ação dos participantes e os efeitos da ação verbal (HALLIDAY; HASAN, 1989). A partir disso, Halliday e Hasan (1989) desenvolveram seu próprio modelo e determinaram três pontos que definem a linguagem dentro de um determinado contexto: o campo, que determina o que está acontecendo no momento da produção do texto, a natureza da instanciação do texto e a experiência que se constrói em torno de uma atividade, as relações, que são sobre quem está fazendo parte do discurso, a participação quanto ao status e ao papel do falante com relação ao contexto de situação e às avaliações que estes fazem de acordo com essas posições e o modo, que diz respeito à organização do texto, a forma com a qual este texto é comunicado e também as expectativas dos participantes em torno dessas relações, composto por fatores como a organização do texto e seu status em relação ao contexto, o canal pelo qual o texto está sendo comunicado e a retórica utilizada (HALLIDAY; HASAN, 1989).

Levando em consideração esses três pontos, o contexto de situação reflete aquilo que está ocorrendo naquele exato instante, enquanto uma situação social específica se desenrola (FUZER; CABRAL, 2014). Isso gera um texto formado por realizações léxico-gramaticais que podem mudar de acordo com as variáveis de campo, relações e modo (HALLIDAY; HASAN, 1989, HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), que recebe o nome de registro. A teoria de registro, portanto, descreve o impacto das dimensões deste uso de linguagem dentro de um determinado contexto de situação. O registro é um nível mais abstrato de análise do que a semântica, ou o texto em contexto (Figura 2), já que ele é composto por padrões de discurso (MARTIN; WHITE, 2005, p.27).

Menéndez (2010) observa que, tendo em conta o falante como um ator social, essas variações também podem se dar a partir do que se pensa ser mais adequado ou não para uma determinada situação, seja essa escolha consciente ou não (THOMPSON, 2004). Logo, “os

textos são processos situacionais e o registro é a condição de possibilidade de sua aparição. Sem gramática não há textos; sem registro, tampouco” (MENÉNDEZ, 2010, p.4). Como destaca Thompson (2014), os falantes de uma determinada língua são capazes de identificar o contexto de situação inserido em um Registro em específico a partir da intuição e também enquanto produtores de Registro.

4.3 Contexto de cultura e ideologia

Os estudos a respeito do contexto de cultura ainda não contam com descrições exatas, como destacam Halliday e Matthiessen (2014), embora autores como Eggins e Slade (1997), Eggins (2004) e Martin e Rose (2008) estejam se dedicando a compreender esse fenômeno, que diz respeito a uma unidade maior na qual o contexto de situação está incluso, a partir do que é chamado de Gênero³².

Sendo assim, o contexto de cultura trata de práticas institucionalizadas, que podem ser demarcadas por um país, um grupo social e do registro esperado para determinadas situações (FUZER; CABRAL, 2014), como a diferença entre uma conversa na igreja e uma conversa em um bar.

Eggins (2004) chama a atenção também para um nível mais alto de contexto que está sendo considerado em estudos sistemicistas, que é a ideologia, esta que estaria diretamente ligada aos textos, imprimindo nossas posições sobre valores, perspectivas adquiridas ao longo da vida e nossas visões particulares sobre as coisas. Para ter em conta uma análise considerando este aspecto, a autora destaca:

A implicação de identificar a ideologia no texto é que, como leitores, precisamos desenvolver habilidades para tornar explícitas as posições ideológicas codificadas, talvez para resistir a elas ou desafiá-las. Isso significa que precisamos de uma maneira de falar sobre como a linguagem não está apenas representando, mas ativamente construindo nossa visão de mundo (EGGINS, 2004, p.11).³³

Martin e Rose (2008) acrescentam que, nas sociedades pós-coloniais, os discursos ideológicos também podem estar carregados de relações de poder e controle, sendo cinco os

³²Quando trazido com a primeira letra maiúscula, Gênero, neste trabalho, se refere à definição da Escola de Sidney para o Contexto de Cultura.

³³ “The implication of identifying ideology in text is that as readers we need to develop skills to be able to make explicit the ideological positions encoded, perhaps in order to resist or challenge them. This means we need a way of talking about how language is not just representing but actively constructing our view of the world”. (EGGINS, 2004, p.11)

principais fatores envolvidos nessas relações: gênero, etnia, geração, capacidade e classe social. Questões como a educação formal, a religião, o lazer e o local de trabalho influenciam nessas visões, que também podem ser distribuídas de acordo com o privilégio que se obtém na estrutura dessas sociedades.

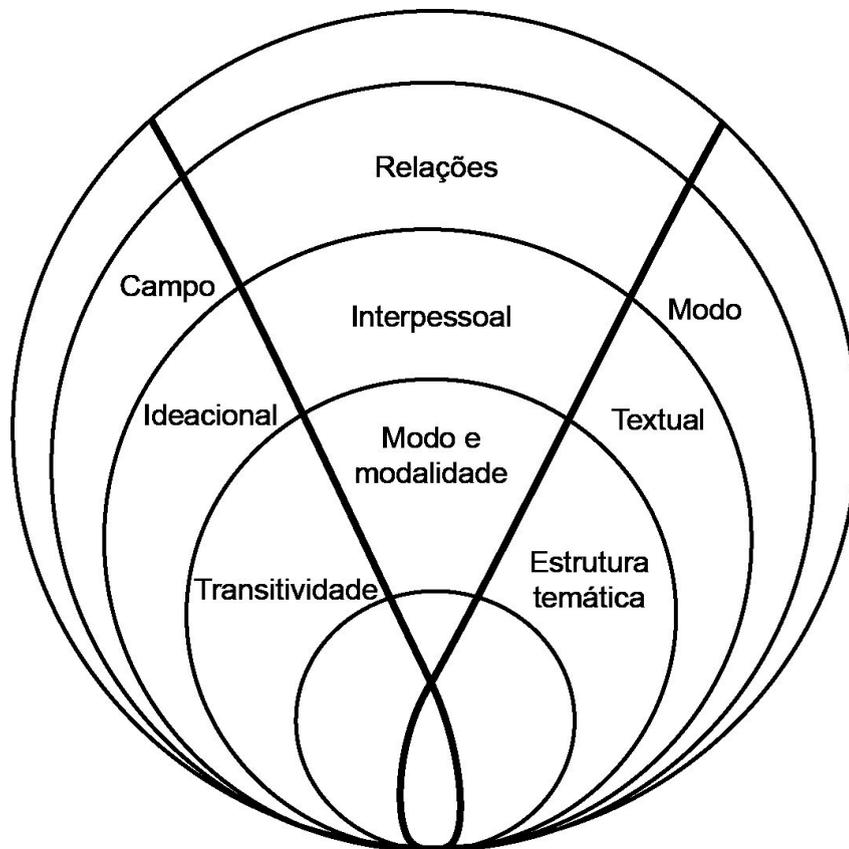
4.4 Metafunções e sistemas

A linguagem oferece uma visão da experiência humana, da maneira como nos relacionamos e como organizamos informação. Para Halliday e Matthiessen (2014, p.30) a linguagem tem duas funções básicas: fazer sentido de nossa experiência e realizar nossas relações sociais. Ainda segundo os autores, não há faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado. Na LSF, essas funções que a linguagem desempenha são chamadas de metafunções.

Estes propósitos que estão diretamente relacionados com o uso da língua (FUZER; CABRAL, 2014) consistem em “compreender o meio, relacionar-se com os outros e organizar a informação” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 32). Enquanto os dois primeiros fazem parte das tais funções básicas, o último “lhes confere relevância” (NEVES, 2004, p. 62).

As metafunções levam em consideração tanto as relações paradigmáticas quanto as relações sintagmáticas da linguagem (MARTIN; ROSE, 2008). Como lembram Fuzer e Cabral (2014), isso se dá porque a oração é definida por elas de uma forma plurifuncional, o que também dá abertura para três caminhos diferentes para iniciar a análise de um mesmo texto. Temos, portanto, três metafunções: a ideacional (que conta com os componentes experiencial e lógico), a interpessoal e a textual, como podemos ver na Figura 3.

Figura 3 - Relação das metafunções com variáveis do contexto de situação



Fonte: adaptado de FUZER; CABRAL, 2014

Como discorre Halliday (2006), essas metafunções estão relacionadas com as variáveis de campo, relações e modo do contexto de situação, sendo o campo diretamente relacionado com a metafunção ideacional (pelo caráter de experiência), as relações, com a metafunção interpessoal (por se tratar de questões particulares que envolvem os atores presentes em um texto) e o modo, com a metafunção textual (por se tratar do que está sendo instanciado pela linguagem e de que maneira). A partir do item 1.3, vamos discutir os sistemas de análise da linguagem que se desdobram a partir dessas metafunções.

Para cada uma dessas metafunções, é possível visualizar a imagem a partir de uma

determinada perspectiva de análise. No campo ideacional, que é dividido entre experiencial e lógico, o componente experiencial pode ser analisado a partir do sistema de transitividade, que traz a língua como representação (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008). A unidade de análise nesse sistema é a oração, enquanto o componente lógico é analisado a partir do complexo oracional. Para o campo interpessoal, a análise é feita a partir do sistema de modo, modalidade e polaridade, enquanto o campo textual é analisado pela estrutura temática. Esses diversos sistemas oferecem também diversas formas de analisar a linguagem por cada uma das perspectivas, embora também tenham relação entre si (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

4.5 Metafunção ideacional e o componente experiencial

Meu foco de análise neste estudo está no sistema de transitividade, já que este será importante para identificar os padrões de julgamento trazidos nos textos a serem analisados.

Em termos de léxico-gramática, a metafunção ideacional diz respeito à organização de ideias e suas representações. Por meio do léxico, é possível encontrar o significado do mundo na forma (BARBARA; MACÊDO, 2009). Nessa metafunção, questões a respeito dos participantes da situação, do que um implica para o outro e também a relação lógica entre eles são levadas em consideração (MARTIN; ROSE, 2008).

No escopo dessa metafunção, temos os componentes experiencial e lógico. No primeiro, a atenção é dada para os processos envolvidos na oração – processos estes que são definidos pelos verbos. Os processos são o cerne da proposição, já que a oração é, especificamente, sobre a ação realizada (THOMPSON, 2014, p.92). Entretanto, cada um desses processos reflete um tipo diferente de experiência do mundo. Isso inclui a maneira como sentimos algo, como nos comportamos, como transformamos o nosso entorno, entre outros. Essas questões são abarcadas pelo sistema de transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Enquanto o conceito de transitividade é visto na gramática tradicional como a relação dos verbos com os demais elementos da oração, a transitividade para a LSF é uma relação entre todos os elementos da oração, na qual esta é descrita de acordo com seus processos, circunstâncias e participantes (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008).

Seja por representações do mundo exterior ou do mundo interior (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008), as representações são instanciadas nos textos por meio dos processos (grupos verbais), dos participantes (grupos nominais) e das circunstâncias (grupos adverbiais) (LIMA-LOPES, 2005). Este último adiciona informações ao processo e pode ser opcional. Tudo aquilo que está dentro do ser, do sentir e do fazer (BARBARA; MACÊDO, 2009) está entre os principais elementos que representam essa experiência de mundo, sendo que há outras relações secundárias entre estes processos (FUZER; CABRAL, 2014) relacionadas ao dizer, ao comportar-se e ao existir. Assim, o Sistema de Transitividade é composto por processos Materiais, Mentais, Relacionais, Verbais, Comportamentais e Existenciais. A especificidade de cada um desses processos tem a ver com os diferentes tipos de experiência de mundo que estão relacionadas a um indivíduo ou atribuídas a ele.

Assim, os Materiais instanciam a relação do indivíduo com o mundo, ações que implicam em uma mudança no mundo físico (LIMA-LOPES, 2005). Estes são processos sobre fazer (EGGINS, 2004) e podem ser transformativos, ou seja, que trazem mudanças para elementos que já estão calcados no mundo ou criativos, que trazem coisas novas para o mundo. Estes processos envolvem dois participantes essenciais: o Ator (quem realiza a ação) e a Meta (participante que sobre a ação em verbos transitivos). Outros participantes seriam o Escopo, que é o participante que ajuda a completar o sentido do processo, o Recebedor, participante para quem o processo é realizado e o Cliente, por quem o Ator realiza o processo.

Exemplo:

O jogador	pegou	a fruta
Ator	Processo	Meta

Os Mentais, por sua vez, dizem respeito aos processos internos dos indivíduos, que fazem parte do campo do sentir. Podem ser perceptivos, cognitivos, emotivos ou desiderativos. Eles são diferentes dos processos materiais porque não dizem respeito ao “o que x fez para y” e sim sobre o que “x sente sobre y” (EGGINS, 2004).

Exemplo:

O jogador	percebeu	os ataques por parte da torcida
Experienciador	Processo	Fenômeno

Relacionais: dizem respeito à identificação, à atribuição e à posse, quando um indivíduo se relaciona ou é relacionado com alguma coisa. Segundo Eggins (2004), este processo trata das diversas formas que ser e estar (em inglês, *being*) podem ser expressadas pela língua. A autora relata ainda que este é um dos processos mais complexos do Sistema de Transitividade. No processo Atributivo, ou seja, que relaciona alguém a algo, a oração nunca pode ser passiva, e ao Portador é dado um Atributo. No processo Identificativo, temos o Identificado e o Identificador. "Esse tipo de oração serve para representar a identidade única de um ser" (FUZER; CABRAL, 2014, p. 69). Segundo Fuzer e Cabral (2014), geralmente é o verbo "ser" que funciona como processo desse tipo de oração, mas outros verbos também podem realizar essa função, como "indicar", "representar" e "significar". Alguns deles permitem que a oração seja passiva. Em outra esfera, ainda existem os processos verbais de Posse, que identificam que o Possuidor tem algo Possuído - estes que também não são reversíveis.

Exemplos:

Daniel	é	fantástico
Portador	Processo Relacional Atributivo	Atributo

Daniel	teve	atitude
Possuidor	Processo Relacional Possessivo	Possuído

Já os Verbais estão entre os mentais e os relacionais. Este processo inclui o verbo

dizer e suas diversas variações (EGGINS, 2004). São quatro os participantes: o Dizente, o Receptor, o Alvo e a Verbiagem. “O Dizente, o participante responsável pelo processo verbal, não precisa ser um participante consciente (embora quase sempre seja), mas sim, qualquer coisa capaz de emitir um sinal” (EGGINS, 2004, p. 235)³⁴. Por sua vez, o Recebedor é aquele a quem o processo é dirigido e a Verbiagem é sobre o que é falado pelo Dizente. Nem sempre os três participantes estão presentes nesse processo. No discurso jornalístico, os processos verbais são de grande importância, já que "permitem ao jornalista, em reportagens, atribuir informações e fontes exteriores" (FUZER; CABRAL, p. 72).

Exemplo:

Daniel Alves	falou	sobre o episódio de racismo
Dizente	Processo	Verbiagem

Os Comportamentais são processos entre os materiais e os mentais que exteriorizam expressões do mundo interior em ações físicas (EGGINS, 2004; LIMA-LOPES, 2005). “Eles são, em parte, sobre uma ação, mas essa ação é experienciada por um ser consciente” (EGGINS, 2004, p. 233)³⁵. Eggins (2004) ainda nos traz que os processos comportamentais, são, portanto, processos de comportamento físico e psicológico - e que, por estarem muito próximos dos processos mentais, podem encontrar algumas semelhanças: o exemplo que a autora nos traz é que “olhar” é um processo comportamental, mas que “observar” é um processo mental. Mas, como eles também estão próximos dos processos materiais, eles são muito mais processos de “fazer” do que processos de pensar/sentir (EGGINS, 2004, p. 234).

Exemplo:

O lateral	reagiu	de forma inesperada
Comportante	Processo	Circunstância de modo

Por fim, os Existenciais se definem pelo ato de existir. O único participante desse

³⁴ "The Sayer, the participant responsible for the verbal process, does not have to be a conscious participant (although it typically is), but anything capable of putting out a signal" (EGGINS, 2004, p. 235)

³⁵ "They are in part about action, but it is action that has to be experienced by a conscious being" (EGGINS, 2004, p. 233)

processo é o existente em si (LIMA-LOPES, 2005). Embora seja este um processo menos frequente do que os demais, ele exerce "um importante papel em vários textos" (FUZER; CABRAL, 2014, p. 78), como as narrativas.

Exemplo:

Há	quem pense diferente
Processo	Existente

No Quadro 1, observamos os tipos de processo, seus significados, verbos comuns que imprimem este processo na língua portuguesa e os possíveis atores para cada um destes processos:

Quadro 1 - Processos, significados, exemplos e participantes

Processo	Significado	Exemplos de verbos	Participantes
Material	Fazer	criar, crescer, jogar, desenvolver, talhar, aumentar, abrir, balançar, decolar.	Ator Meta Escopo Recebedor Cliente
Mental	Sentir	perceber, ver, ouvir, fantasiar, sofrer, gostar, rejeitar, saber	Experienciador Fenômeno
Relacional	Ser	ser, ter, estar	Portador Atributo Identificado Identificador
Verbal	Dizer	dizer, falar, relatar, contar, salientar	Dizente Verbiagem Receptor Alvo
Comportamental	Comportar-se	rir, dançar, dormir,	Comportante

		chorar, espirrar	Comportamento
Existencial	Existir	haver, existir, ter (em português brasileiro)	Existente

Fonte: adaptado de EGGINS (2004); FUZER (2012); FUZER; CABRAL (2014)

As orações, entretanto, não caminham sozinhas. Para adicionar significado a elas, trazendo informações sobre o contexto no qual é realizado determinado processo (FUZER; CABRAL, 2014), temos as circunstâncias, que são definidas por Halliday e Matthiessen (2014, p.312) como “um processo que é parasita de um outro processo. Ao invés de ter seu próprio processo, elas servem como uma expansão de outra coisa”, conectando-se com qualquer um dos tipos de processo presentes no sistema de transitividade. No Quadro 2, visualizamos os principais tipos de circunstância e exemplos:

Quadro 2 - Principais tipos de circunstâncias e exemplos

Circunstâncias	Categorias	Exemplos de Advérbios	Possíveis realizações (em itálico)
Extensão	Distância Duração Frequência	“Quão longe?” “Quanto tempo?” “Quantas vezes?”	Ele correu pelo campo <i>várias vezes</i>
Localização	Lugar Tempo	“Onde?” “Quando?”	O jogo será realizado <i>na sexta-feira</i>
Modo	Meio Qualidade Comparação Grau	“Como?” “Quanto?” “Com o quê?”	Ela agradeceu a torcida, <i>emocionadamente</i>
Causa	Razão Finalidade Representação	“Por quê?” “Para quê?” “Quem?”	Eu nunca chorei <i>por conta dos xingamentos</i>
Contingência	Condição Concessão Falta/Omissão	“Se” “Embora”	Ela ficou quieta, <i>apesar da dor</i>

Acompanhamento	Companhia Adição	“Com quem?”	Eles foram na festa <i>com os outros</i> <i>jogadores</i>
Papel	Estilo Produto	“Como quem?” “Como o quê?”	Ela agiu no jogo <i>como uma líder</i>
Assunto		“Sobre o quê?”	Vamos falar <i>sobre o</i> <i>ocorrido</i>
Ângulo	Fonte Ponto de vista	“De acordo com” “Segundo” alguém	<i>Segundo a imprensa,</i> ela será homenageada hoje

Fonte: adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; FUZER; CABRAL, 2014

Um estudo que visa às circunstâncias enquanto elementos essenciais para a atribuição e a representação de entidades é o de Lima-Lopes (2018). "Os elementos circunstanciais funcionariam como um intermediário que permite a introdução de argumentos de forma indireta" (LIMA-LOPES, 2018, p. 263). Ao estudar 21 boletins eletrônicos semanais do Greenpeace, o autor percebeu que as circunstâncias "têm um importante papel na construção do discurso nos documentos estudados" (LIMA-LOPES, 2018, p. 276), a partir do que ele conclui o seguinte:

Eles são responsáveis por introduzir participantes em proposições cuja estrutura processos-participantes já estaria completa, e superando limitações do sistema gramatical do português. Este tipo de recurso ajuda os escritores do gênero a criarem diferentes estratégias gramaticais para construir um significado múltiplo. (LIMA-LOPES, 2018, p. 277)

Neste trabalho busco também compreender como a transitividade se relaciona com ideologias pré-existentes ao processo a ser realizado, bem como os contextos de situação e de cultura que os envolvem. Como exemplo de transitividade para identificar a instanciação de ideologias, há alguns estudos como Lima-Lopes (2014), que analisa os processos presentes em boletins difundidos pelo Greenpeace e identifica como os ideais da organização participam de suas escolhas léxico-gramaticais, Silva (2012), que estuda as representações possíveis dos

homossexuais idosos no âmbito da comunidade LGBT e também nos discursos de si e Fuzer (2012), que busca as representações dos *reality shows* e de seus participantes em artigos de opinião.

No estudo de Cabral e Barbara (2012), as autoras ressaltam a importância dos processos verbais para a análise do discurso jornalístico, uma vez que estes trabalham da seguinte forma: "uma voz utilizada para moldar outra" (CABRAL; BARBARA, 2012, p. 582). As autoras lembram que os Dizentes, quando trazidos neste contexto, geralmente conferem autoridade aos discursos apresentados.

A transitividade, assim, pode auxiliar a realizar o levantamento dos dados a serem obtidos na análise do corpus desta pesquisa, uma vez que se espera encontrar padrões de representação relacionados ao jogador Daniel Alves, seus atos e as vozes ali presentes.

Eggin (2004) lembra que a análise do sistema de transitividade, muitas vezes, também é feita em sua relação com o campo interpessoal, por este conter elementos que são complementares à análise a ser feita.

Desta forma, trago também, no Capítulo 5, algumas considerações sobre o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), desenvolvido a partir do campo interpessoal.

5 SISTEMA DE AVALIATIVIDADE: O TEXTO E SUA LINGUAGEM ATITUDINAL

*"Don't let the bastards get you down, oh no
 Don't let the assholes wear you out
 Don't let the mean girls take the crown
 Don't let the scumbags screw you 'round
 Don't let the bastards take you down"*

Kesha

O Sistema de Avaliatividade³⁶ (MARTIN; ROSE, 2003; WHITE, 2003; MARTIN; WHITE, 2005) é um sistema desenvolvido para analisar discurso a partir dos preceitos teóricos da LSF. Seu funcionamento está no nível de abstração dos significados, ou seja, aquele relativo à semântica no estrato da linguagem trazido por Halliday e Matthiessen (2014) e também está relacionado com a metafunção interpessoal e com a variável de registro relações.

De acordo com Martin e Rose (2003), este sistema pode ser utilizado para “negociar nossas relações e dizer aos nossos ouvintes ou leitores como nos sentimos em relação a coisas e pessoas” (MARTIN; ROSE, 2003, p.26)³⁷. Ele é constituído a partir de um modelo de avaliação da linguagem no contexto social (MARTIN; ROSE, 2003, p.3), o que significa que os tipos de atitudes envolvidas nos textos que negociamos, a força desses sentimentos e a origem desses sentimentos têm suma importância para o desenvolvimento dessa análise. Como destaca White (2003), o Sistema de Avaliatividade

se ocupa dos significados que variam ou modificam os termos de compromisso do falante com suas emissões, ou seja, modificam o que está em jogo na relação interpessoal, tanto nas emissões individuais como naquelas que vão se acumulando à medida em que o texto vai se desenrolando (WHITE, 2003, p.1).³⁸

³⁶Utilizamos, ao longo de todo este trabalho, a tradução para *appraisal* e todos os seus subsistemas sugerida em Vian Jr (2009) e Vian Jr., Souza e Almeida (2010), que foi estabelecida para “evitar inadequados posicionamentos teóricos” (VIAN JR., 2009, p.101) frente a diversas traduções dadas para a teoria quando esta foi trazida ao contexto brasileiro.

³⁷ We use the resources of APPRAISAL for negotiating our social relationships, by telling our listeners or readers how we feel about things and people (in a word, what our attitudes are) (MARTIN; ROSE, 2003, p. 26)

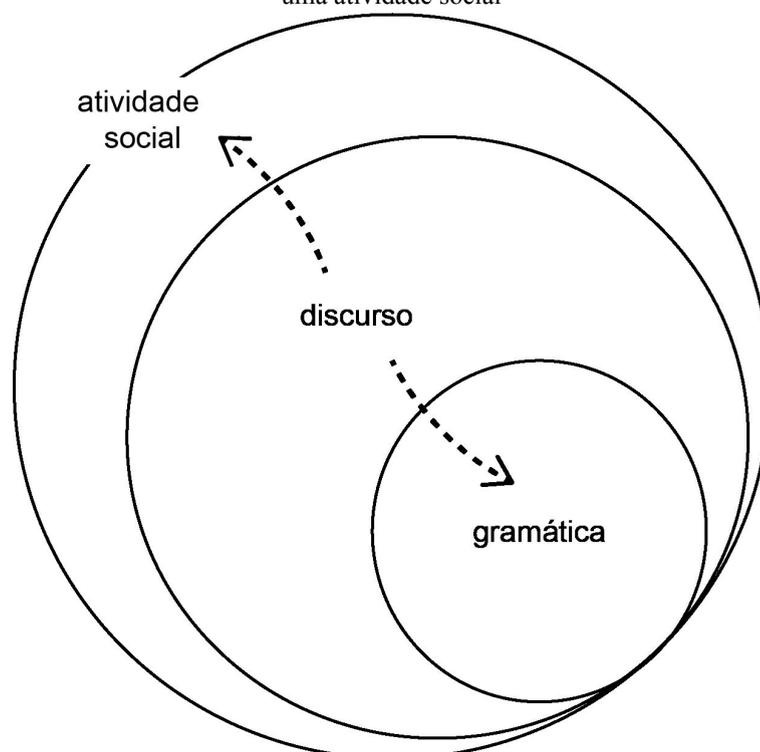
³⁸ "Es decir, se ocupa de los significados que hacen variar o modifican los términos del compromiso del hablante con sus emisiones, es decir, que modifican lo que está en juego en la relación interpersonal, tanto en las emisiones individuales como en lo que se va acumulando a medida que el texto se va desplegando" (WHITE, 2003, p. 1)

Martin e White (2005, p. 1), ao estabelecerem a teoria que vem sendo desenvolvida desde os anos 1990 (VIAN JR, 2009), apontam que alguns dos objetivos envolvidos nesta também trazem a necessidade de se compreender como escritores e falantes “aprovam e desaprovam, se entusiasmam ou abominam, aplaudem e criticam” e, da mesma maneira, como eles podem influenciar seus leitores ou ouvintes a fazê-lo da mesma forma. Os autores ainda detalham que esse discurso se desenvolve a partir de recursos linguísticos, fazendo com que estes produtores de texto compartilhem “emoções, gostos e avaliações normativas”, bem como os escritores/falantes também podem construir sua imagem pessoal a partir destes discursos, podendo ou não levar em consideração uma determinada audiência. Segundo White (2003), esse sistema surgiu da necessidade de identificar o favorecimento de certos valores em detrimento de outros em certos textos que deveriam, em tese, ser imparciais, como textos midiáticos ou históricos. Sendo assim, também buscou-se explicar as correlações entre grupos de textos e seus valores, bem como a orientação cultural por detrás destes. White (2015) aponta também que o Sistema de Avaliatividade nos permite investigar:

- a base linguística das diferenças no estilo do escritor/falante; quem profere o discurso pode se mostrar mais ou menos atencioso, dominador, autoritário, cauteloso, conciliador, distante, engajado etc.;
- como os diferentes usos da linguagem avaliativa atuam para construir diferentes vozes autorais e personagens textuais;
- como diferentes gêneros e tipos de texto podem empregar diferentes estratégias avaliativas e retóricas;
- os sistemas de valores subjacentes, muitas vezes encobertos, que moldam e são divulgados pelos enunciados de quem profere o discurso;
- os diferentes pressupostos que os falantes/escritores fazem sobre os sistemas de valor e crença de seus respectivos públicos pretendidos;
- como diferentes modos de contar histórias podem ser caracterizados por seus diferentes usos dos recursos de avaliação;
- as estratégias comunicativas pelas quais alguns discursos constroem modos de textualidade supostamente objetivos ou impessoais.

É importante lembrar que, na LSF, a análise do discurso leva em consideração a intersecção entre a análise gramatical e a análise da atividade social (MARTIN; ROSE, 2003) nas quais se desenvolve o texto produzido (Figura 4) - a saber, contexto de situação e contexto de cultura.

Figura 4 - Estrato que demonstra como o discurso é realizado, ao mesmo tempo, a partir da gramática e dentro de uma atividade social



FONTE: adaptado de MARTIN; ROSE, 2003

Apesar de esta análise estar concentrada no nível da semântica, a atenção para a identificação dessa instanciação de significados não deve estar apenas nos adjetivos e advérbios, como destacam Lima-Lopes e Vian Jr. (2007, p.373). Os autores, ao resenharem a obra de Martin e White (2005), salientam que a utilização de determinados processos e de elementos de coesão como a repetição e a colocação são pontos importantes a serem investigados. Assim como a LSF, este sistema foi desenvolvido tendo como base a língua inglesa. Dessa forma, as análises direcionadas para o português brasileiro também precisam levar em consideração alguns aspectos particulares desse idioma e do contexto no qual ele é

realizado, de acordo com a sugestão de Lima-Lopes e Vian Jr (2007)³⁹.

São três os principais subsistemas do Sistema de Avaliatividade: **Atitude**, que relaciona a linguagem emocional utilizada nos textos, podendo esta ser direcionada a pessoas, coisas, instituições ou outros aspectos mais abstratos, a **Gradação**, que mede a força e o foco dessas avaliações, selecionando como elas devem ser amplificadas e o **Engajamento**, que identifica, a partir da perspectiva bakhtiniana do dialogismo (VIAN JR, 2010), quais são as vozes que estão presentes no discurso, ou seja, as fontes das avaliações realizadas, podendo o discurso ser monoglóssico ou heteroglóssico. Cada um destes subsistemas possui regiões semânticas que nos permitem direcionar a análise a ser realizada, como observamos no Quadro 3:

Quadro 3 - Sistema de Avaliatividade, seus subsistemas e as regiões semânticas disponíveis

Sistema de Avaliatividade		
<i>Atitude</i>	<i>Gradação</i>	<i>Engajamento</i>
Afeto	Força	Monoglóssico
Julgamento	Foco	Heteroglóssico
Apreciação		

Fonte: adaptado de Vian Jr. (2010)

A seguir, abordo mais detalhadamente o subsistema Atitude e suas regiões semânticas, com um enfoque especial para o **Julgamento**, que será o recurso escolhido para o direcionamento da análise do corpus deste trabalho, trabalhando em conjunto com o Sistema de Transitividade.

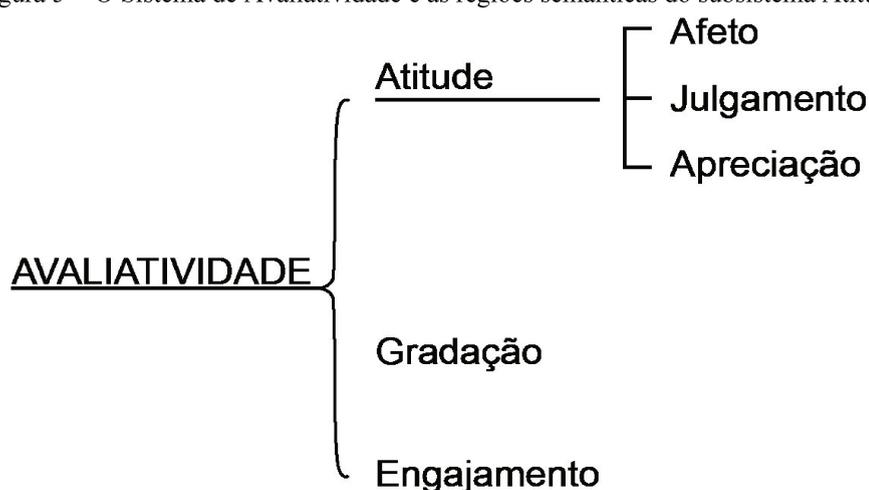
5.1 O Subsistema atitude

O subsistema de atitude busca compreender como a linguagem emocional se desenvolve em um texto. Suas três regiões de sentimento (MARTIN; WHITE, 2005), Afeto, Julgamento e Apreciação, funcionam como um meio de mapear sentimentos e como estes

³⁹Os estudos presentes em Vian Jr, Souza e Almeida (2010) apresentam um primeiro conjunto de esforços de pesquisadores brasileiros sobre esta questão.

sentimentos são construídos ao longo do texto (LIMA-LOPES; VIAN JR., 2007). Este subsistema compreende os sentimentos, as reações emocionais, julgamentos de comportamento e a avaliação em relação a certas coisas (MARTIN; WHITE, 2005, p.35), englobando aquilo que está dentro do campo da emoção, da ética e da estética (MARTIN; WHITE, 2005, p.42). Na Figura 5, observo as principais regiões semânticas deste sistema e após, com base em White (2003) e Martin e White (2005), elenco suas principais características.

Figura 5 - O Sistema de Avaliatividade e as regiões semânticas do subsistema Atitude



Fonte: adaptado de VIAN JR, 2010

O **Afeto** compreende tudo o que está no campo da emoção. Esta região semântica pode estar, muitas vezes, relacionada a processos mentais ou relacionais, a partir dos quais o falante expressa diretamente as suas avaliações. Já o **Julgamento** avalia o comportamento humano em relação com as normas sociais, podendo ser estas institucionalizadas ou não. Está diretamente relacionado a regras e normas, expectativas sociais ou sistemas de valor provenientes do próprio emissor. Neste sistema, o que é avaliado é o comportamento: admirado, criticado, louvado ou condenado (MARTIN; WHITE, 2005, p. 42). Por fim, a **Apreciação** é uma avaliação que está no campo da estética e envolve objetos e outras coisas mais abstratas como ações ou política (WHITE, 2003). Segundo Martin e White (2005), essa avaliação pode ser dividida em reações, valores das coisas e também a composição dessas coisas.

As avaliações emocionais expressas pelas regiões semânticas de Atitude ocupam um

espaço central na análise do discurso por meio da Avaliatividade (ALMEIDA, 2010), podendo ser positivas ou negativas. Martin e Rose (2003, p.1) atentam que, para este tipo de análise, também é importante ter em conta que o discurso é mais do que palavras em sentenças: os significados podem estar além das sentenças ou se desdobrarem ao longo de todas as sentenças de um texto, uma vez que as atividades sociais podem ser construídas pelo texto ou vice-versa. A avaliação, portanto, pode ser “inscrita”, ou seja, se fazer clara no texto a partir de algum elemento gramatical, ou “evocada” - para esta última, um conhecimento do contexto envolvido ou do texto como um todo pode auxiliar a desvelar a avaliação. Almeida (2010) ressalta que a identificação de uma atitude inscrita permite também a sua intensificação para mais ou para menos, enquanto as atitudes evocadas são emitidas a partir de significados no campo ideacional.

A Atitude, quando analisada em conjunto com o subsistema de Gradação, também pode medir a intensidade das avaliações emocionais que estão sendo realizadas. Martin e Rose (2003) nos lembram que a Atitude pode ser realizada diretamente a partir do produtor do texto ou que esta pode ter outra fonte, o que abre espaço para a análise da Atitude em conjunto com o Engajamento.

5.2 A região semântica Julgamento

A região semântica do Julgamento diz respeito à avaliação do falante/escritor do comportamento de um indivíduo em relação a sua atitude frente a determinadas situações. Essas avaliações podem ser positivas ou negativas e serem relacionadas a um policiamento oral a partir do meio em que as ações são executadas, bem como estarem relacionadas a normas, leis, códigos e comportamentos aceitos ou não por este mesmo meio. O julgamento “constrói linguisticamente as avaliações do comportamento das pessoas a partir de epítetos e atributos” e está diretamente relacionado com a ética direcionada pelo contexto (ALMEIDA, 2010, p. 106). Assim como todo o subsistema de Atitude, os julgamentos podem se fazer presentes de forma implícita ou explícita (MARTIN; ROSE, 2003), o que faz com que advérbios, adjetivos e verbos também possam realizar a função de emitir um julgamento sobre alguém (WHITE, 2003).

Como destaca Almeida (2010, p. 106), podemos entender o julgamento como uma

institucionalização dos sentimentos, uma vez que eles dizem respeito a padrões pré-estabelecidos pelo falante/escritor sobre como as pessoas devem ou não agir frente a determinadas situações.

Segundo Martin e Rose (2003, p. 32), os julgamentos diferem entre “julgamentos pessoais de admiração ou crítica e julgamentos morais de elogio ou condenação”. Martin e White (2005) estabelecem o primeiro tipo de julgamento dentro de um campo chamado **estima social**, que são impressões de um policiamento da cultura oral. Já o segundo tipo de julgamento é chamado de **sanção social**, que diz respeito a leis, códigos e comportamentos moralmente aceitos ou não. Podemos ver essas subdivisões no Quadro 4:

Quadro 4 - Região semântica de Julgamento, suas divisões entre estima social e sanção social e as subdivisões envolvidas

Estima Social	Julgamento Positivo	Julgamento Negativo
Normalidade	ousado, irreverente	retrógrado, excêntrico
Capacidade	inteligente, sagaz	doente, estúpido
Tenacidade	corajoso, leal	tímido, covarde
Sanção Social	Julgamento Positivo	Julgamento Negativo
Veracidade	honesto, franco	mentiroso, manipulador
Propriedade	justo, generoso	corrupto, imoral

Fonte: adaptado de MARTIN; WHITE, 2005; ALMEIDA, 2010

Para identificar qual é o tipo de julgamento realizado no discurso, devemos responder a algumas perguntas a respeito do indivíduo para quem este é feito, que correspondem a cada uma das subdivisões deste sistema, como apontam Martin e White (2005):

- Quão especial é o indivíduo? (Normalidade)
- Quão capaz é o indivíduo? (Capacidade)
- Quão confiável é o indivíduo? (Tenacidade)
- Quão honesto é o indivíduo? (Veracidade)
- Quão ético é o indivíduo? (Propriedade)

Apesar dos exemplos práticos demonstrados pelos autores que estabeleceram este

sistema, um dos principais desafios do Julgamento é a busca por indícios de julgamento. Segundo White (2003, p.8), esses indícios "são produzidos por significados superficialmente neutros, ideacionais, mas que, apesar de tudo, possuem, na cultura, a capacidade de provocar respostas de julgamento (de acordo com a posição social/cultural/ideológica do leitor). Estudos como o de Lima-Lopes e Pimenta (2007), que analisam as postagens em torno da hashtag #MulheresNoFutebol em sua primeira semana de vida no Twitter, levam em consideração a capacidade de provocar respostas de julgamento a partir da língua portuguesa. Este estudo, por conseguinte, também se utiliza da Transitividade para identificar elementos de Julgamento que possam estar implícitos ao longo do texto, de forma que este trabalho é levado em consideração nos caminhos analíticos desta pesquisa.

White (2003) ainda corrobora que este tipo de valor pode ser forte em discursos como o midiático, a partir do estabelecimento de julgamentos diretos ("ele agiu de maneira brilhante") ou indiretos ("ele ainda não cumpriu o que foi prometido").

Neste capítulo, foi possível observar como o Sistema de Avaliatividade pode ajudar a encontrar os julgamentos implícitos e explícitos em um texto. Quando visto em conjunto com o conceito de voz do repórter (WHITE, 2009; MARTIN; WHITE, 2005) e a subjetividade presente nesta, é possível desenhar um caminho para compreender as representações do ato de racismo sofrido por Daniel Alves e seus desdobramentos na imprensa.

6 PERCURSOS METODOLÓGICOS

*"Meu nome é nuvem
Pó, poeira, movimento
O meu nome é nuvem
Ventania, flor de vento
Eu danço com você o que você dançar"*

Milton Nascimento

Este trabalho é composto por um corpus com 21.387 formas, 1.014 sentenças e 25.127 palavras, construído a partir de 65 notícias publicadas a respeito do caso de racismo sofrido pelo jogador Daniel Alves em 27 de abril de 2014. As notícias em questão foram publicadas, no máximo, dentro de uma semana após o ocorrido na Espanha.

Para resgatar essas notícias, utilizei a pesquisa avançada do Google, limitando a pesquisa a partir da data determinada e utilizando termos de busca como “Daniel Alves racismo”, “Somos Todos Macacos”, “#somostodosmacacos” e “Daniel Alves banana”.

Para essa análise, foram consideradas apenas as *hard news* publicadas neste período, uma vez que estes materiais são compostos por vozes que se apresentam como impessoais, mas que podem mostrar subjetividade a respeito do caso a ser observado, como destaque no terceiro capítulo. Há uma grande quantidade de artigos publicados que foi encontrada a partir da pesquisa e, inicialmente, estes também seriam utilizados como material de análise. No entanto, optei por analisar exclusivamente as *hard news* para identificar como significados aparentemente neutros podem influenciar direta ou indiretamente a opinião dos leitores a partir do que está sendo passado.

Como a pesquisa foi realizada a partir de um buscador online, estão excluídos deste corpus os materiais que foram publicados de forma impressa neste mesmo período - o que abre um precedente para que as notícias analisadas possam ter sido editadas após sua publicação original. Logo, assumindo esta metodologia, também assumo o risco de não estar analisando textos como estes foram publicados em primeira mão.

Na primeira sessão da análise, portanto, selecionei alguns excertos presentes neste corpus e os visualizei a partir da ótica dos Sistemas de Transitividade e Avaliatividade, como

forma de analisar como as construções gramaticais e semânticas destes textos, dentro do contexto de cultura descrito no primeiro capítulo, quando trago as nuances do racismo no futebol, da presença do negro no futebol brasileiro e na Europa e do racismo presente no ato de torcer, bem como no segundo capítulo, quando descrevo que as vozes dos repórteres em *hard news* podem trazer significados imparciais - que podem acabar influenciando a visão do leitor a respeito de um determinado assunto, ajudam a construir a narrativa a respeito do cenário do racismo no futebol na ótica da imprensa brasileira.

Para tornar a identificação de escolhas léxico-gramaticais que podem gerar processos avaliativos, bem como compreender alguns padrões de representação que são comuns a todo o corpus, as notícias coletadas foram compiladas com a ferramenta Sketch Engine,⁴⁰ que é um gerenciador de corpus e software de análise de texto que permite o estudo do comportamento de uma determinada língua e a busca de termos em grandes conjuntos de texto. O software, desenvolvido pela Lexical Computing Limited, é capaz de analisar mais de 90 línguas e conta tanto com corpus próprios quanto permite que o usuário crie seus próprios *corpus* a serem pesquisados⁴¹.

Essas escolhas foram analisadas mais a fundo com as ferramentas *Concordance* e *Word Sketch*. A primeira nos permite observar exemplos do termo em contexto, enquanto a segunda nos indica as funções semânticas destes termos. Assim, separei as palavras racismo, banana e jogador, que estão entre as cinquenta palavras mais frequentes do corpus, para serem visualizadas por meio dessas ferramentas. Ao destrinchar essas palavras com as ferramentas disponíveis, podemos observar como elas se arranjam para reforçar os padrões de julgamento encontrados na primeira sessão.

6.1 Apontamentos sobre especificidades da pesquisa

Como este trabalho tem como objetivo a busca por ocorrências de julgamento em textos jornalísticos a respeito do episódio de racismo sofrido pelo jogador brasileiro Daniel Alves, a fim de identificar como este foi retratado pela imprensa à época e como a sua abordagem influencia no debate a respeito do racismo no futebol, esta é uma análise amparada

⁴⁰ O software roda de maneira online e pode ser acessado na página <https://www.sketchengine.eu/>

⁴¹ Informações disponíveis em <<https://www.sketchengine.eu/>> Acesso em 11 fev 2019

pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), sobretudo pelo Sistema de Transitividade, bem como pelo Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), a partir do qual entendemos Julgamento como uma região semântica do subsistema de Atitude.

Parte-se da hipótese de que estes julgamentos, mesmo estando presentes em textos supostamente neutros (MARTIN; WHITE, 2005), são denunciados por meio de palavras e expressões específicas que modificam o que está em jogo na relação entre o texto produzido e o seu leitor (WHITE, 2003), levando este a pensar de uma ou de outra forma sobre aquilo que foi lido. Segundo White (2003, p.8), esses indícios "são produzidos por significados superficialmente neutros, ideacionais, mas que, apesar de tudo, possuem, na cultura, a capacidade de provocar respostas de julgamento (de acordo com a posição social/cultural/ideológica do leitor)".

É importante lembrar também que, embora este ato tenha alçado proporções midiáticas a partir da campanha criada pelo jogador Neymar e a agência de publicidade Loducca e da hashtag #SomosTodosMacacos, o trabalho não visa analisar a campanha em si e os desdobramentos dela. A partir deste aparato teórico e da metodologia descrita, o objetivo é identificar como o ato reativo do jogador Daniel Alves foi analisado e veiculado pela imprensa.

Tendo o futebol como pano de fundo, a presente pesquisa concorda com o que é abordado em Reis e Escher (2006) no que tange a ler o futebol a partir da sociedade e não vice-versa. Com isso, é preciso considerar os diversos momentos nos quais ele está inserido e saber de qual futebol está sendo falado. No caso, abordo a cobertura da imprensa brasileira para um caso ocorrido com um jogador brasileiro no futebol espanhol - e todos esses fatores devem ser levados em consideração, até porque se trata de uma realidade diferente do futebol de outrora, no qual não era comum que os melhores jogadores do país atuassem no estrangeiro.

É importante, também, situar essa pesquisa no escopo da Linguística Aplicada. De caráter abrangente e multidisciplinar, como rege Cavalcanti (1986), o trabalho estuda linguagem em contexto e suas implicações no meio social - ou seja, é uma maneira de identificar como a língua influencia a sociedade e, conseqüentemente, também é influenciada por ela.

Para tratar deste caso, também considero que o futebol, em si, é uma linguagem. E, como toda linguagem, ele também nos conta um pouco do caso que desejamos analisar. As ações realizadas em campo pelo jogador fazem parte desse ato reativo tão analisado pela imprensa. Enquanto linguagem, também devemos considerar que o discurso construído dentro de campo também está inserido dentro de contextos maiores.

As especificidades desta pesquisa exigiram que nem todos os resultados obtidos fossem utilizados para a análise como esta foi delimitada. Ora eram apenas notas sobre o assunto misturadas com demais notícias, ora, de primeira mão, seguiam uma estrutura de *hard news* mas se transformavam em artigos e, como essa foi uma coleta realizada desde o primeiro ano de mestrado, também me deparei com algumas notícias que, posteriormente, não estavam mais disponíveis de forma online.

Sendo assim, a seleção do corpus teve de ser feita de forma que notícia a notícia foi analisada e selecionada para compor o objeto de análise. Outras especificidades residiam no fato de que, inicialmente, iriam ser contemplados casos de racismo no futebol como um todo - mas optei por analisar apenas o caso de Daniel Alves por este ser o que mais contava com materiais disponíveis para montar um corpus de tamanho considerável e também para atender aos objetivos iniciais de pesquisa, que estavam relacionados a observar como o discurso midiático reforçava padrões de racismo no futebol.

Inicialmente, esta também seria uma pesquisa mais focada nas instancieções racistas do que no futebol em si. Contudo, ao longo desses dois anos, percebi que era impossível dissociar o objeto de seu campo de origem, bem como percebi a importância de se existir uma pesquisa de Linguística Aplicada destinada a analisar um aspecto sociológico deste esporte por meio da linguagem. Como relatei na introdução deste trabalho, os estudos sobre futebol não são comuns na área, bem como não localizei nenhum trabalho que se pauta na LSF e na Avaliatividade que pretende abordar o tema da mesma maneira. Para tal, esta pesquisa também exigiu que fossem amarradas todas as questões que estão intrínsecas a ela para construir um argumento relevante e que justificasse o trabalho realizado.

Além disso, ainda foi necessário que houvesse um esforço para compreender temas que não são da alçada do meu programa de origem, como as questões referentes à sociologia do esporte - embora sejam estas questões que conversam com os estudos sobre Cultura e Identidade que são desenvolvidos por outros colegas neste âmbito.

6.2 Estudo piloto

A fim de verificar a viabilidade deste trabalho, realizei inicialmente um estudo-piloto a partir de dez notícias selecionadas de forma aleatória no corpus coletado, elencadas no Quadro 5. Essas notícias não foram compiladas com o Sketch Engine e, sim, analisadas individualmente, caso a caso, para fornecer uma base de como o trabalho poderia ser guiado e também se a hipótese levantada inicialmente seria confirmada. Neste estudo, considerei três tipos de vozes, individualmente: a voz do repórter, a voz de Daniel Alves e a voz dos entrevistados.

Quadro 5 - Notícias utilizadas para o estudo-piloto para testar a viabilidade do trabalho

Título	Local e data de publicação
Famosos apoiam Daniel Alves após ato de racismo em jogo	http://atarde.uol.com.br/famosos/noticias/famosos-apoiam-daniel-alves-apos-ato-de-racismo-em-jogo-1587329 A Tarde - 28.04.2014
Gesto de Dani Alves inspira campanha nas redes sociais contra racismo	http://www.dw.com/pt-br/gesto-de-dani-alves-inspira-campanha-nas-redes-sociais-contra-racismo/a-17598453 DW - 28.04.2014
Daniel Alves diz não gostar da campanha #SomosTodosMacacos	http://atarde.uol.com.br/esportes/noticias/daniel-alves-diz-nao-gostar-da-campanha-somostodosmacacos-1588761 A Tarde - 03.05.2014
Daniel Alves rejeita o slogan Somos Todos Macacos	http://caras.uol.com.br/caras-copa/daniel-alves-rejeita-o-slogan-somos-todos-macacos.html Caras - 03.05.2014
Vítima de racismo, Daniel Alves come banana atirada contra ele na Espanha	http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-04-27/daniel-alves-come-banana-atirada-contra-ele

	-em-jogo-do-barcelona-em-villarreal.html iG - 27.04.2014
Como Daniel Alves derrotou o racismo	http://veja.abril.com.br/esporte/como-daniel-alves-derrotou-o-racismo/ Veja - 02.05.2014
Dani Alves desmoralizou o racista que lhe atirou uma banana	http://trivela.uol.com.br/dani-alves-desmoralizou-o-racista-que-lhe-uma-banana-em-campo/ Trivela - 27.04.2014
'Os fortes que perdoam' diz Daniel Alves sobre ato racista de torcedor	http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/05/os-fortes-que-perdoam-diz-daniel-alves-sobre-ato-racista-de-torcedor.html G1 - 04.05.2014
Serena aprova atitude de Daniel Alves em prol do combate ao racismo	http://revistatenis.uol.com.br/artigo/serena-aprova-atitude-de-daniel-alves-em-prol-do-combate-ao-racismo_11754.html Revista Tênis - 05.04.2014
Dilma apoia Daniel Alves e diz que Brasil combaterá racismo	http://jovempan.uol.com.br/esportes/dilma-apoia-daniel-alves-e-diz-que-brasil-combater-a-racismo-na-copa-do-mundo-2014-04-28.html Jovem Pan - 28.04.2014

A partir da consideração dos mesmos contextos descritos no primeiro e no segundo capítulo deste trabalho, observei alguns excertos a partir da ótica dos sistemas de transitividade e avaliatividade, que operam como complementares para a identificação de padrões de Julgamento. Assim, com o estudo-piloto realizado, foi possível identificar alguns pontos que serviram como guia para redigir a análise completa:

(1) Os textos produzidos pela imprensa que trazem o caso de Daniel Alves são redigidos, em grande parte, em um tom que realiza julgamentos ao jogador nos campos positivos da normalidade e da tenacidade. Há ainda, no corpus, avaliações por meio de processos relacionais que configuram julgamentos no campo positivo da capacidade.

(2) O posicionamento de Daniel Alves em entrevistas, ao relatar o ato de racismo

sofrido e suas consequências publicitárias, é apoiado, majoritariamente, pela primeira pessoa do singular e por processos mentais. Também se fazem presentes processos relacionais que justificam sua avaliação feita a partir de seus processos mentais cognitivos e seu afastamento da publicidade gerada pela hashtag #SomosTodosMacacos, bem como processos mentais desiderativos que reafirmam sua posição em relação ao caso. Os processos relacionais instanciados na fala de Alves também salientam a forma com a qual ele observa o ambiente a partir do qual realiza suas avaliações, ora para destacar a sua posição contrária a respeito da hashtag #SomosTodosMacacos, ora para destacar sua visão sobre o ambiente no qual ele ocorreu, justificando processos comportamentais, bem como explicitar sua visão sobre si mesmo em relação ao caso. As soluções para o caso descritas por ele refletem por meio de orações materiais, o que implicaria em ações diretas para transformar e criar o mundo ao redor.

(3) Na avaliação dos entrevistados que falam sobre Daniel Alves e o caso de racismo sofrido pelo jogador, Alves é retratado, em grande parte, por julgamentos que o colocam no campo positivo da tenacidade. Este fator se dá por meio de processos materiais, relacionais e também comportamentais realizados pelo jogador, mas que carregam adjetivações, imprimindo a avaliação dos entrevistados sobre estes processos. Quanto ao caso de racismo sofrido e à campanha que surgiu a partir dele, o engajamento dos entrevistados na campanha é reforçado por processos relacionais feitos pelos mesmos.

Neste estudo-piloto, também pude perceber que não é possível analisar as outras vozes trazidas ao texto - isto é, as vozes de Daniel Alves e a dos entrevistados - dissociadas da voz do repórter. Na análise completa dos dados, passei a ter como objetivo identificar como essas outras vozes trazidas ao texto também operam para reforçar os discursos que são trazidos pela imprensa.

Sendo assim, na análise final dos dados, trabalhei, a princípio, com excertos de textos para identificar e reforçar os padrões encontrados no estudo-piloto, desta vez, considerando todo o corpus coletado. Nesta análise, com base na fundamentação teórica desenvolvida ao longo deste trabalho, pude detalhar, com mais clareza, o que cada um dos pontos identificados no estudo-piloto representa no discurso apresentado.

Posteriormente, também trabalhei com concordâncias e identificações de processos a partir do Sketch Engine. Em um dos casos, também utilizo o corpus Portuguese Web 2011

TenTen para confirmar a frequência desses termos na língua portuguesa em geral.

7 ANÁLISE DOS DADOS

7.1 Como o caso de racismo é visto pela voz do repórter?

No estudo piloto pude identificar que as matérias são redigidas, em grande parte, em um tom que realiza julgamentos ao jogador nos campos positivos da normalidade e da tenacidade. Isso está relacionado por meio de processos materiais transformativos impressos ao jogador, no qual ele é o Ator e o racismo ou quem o cometeu é a Meta ("Como Daniel Alves derrotou o racismo"; "Dani Alves desmoralizou o racista"), bem como processos comportamentais acompanhados de elementos circunstanciais de modo ("Comer uma banana em resposta a um ato racista"; "Após ter reagido de forma irreverente"; "comeu a banana, como quem pouco se importa com aquilo") que, adjetivados ou não, explicitam as avaliações de julgamento mediante o contexto de situação no qual esses processos foram vividos ("O ato de atirar uma banana contra jogadores negros virou uma triste rotina no futebol mundial" - neste exemplo, temos o processo "virou", um processo relacional que dá a entender que o racismo no futebol seria algo recente).

Quando os textos tratam da rejeição de Alves à campanha #SomosTodosMacacos, são trazidos processos verbais que envolvem o jogador enquanto Dizente e a campanha como alvo ("Daniel Alves diz não gostar da campanha #SomosTodosMacacos"), acompanhados ou não por processos comportamentais ("Daniel Alves surpreendeu ao afirmar") que refletem o deslocamento de Alves em relação à campanha que lhe diz respeito, embora sua atitude, expressa em processos materiais, seja colocada como diretamente responsável pela propagação da hashtag ("gerou uma onda de solidariedade nas redes"). Há ainda, no corpus, avaliações por meio de processos relacionais atributivos ("a resposta do lateral é genial") que configuram julgamentos no campo positivo da capacidade.

Tendo essas análises iniciais realizadas, exploro, por meio dos excertos e concordâncias destacadas abaixo, alguns exemplos para compreender estes casos destacados no estudo piloto e embasar as conclusões obtidas a partir do teste de viabilidade do estudo.

(1) O lateral – um baiano de 30 anos, pardo, como se diz nos censos, e de olhos verdes – (2) reagiu de forma inesperada para o público e certamente também para o agressor: (3) pegou a fruta, descascou-a e a pôs na boca.

No excerto 1, a voz do repórter utiliza da adjetivação de Daniel Alves para minimizar sua negritude, utilizando o seu fenótipo para tal, destacando características físicas como “pardo, como se diz nos censos” e “de olhos verdes”, característica que o aproximaria de alguma forma a um estereótipo embranquecido; contudo, sem deixar de assumir que o jogador em questão é negro.

Já no excerto 2, utiliza-se um processo comportamental atribuído a Daniel Alves, a reação, para salientar um julgamento positivo no campo da normalidade, ou seja, que o jogador teria fugido ao comum em reagir a essa maneira, que foi “inesperada para o público e certamente também para o agressor” na visão da voz jornalística em questão. Este julgamento é ressaltado pela circunstância, que se faz parte importante para a construção da ideia exposta pelo repórter. Na circunstância de modo “de forma inesperada”, reforça a ideia de um julgamento implícito na frase, embora este não esteja diretamente adjetivado.

No excerto 3, os processos materiais de Alves em relação à fruta (“pegar”, “descascar”) são destacados como forma de ressaltar que o jogador teria desconstruído a forma de agressão, completando a ideia anterior passada pela circunstância destacada, ao transformar aquilo que lhe fora atirado como ofensa, o que é completado pelo processo material de comer. A voz do repórter também parece induzir o leitor a observar a situação a partir de uma ótica na qual Daniel Alves teria desmontado a ofensa ao ressignificar a fruta: no momento em que ela fora atirada, ela estava significada como um ato de racismo. No momento em que Daniel Alves a comeu, ela significava apenas uma fruta.

(4) Ao se deparar com a fruta na sua frente, o jogador da Seleção se abaixou, pegou a banana e a comeu, sem qualquer cerimônia. (5) Enquanto mastigava, ele bateu o escanteio.

O trecho destacado no excerto 4 também trabalha com julgamentos posicionados para descrever a atitude do jogador perante o caso. Esses julgamentos são, mais uma vez, expostos a partir de processos comportamentais e materiais atribuídos a ele, que foram feitos “sem qualquer cerimônia”, o que o colocaria mais uma vez no campo positivo da normalidade, já que a voz jornalística destaca este fato a partir de sua própria ótica a respeito da atitude do

jogador, aqui vista como incomum. Mais uma vez notamos a importância das circunstâncias para embasar a ótica do repórter a respeito da situação, quando este coloca que o ato foi realizado “sem qualquer cerimônia”. Essa circunstância, além de trabalhar como significado avaliativo, também minimiza o ato de racismo sofrido.

No excerto 5, a voz segue sua visão sobre o fato ao ressaltar que Alves inseriu o ato dito incomum em uma jogada, como se o ocorrido não atrapalhasse de alguma maneira o seu posicionamento no jogo - como se o ato racista não influenciasse na atuação de Daniel em campo e na linguagem que este conversa a partir do futebol. A circunstância “enquanto mastigava” ajuda a reforçar o julgamento de tenacidade, já que passa a ideia de simultaneidade.

(6) Daniel Alves deu mostra de que é superior a esse tipo de discriminação racial e ajudou sua equipe a vencer o Villarreal por 3 a 2, com duas assistências para gols.

(7) Sem pestanejar, Dani⁴² pegou a fruta, a comeu e efetuou a cobrança, (8) num “dar de ombros” para o ato preconceituoso.

No excerto 6, o ato de racismo é minimizado a partir do julgamento da voz do repórter a respeito de Daniel Alves, que ao ser classificado a partir do processo relacional atributivo como “*superior*”, é colocado no campo positivo da normalidade. Neste caso, a atitude do jogador perante ao ato teria mais peso para a voz do que o ato em si, o que é apoiado também pela participação de Alves na partida. Este trecho também pode ser lido a partir do campo positivo da capacidade, já que mostra que ele é capaz de realizar a tarefa que lhe é imposta apesar da intempérie - as duas características de Julgamento, desta forma, se cruzam. O excerto coloca, portanto, o racismo como fator secundário e salienta a vitória do Barcelona sobre o Villarreal e como Alves também colaborou para essa vitória (“com duas assistências para gols”). A própria colocação do ato como “esse tipo de discriminação racial” também já o minimiza. O simbolismo de atirar uma banana contra um jogador negro durante uma partida de futebol não é um ataque individual, mas coletivo a todo um conjunto de pessoas, como é previsto na lei 7.716/1989, que regulamenta o crime de racismo no Brasil - e mesmo que este não seja o contexto no qual ocorreu a ação, é o contexto no qual ela está sendo relatada. No

⁴² Não fica claro se o uso de “Dani” pela voz do repórter indica intimidade e proximidade ou se apenas se refere à forma com a qual o próprio jogador se coloca publicamente, que é “Dani Alves”.

Brasil, o racismo é crime inafiançável e imprescritível e passível de pena de um a três anos, de acordo com a mesma lei.

Os excertos 7 e 8 trabalham da mesma maneira. A circunstância de modo "sem pestanejar", que completa os processos descritos a seguir, também opera por sustentar a mesma lógica de irreverência do jogador diante do ato. Ao mesmo tempo, a adjetivação do ocorrido a partir do termo "ato preconceituoso" opera da mesma forma que o excerto 6, reduzindo o caso de racismo a uma mera banalidade em relação ao que Daniel Alves executou em campo mesmo após sofrer a ofensa. O "dar de ombros" também funciona como minimizador do racismo neste excerto.

(9) Surpreendentemente, o lateral não hesitou e reagiu à agressão de maneira bastante espirituosa: (10) pegou a fruta, descascou-a e comeu, calmamente, antes de realizar a cobrança. (11) Nada como uma boa ironia para combater a ignorância.

(12) Um protesto original, inteligente, muito mais contundente contra o racismo, por seu caráter inovador, do que discursos ou denúncias.

Os excertos selecionados acima buscam ressaltar uma certa importância do protesto em campo de Alves em detrimento de outros contra o racismo no futebol. Nos excertos 9 e 10, os julgamentos a respeito de Alves no campo positivo da normalidade ("surpreendentemente", "calmamente") e da tenacidade ("maneira bastante espirituosa"), sustentados por circunstâncias de modo que advém da visão do repórter a respeito do ato, são utilizados para antecipar o ponto destacado pela voz em questão, que é deixado explícito no excerto 11 ("Nada como uma boa ironia para combater a ignorância"). O excerto 9, de alguma forma, também se relaciona com o excerto 7, já que "sem pestanejar" e "não hesitou" representam o mesmo sentido, mas em diferentes padrões gramaticais.

Novamente são ressaltados os processos materiais do jogador em relação à banana que lhe fora atirada para minimizar o ocorrido, que também são acompanhados pelo seu processo material em jogo ("realizar a cobrança"). No excerto 11, a voz do repórter também trabalha para reduzir o ato de racismo como uma "ignorância" - o que fica perceptível como um atributo impresso a alguém em individual ou a um grupo. Com a circunstância de causa "nada como uma boa ironia", mais uma vez o protesto em campo é alçado ao campo positivo da normalidade e ressaltado com uma importância maior em relação a outros protestos. O excerto

12 complementa essa ideia, mas qualifica diretamente o processo, tornando a identificação do julgamento em questão explícita. Com os adjetivos "original", "inteligente", "mais contundente" e "inovador", o campo positivo da normalidade impresso para voz do repórter é nítido, bem como a ideia de que este seria um melhor protesto do que outros, que ele cita diretamente ("discursos ou denúncias").

(13) A cena não é inédita no futebol. (13) Provocações desse tipo têm se alastrado no esporte.

(14) Na sequência da jogada, o brasileiro bateu dois escanteios seguidos como se nada tivesse acontecido.

(15) No segundo deles, já com a banana digerida, saiu o segundo gol do Barcelona.

O excerto 13, por sua vez, usa uma circunstância de localização ("no futebol") para sustentar o processo relacional, dando a impressão de que a "cena", ou seja, o ato de racismo, ocorre apenas dentro de um espaço determinado, que é o futebol. Colocar que a cena "não é inédita" também implica em uma tentativa de diminuir o ato. No excerto 13, uma circunstância de localização parecida, "no esporte", também ajuda a ampliar a ideia trazida a priori. O processo material trazido em "alastrado" também dá a impressão de que isso é um fato novo, que está ocorrendo há pouco tempo nos estádios - quando seria mais certo dizer que este fato está se tornando mais comum na Europa devido a uma crescente onda de nacionalismo e um mercado do futebol sustentado pela ida de jogadores estrangeiros para os times deste continente, como foi salientado anteriormente neste trabalho.

O excerto 14 já insere o ato de racismo como um elemento intrínseco ao jogo, ao qualificá-lo como "jogada". Mais uma vez, a circunstância de modo do ato de Daniel Alves ("como se nada tivesse acontecido") também ajuda a operar um julgamento positivo no campo da normalidade, bem como também opera como elemento de negação do racismo. Algo semelhante ocorre no excerto 15 com "já com a banana digerida", dando a entender que o ato faz parte do passado e que o que era mais importante na visão da voz do repórter, que é a partida de futebol, seguiu sem complicações advindas do racismo sofrido. Essa voz carrega, portanto, uma comparação negativa com outros casos de racismo no futebol que, ao terem outras respostas, afetaram o modo com o qual a partida ganhava sequência em campo.

7.2 Outras vozes trazidas à tona: como os entrevistados sustentam a história contada pela voz do repórter?

Os dados do estudo piloto mostram que, na avaliação dos entrevistados que falam sobre Daniel Alves e o caso de racismo sofrido pelo jogador, Alves é retratado, em grande parte, por julgamentos que o colocam no campo positivo da tenacidade, como mostra a Figura 3. Este fator se dá por meio de processos materiais ("fazer o que ele fez"), relacionais ("Daniel Alves teve atitude") e também comportamentais ("tirar sarro com o sujeito") realizados pelo jogador, mas que carregam adjetivações ("atitude ousada"; "coragem"; "forte") imprimindo a avaliação dos entrevistados sobre estes processos. Estes julgamentos, assim, intensificariam o argumento geral que é trazido pelas vozes jornalísticas coletadas. Enquanto as vozes jornalísticas trabalham, principalmente, para projetar Daniel Alves no campo positivo da normalidade, demonstrando a sua irreverência, estas completam a argumentação com vozes que, por não terem de, necessariamente, se posicionar com imparcialidade, podem julgar diretamente o ato realizado pelo jogador, qualificando-o.

Quanto ao caso de racismo sofrido e à campanha que surgiu a partir dele, o engajamento dos entrevistados na campanha é reforçado por processos relacionais ("gente, somos todos macacos, por favor", "e somos [iguais] mesmo, independente da cor da pele", "todos somos humanos") e elementos circunstanciais que generalizam a condição de macaco e tentam mitigar o racismo, mas acabam evidenciando a diferença ao invés de reforçar algum tipo de igualdade.

Os processos materiais são realizados por dois personagens: Dilma Rousseff ("vamos mostrar que nossa força, no futebol e na vida, vem de nossa diversidade étnica"), que utilizou o caso para destacar ações antirracismo a serem colocadas em prática na Copa daquele ano, que seria realizada no Brasil e a tenista Serena Williams ("precisamos seguir lutando", "se ensinarmos a esta geração, a seguinte será melhor"), que também foi vítima de racismo.

A partir dos excertos abaixo, verifico a consistência dos dados encontrados no restante do corpus:

(16) "É preciso ter muita coragem para fazer o que ele [Daniel Alves] fez, de conseguir tirar

sarro com o sujeito. (17) Também foi uma forma de dizer 'sou um homem, sou humano, todos somos'. (18) Todos somos humanos, viemos do mesmo lugar"

(19) "O jogador Daniel Alves deu uma resposta ousada e forte ao racismo no esporte. (20) Diante de uma atitude que infelizmente tem se tornado comum nos estádios, Daniel Alves teve atitude"

A voz do entrevistado trazido no excerto 16 é uma das que adjetivam diretamente Daniel Alves e o posicionam em uma perspectiva de julgamento positivo no campo da tenacidade. Este tipo de julgamento complementa o julgamento mais comum na voz do repórter, que é o julgamento no campo da normalidade. Nas limitações trazidas por uma voz dita como imparcial, o repórter pode apenas dizer, implicitamente, que o ato de Daniel Alves fugiu do comum. Os entrevistados, por sua vez, complementam essa perspectiva adjetivando Alves diretamente.

Em "muita coragem" e "tirar sarro" podemos ver alguns desses exemplos, nos quais o entrevistado salienta a forma com a qual Alves agiu diante do ato. No excerto 17, o entrevistado também amplia o ato ocorrido em campo e visualiza que este comunica diretamente um processo relacional - o processo material de comer uma banana automaticamente relacionaria o jogador a um "homem" ou "humano", assim como são "todos". No excerto 18, essa percepção é confirmada pela própria afirmação do entrevistado, que atesta esse processo relacional a partir de sua própria visão.

A mesma lógica pode ser encontrada no excerto 19. Contudo, quem recebe a adjetivação por parte do entrevistado não é Daniel Alves e, sim, a resposta dada por ele ao ato de racismo. A resposta, segundo o entrevistado, seria "ousada" e "forte". Como essa resposta pertence ao jogador, a adjetivação desta também realiza um julgamento indireto a respeito da atitude deste, também localizado no campo positivo da tenacidade. Tendo "o racismo no esporte" como Meta, o excerto também dá por entender que o ato de Alves seria definitivo neste combate. No excerto 20, o advérbio de modo "infelizmente" também trabalha por intensificar a visão do entrevistado a respeito do caso. Assim como já foi localizado no corpus a respeito da voz do repórter, essa voz também aponta que a atitude "tem se tornado comum" como se fosse algo recente que a atitude de Daniel Alves, citada posteriormente, fosse a primeira a ser tomada para combater o ocorrido.

(21) “@danid2ois⁴³. O meu aplauso para o seu talento e sensibilidade. (22) Preconceito é pros fracos, sem fé, sem alegria”

(23) "Foi elegante, inteligente e deu uma demonstração de que a gente pode combater o preconceito na lata. (24) É hora de acabar com isso!", disse a apresentadora recebendo o apoio dos convidados.

Os excertos acima tratam de elogios diretos que Daniel Alves recebeu a respeito de sua ação. No excerto 21, o ato de aplaudir o "talento" e a "sensibilidade" de Daniel Alves também são formas de julgá-lo positivamente no campo da capacidade e da tenacidade, respectivamente. Introduzida diretamente na oração já completa, a menção a Alves também viabiliza a avaliação. No excerto 22, aquilo que é antagônico à atitude de Alves, o "preconceito", é qualificado como algo que pertence aos "fracos, sem fé, sem alegria" - o que, mais uma vez, opera para ressaltar características positivas de capacidade e tenacidade que Alves teria. O excerto também trabalha por resumir o preconceito a algo que está intrínseco apenas a alguns grupos de pessoas (os fracos, sem fé, sem alegria) e não à estrutura da sociedade como um todo.

Já o excerto 23 também opera por trazer julgamentos no campo da normalidade ("elegante") e capacidade ("inteligente") realizados de forma direta, adjetivada. A circunstância de modo "na lata" também trabalha por continuar o fluxo de julgamentos na mesma toada, salientando a forma com a qual Alves respondeu ao ato. Por fim, no excerto 24, o processo material "acabar" tendo "isso" como Meta também minimiza o problema, que é reduzido a um pronome.

(25) “Para Roberto Romano, professor de política e de ética da Unicamp, "trata-se de um ato político transcendental", comparável à Marcha do Sal. (26) Para Romano, o jogador do Barcelona teve a lucidez de introduzir na discussão do racismo um elemento novo, que foge ao convencional, pelo qual o ofendido reage de maneira irritada, mas não vê o debate ganhar consequência prática”.

(27) “Em sua visão, o baiano Daniel Alves, que reforçava o orçamento da família trabalhando na roça na infância, compôs, sem palavras. (28) "uma imagem extremamente eloquente, superior a muitas pregações que, por vezes, se tornam monótonas".

Opiniões de especialistas também foram buscadas pelos veículos de comunicação à época para analisar a proporção do caso. No excerto 25, as credenciais do entrevistado são sustentadas ("professor de política e de ética da Unicamp") para, posteriormente, sua opinião

⁴³ @danid2ois era o username de Daniel Alves na rede social Instagram à época da publicação da matéria. A mensagem utilizada em meio ao texto fora publicada originalmente na rede social.

embasar o tom que está sendo veiculado. Entretanto, o excerto 25 também traz um superlativo ao ato, o que também ressaltaria os mesmos atributos de julgamento positivo no campo da normalidade, capacidade e tenacidade de Daniel Alves, ao compará-lo à Marcha do Sal, protesto contra a proibição imposta pelos britânicos de extração de sal na Índia colonial, liderado por Mahatma Gandhi, que é tido como um fato histórico e revolucionário. Neste excerto, ao comparar Daniel Alves com Gandhi, o entrevistado quer dizer que o jogador fugiu do comum por fazer um "ato político" novo, que foi capaz de atingir outras audiências e, por isso, também foi um ato corajoso.

No excerto 26, a ideia de que Alves estaria sendo visto desta forma pelo entrevistado é ampliada, já que, segundo ele, o jogador "teve a lucidez", ou seja, mais um atributo que pode ser inserido no campo positivo da capacidade. Também se ressalta a importância deste caso para o entrevistado em detrimento a outros atos antirracistas aos quais o ofendido reagiria de maneira irritada - e, ao retratar o ofendido dessa maneira, também julga Alves no campo positivo da normalidade.

Já os excertos 27 e 28 reforçam algumas características de Alves para colocá-lo como "negro modelo". Sua origem é ressaltada: "baiano", "que reforçava o orçamento da família trabalhando na roça na infância". Há também, neste discurso, resquícios da visão meritocrática presente no futebol, que se apoia na ideia de que o jogador teve dificuldades no início de sua carreira. Ao dizer que a resposta foi composta "sem palavras", o entrevistado ressalta algo importante: tudo o que aquele ato significou foi traduzido para a linguagem escrita e falada primeiramente na voz dos repórteres e dos entrevistados para, apenas posteriormente, Daniel Alves também se encontrar na narrativa. Os mesmos julgamentos também são sustentados pela maneira com a qual o entrevistado descreve a imagem vista, que, para ele, foi "eloquente", "superior a muitas pregações que, por vezes, se tornam monótonas".

(29) “Outro fator importante para o professor é que o atleta do Barcelona e da Seleção Brasileira não se posicionou como vítima na situação. (30) Daniel Alves protagonizou uma resposta desconcertante contra quem queria ofendê-lo e desmoralizá-lo”.

O excerto 29 se apoia em outro entrevistado, também credenciado como "professor" - ou seja, a condição de notoriedade sustenta o argumento - e destaca a relação entre o ato de Daniel Alves e a importância para a qual o professor dá para a questão, que foi o modo com o qual o jogador se posicionou a respeito da situação. Para ele, Alves também está no campo

positivo da normalidade porque ele "não se posicionou como vítima na situação".

O mesmo julgamento segue no excerto 30, quando os atributos dados à resposta também são salientados pelo entrevistado ("resposta desconcertante") - aqui, este argumento ainda se cruza com um Julgamento no campo positivo da tenacidade. Para o entrevistado, essa resposta também cumpriria a função de ser um processo material que atingiria diretamente àqueles que provocaram a ofensa - como os processos materiais são vistos como aqueles que "transformam" o mundo, o entrevistado ressalta que o ato de Alves também seria capaz de encerrar o caso. O uso do processo "protagonizar" também dá um ar teatral ao ato de Alves.

(31) "Daniel Alves é um cara fantástico, que teve uma atitude fantástica. Ele é uma pessoa muito alegre, divertida", (32) disse Guardiola, antes de dizer que o racismo está disseminado por toda a Europa, e não apenas na Espanha.

O excerto 31 traz a opinião de Joseph "Pep" Guardiola, tido como um dos treinadores favoritos de Alves⁴⁴, à época, no Bayern de Munique. Em sua opinião, Guardiola qualifica Alves no campo positivo da normalidade em dois momentos: quando ele adjetiva Alves diretamente como "fantástico" e, posteriormente, quando ele qualifica a atitude tomada pelo lateral como "fantástica". Essa repetição também é uma forma de gradação - ou seja, traz mais força ao julgamento apresentado. A adjetivação a respeito da pessoa de Alves também continua quando ele qualifica o jogador como uma pessoa "alegre" e "divertida". Estes atributos casam com a irreverência atribuída a Alves pela voz dos repórteres. No excerto 32, Guardiola, a partir de um processo relacional, também classifica o racismo no futebol como algo do presente, que está em condição de disseminação naquele momento.

7.3 O que diz Daniel Alves sobre o caso?

O estudo piloto mostra que o posicionamento de Daniel Alves em entrevistas, ao relatar o ato de racismo sofrido e suas consequências publicitárias, é apoiado, majoritariamente, pela primeira pessoa do singular e por processos mentais, como quando ele realiza um processo mental emotivo (eu não gosto muito do #somostodosmacacos) apoiado

⁴⁴ Daniel Alves fora treinado por Pep Guardiola quando o técnico estava no comando do Barcelona. Ele já deixou claro a sua admiração pelo trabalho do técnico na imprensa ao dizer que trabalhar com ele era "melhor do que sexo". Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/daniel-alves-diz-que-trabalhar-com-guardiola-e-melhor-do-que-sexo.ghtml>> Acesso em 10 Fev 2019

por outro processo mental, desta vez, cognitivo ("acho que a gente é a evolução disso"). Também fazem-se presentes processos relacionais ("somos humanos e todos iguais") que justificam sua avaliação feita a partir de seus processos mentais cognitivos ("acho que é isso que devemos defender") e seu afastamento da publicidade gerada pela hashtag #SomosTodosMacacos.

Os processos relacionais instanciados na fala de Alves também salientam a forma com a qual ele observa o ambiente a partir do qual realiza suas avaliações, ora para destacar a sua posição contrária a respeito da hashtag #SomosTodosMacacos, ora para destacar sua visão sobre o ambiente no qual ele ocorreu, justificando processos comportamentais ("há 11 anos é dessa maneira", "o meu gesto foi pegar e comer"), bem como explicitar sua visão sobre si mesmo em relação ao caso ("são os fortes que perdoam").

As soluções para o caso descritas por ele refletem por meio de orações materiais, o que implicaria em ações diretas para transformar e criar o mundo ao redor ("fazer algo diferente e criar uma conscientização"; "fazer uma campanha contra o racismo").

Os excertos abaixo mostram como esses argumentos se repetem ao longo do corpus:

(33) "Não sou vítima, nem estou abatido. (34) Isso só me fortalece e vou continuar denunciando atitudes racistas"

No excerto 33, Alves sustenta a hipótese levantada pela voz dos repórteres a partir de processos relacionais. Ele diz "não sou vítima" e "nem estou abatido", distanciando-se, a partir desse processo, de outros desdobramentos de casos de racismo, bem como sustentando os argumentos que julgamento que são feitos em relação a ele diante do caso. Neste caso, o julgamento positivo no campo da normalidade seria o mais forte a estar implícito nessa colocação, já que, com estes atributos destacados, Alves teria fugido daquilo que é comum a outros de seus colegas.

Posteriormente, os processos material e verbal é que dão o tom de como ele se posiciona em relação ao que aconteceu. No primeiro processo, "fortalece", Alves é a Meta e, para ele, o ato de racismo opera para lhe conferir força. Já no segundo, "continuar denunciando", ele se posiciona como uma voz ativa no combate ao racismo, apontando que, ao contrário do que o tom geral das vozes dos repórteres e dos entrevistados teriam passado, o combate ao racismo não teria acabado.

(35) “Tem que haver uma punição. Mas eu não acredito que tenha que pagar o mal com o mal. A gente tem que educar.”

Neste trecho, Alves salienta a sua postura em relação ao ato de racismo sofrido. No excerto 35, ele defende, a partir de diversos processos materiais, a maneira com a qual deve-se lidar com o ato de racismo em si. Esta é a primeira vez no corpus na qual a atitude do jogador também é ampliada, trazendo uma outra perspectiva a respeito do que ele pensa sobre o caso. Alves defende criar uma punição, mas diz não acreditar, um processo mental, em "pagar o mal com o mal", ou seja, não quer devolver aquele processo ao mundo com as mesmas circunstâncias que ele lhe foi conferido.

Posteriormente, ele defende uma outra transformação: educar. Ou seja, a partir dessas sugestões por meio dos processos materiais, o jogador mostra que não dá o caso por encerrado com a atitude tomada em campo, ao contrário do discurso dominante no corpus. Ele, de certa maneira, reconhece que este é um processo contínuo.

(36) “Incidente com a banana? Estou na Espanha há 11 anos e isso acontece desde o início. (37) Você tem que rir desses retardados. (38) Eu não sei quem jogou, mas tenho que agradecer, pois me deu energia para outros dois cruzamentos que acabaram em gol”, disse Daniel Alves após o jogo.

No excerto 36, "banana" está operando para substituir todos os atos de racismo, já que este é o ponto que dá continuidade para o restante do discurso de Alves. Para se posicionar, ele usa de um processo relacional quando diz "estou na Espanha há 11 anos" e diz que "isso" (atos de racismo) "acontece", ou seja, é um processo material contínuo, "desde o início" - circunstância de localização que sustenta o fato de que o ocorrido é algo comum, com o qual ele já estaria acostumado. É importante ressaltar que, assim, Daniel Alves joga com uma instância de normalidade do racismo que a mídia não joga: ou seja, acentua o fato de o episódio de racismo não ser algo isolado.

Já no excerto 37, ele defende um processo comportamental ("rir") como a atitude a ser tomada a respeito dos "retardados", que é como ele qualifica aqueles que cometem atos racistas.

No excerto 38, ele se utiliza do humor para também minimizar o ocorrido. Neste excerto, ele desconstrói a ofensa e resume a banana jogada como uma fruta que teria lhe conferido energia para sustentar seu desempenho na partida em questão.

(39) “Meu Brasil Brasileiro, Verde, amarelo, preto, branco e vermelho. (40) Somos um povo alegre com samba no pé, e é com alegria e ousadia que a gente tem que se manifestar. (41) Olha a banana, olha o bananeiro... sou baiano, sou brasileiro... estamos mais fortes do que nunca, o sorriso é a nossa proteção, a música é a nossa espada...”

No excerto 39, Daniel Alves ressalta um argumento que reflete o fato de que os brasileiros se imaginam em uma democracia racial, ao sustentar que o seu "Brasil Brasileiro" seria "verde, amarelo, preto, branco e vermelho", ressaltando as cores da bandeira e também as cores que representam as características étnicas diversas intrínsecas à população do país. Já no excerto 40, os argumentos do jogador também encontram o "idioma racista" e o "relaxamento das tensões raciais" dos quais nos falamos Helal e Gordon Jr (2001), uma vez que os atributos que Alves coloca para a população brasileira ressaltam a "alegria" e o "samba no pé", algumas das palavras que estão intrinsecamente ligadas ao imaginário do povo brasileiro quando é descrito o jeito de jogar futebol.

Assim, para Alves, a "alegria e a ousadia" também seriam formas de se manifestar. Nestes argumentos, ele também sustenta os julgamentos no campo positivo da normalidade trazidos pelas vozes dos repórteres mas, ao invés de carregar apenas consigo essa característica, ele a generaliza para todo o povo brasileiro. No excerto 41, ele ainda ressalta alguns outros aspectos que complementam essa ideia, a partir de processos relacionais. Ser "baiano" e ser "brasileiro" sustentariam a forma com a qual ele agiu diante do ato de racismo. Ele também relaciona o "sorriso" com "proteção" e a "música" com "espada", tornando outros elementos que estão discursivamente impressos ao povo brasileiro como armas de combate ao racismo.

7.4 Como termos-chave apresentam padrões de julgamento?

Com o auxílio do Sketch Engine, identifiquei quais eram os cinquenta termos mais comuns no corpus compilado. Por meio destes termos, busco entender como esses padrões de julgamento se fazem presentes nas mais diversas vozes trazidas ao texto - isto é, se repetem por todo o corpus.

Selecionei três dos substantivos mais frequentes que representam temas centrais do caso em questão. Estes termos, a serem analisados nos tópicos a seguir, e a frequência com a qual eles se apresentam no corpus, estão descritos na Tabela 1:

Tabela 1 - Substantivos frequentes no corpus e a frequência com a qual estes se apresentam

Termo	Frequência no corpus
Racismo	221
Banana	182
Jogador	101

7.4.1 Racismo

Para analisar o termo “racismo”, observemos algumas concordâncias coletadas no corpus, descritas no Quadro 6. Ao longo das análises dos excertos, identificamos que muitas das vozes analisadas acreditam que atitude de Daniel Alves perante ao ato de racismo sofrido foi um ato transformador: ou seja, causou alguma modificação a respeito de como o racismo se configura no futebol.

As concordâncias 1, 2 e 6 mostram que a voz do repórter se utiliza de circunstâncias de ângulo para sustentar a visão que é passada a respeito do caso, que é visto como uma reação ao racismo, "combate ao racismo" e "uma campanha contra o racismo no futebol" - de acordo com Boateng⁴⁵, Serena⁴⁶ e "personalidades de diferentes meios". Ou seja, são utilizadas para sustentar algo que está presente em grande parte do discurso das vozes coletadas - o fato de que a ação de Daniel Alves afetaria diretamente o racismo de forma transformadora, explícita ou não em processos materiais. Por sua vez, as concordâncias 4, 5 e 7 já salientam que a atitude de Daniel Alves foi uma resposta contundente ao racismo sofrido, sem se apoiar nas circunstâncias de ângulo.

Na concordância 5, o posicionamento de Daniel Alves é adjetivado para sustentar seu julgamento no campo positivo da normalidade ("ousada", "forte"). É importante salientar que, na maior parte dos casos, o racismo recebe a ação ou é a circunstância.

Quadro 6 - Concordância para “racismo” no corpus coletado

1 Boateng diz que Daniel Alves é exemplo de como reagir ao racismo . Defensor do Bayern de Munique foi

⁴⁵ Jérôme Boateng, futebolista afro-alemão

⁴⁶ Serena Williams, tenista norte-americana

2	Serena aprova atitude de Daniel Alves em <u>prol do combate</u> ao racismo A atitude do lateral-direito brasileiro
3	que foi protagonista de outro lamentável episódio de racismo neste domingo, Neymar resolveu se manifestar
4	aprovou o exemplo de Daniel, citando que o brasileiro deu um tapa no racismo ainda muito presente na sociedade
5	O jogador Daniel Alves deu uma resposta ousada e forte ao racismo no esporte. Diante de uma atitude que infelizmente
6	personalidades de diferentes meios ampliaram a campanha contra o racismo no futebol e a situação vivida pelo jogador do Barcelona
7	postaram fotos e vídeos em alusão ao caso. Daniel Alves rebate racismo da torcida e come banana jogada no campo

Abaixo, na Figura 6, também destacamos os processos que estão diretamente relacionados com o termo "racismo" no corpus. Como estes foram coletados automaticamente com o Sketch Engine, nem todos representam processos que têm o racismo como participante do processo, como em "comer", um processo material que está relacionado com a frase "racismo da torcida e come".

Figura 6 - Lista de processos relacionados a "racismo" no corpus coletado

racismo_N suj de V	V obj racismo_N	racismo_N mod por Adj-Part	racismo_N ser-estar N
completar ... luta contra o racismo ", completou	haver ... há racismo no futebol	institucional ... Racismo institucional	crime ... Racismo é crime
ir ... racismo vai	enfrentar ... ser capaz de enfrentar o racismo . Ele	sofrer ... racismo sofrido	coisa ... racismo é coisa
gerar ... racismo e gerou	combater ... combaterá racismo	banana ... racismo banana	
comer ... racismo da torcida e come	existir ... exista racismo	repetir ... racismo repetidas	
existir ... Racismo institucional Leci garante que o racismo existe	derrotar ... Como Daniel Alves derrotou o racismo	presente ... racismo ainda muito presente	
começar ... racismo começou	considerar ... uma tendência de considerar o racismo como um fenômeno	lançar ... racismo banana lançada	
apoiar ... racismo A presidente Dilma Roussef apoiou	criticar ... criticar racismo		
ser ... racismo é	cometer ... cometeu o racismo		
ganhar ... racismo ganhou	reproduzir ... reproduz racismo		
comentar ... racismo ", comentou	guardar ... guardamos o nosso racismo		
dizer ... racismo no futebol e disse	rebater ... rebate racismo		
poder ... racismo não pode	denunciar ... denunciar o racismo		

Fonte: Sketch Engine

Entretanto, podemos observar que há alguns processos que consideram a existência do racismo, ou seja, processos existenciais, como "haver" ("há racismo no futebol") e "existir" ("exista racismo"). Estes processos, assim colocados, podem dar uma impressão de normalidade ao fato - ou seja, fazem com que o racismo no futebol seja visto como algo corriqueiro, já que é definido apenas pela sua existência e pela argumentação narrativa.

Em outros, o racismo é apenas colocado como ponto de vista de outras vozes em

processos verbais, como "considerar" ("considerar o racismo como um fenômeno"), "denunciar" ("denunciar o racismo"), "rebater" ("rebate racismo"), "criticar" ("critica racismo"). Nestes processos, o racismo é a Verbiagem, mas não há um receptor. O racismo é visto como algo amplo e, talvez, colocado em uma condição abstrata. Quando se fala em "denunciar", "rebater" e "criticar", especificamente está se falando sobre o caso de racismo sofrido por Daniel Alves e não do racismo no futebol como um todo. Esse caso, assim, é colocado como segundo plano - a ofensa sofrida pelo jogador torna-se algo irrelevante com estes processos, salientando a ideia ampliada pelas vozes dos repórteres de que Alves teria automaticamente bloqueado a ofensa com a sua atitude.

Com os processos materiais, o racismo é algo a ser transformado ou é algo transformador. "Enfrentar" ("ser capaz de enfrentar o racismo"), "combater" ("combaterá racismo"), "cometer" ("cometeu o racismo"), "guardar" ("guardamos o nosso racismo"). Em um único caso, "sofrer", o racismo está relacionado com um processo mental ("racismo sofrido"). Em "enfrentar", "combater" e "cometer", o racismo está colocado na mesma condição abstrata do que nos processos verbais salientados no parágrafo anterior. Já "guardar" é um dos únicos casos que coloca o racismo como algo diretamente afetado pelo dizente que, ao mesmo tempo, se coloca como um dos autores da ação ao salientar que o racismo é algo coletivo - algo que estaria, assim, enraizado na sociedade. O uso do processo "sofrer" também trabalha por tirar o racismo da condição abstrata e lembra que este se trata de um ato direcionado ao jogador Daniel Alves.

Mais uma vez, também podemos observar processos materiais que são impressos a Daniel Alves, como já foi observado na análise dos excertos. "Derrotar" é um processo atribuído ao ato realizado pelo jogador que, não necessariamente, reflete as intenções deste na hora de pegar a banana jogada e comer. O mesmo ocorre com o processo "rebater" - ele também é atribuído à ação de Alves e não representa o que foi realizado de fato.

É importante notar que, no corpus coletado, a palavra racismo só está conectada a um processo relacional no status de crime uma única vez, quando é dita por um entrevistado em uma das matérias que o compõem. No corpus *Portuguese Web 2011 TenTen*, essa relação também é relativamente baixa dada a amostra da língua: "racismo é crime" é uma expressão que aparece apenas 120 vezes.

7.4.2 Banana

No Quadro 7, trago as concordâncias relacionadas ao termo “banana”. Como já observado anteriormente, “banana” ocupa diversos lugares em relação às vozes apresentadas e na simbologia do ocorrido. Ora ela é apenas uma fruta que o jogador pega e come, não ligada diretamente ao ato de racismo em si, ora, ela também representa o racismo no futebol como um todo.

Nas concordâncias 8 e 13, a banana é vista como um alimento - e, no primeiro caso, o ato de comer a banana é também intensificado pelo processo escolhido, “devorou”, que imprime uma intensidade maior do que “comer” ao ato. Nas concordâncias 9, 11 e 14, a banana também é colocada apenas como uma fruta. Na primeira, a voz do repórter também não deixa claro que a banana caída no gramado é um ato racista. Na segunda e na terceira, a utilização de "o torcedor que jogou a banana", "o rapaz que jogou a banana no campo" também não deixa explícito que este ato se trataria de um ato racista.

A concordância 12 sustenta que o ato de atirar uma banana em direção ao jogador é uma provocação racista, mas resume esta como uma atitude vinda da torcida, de forma coletiva. Na concordância 10, a banana é reduzida a uma "bem-humorada corrente contra o preconceito", já que ela se tornaria símbolo da campanha #SomosTodosMacacos. É importante salientar que, quase sempre, a banana atua como Meta dos processos.

Quadro 7 - Concordância para “banana” no corpus coletado

8 para cobrar escanteio, quando a torcida do Villarreal lhe atirou uma banana . O brasileiro ignorou o gesto e devorou o alimento
9 brasileira se preparava para cobrar um escanteio, quando viu uma banana , <u>jogada da arquibancada</u> , caída no gramado
10 Philippe Coutinho e Luis Suárez entraram na <u>bem-humorada</u> corrente da banana contra o preconceito. Banana para o racismo
11 O Villarreal ainda localizou o torcedor que jogou a banana ao campo no domingo e anunciou nesta segunda-feira que proibirá sua entrada
12 de uma provocação racista vinda da torcida. Arremessaram uma banana em direção ao jogador, que respondeu com ironia
13 Rousseff apoiou o jogador Daniel Alves por sua atitude de comer uma banana lançada <u>desde a arquibancada</u> em um <u>suposto ato racista</u> na Espanha
14 No Centro de Treinamento do Villarreal, o rapaz que jogou a banana no campo trabalhava de forma voluntária. Ele ajudava a treinar jovens

Nos processos relacionados ao termo "banana" no corpus, também podemos encontrar a dicotomia de representações da fruta dentro desses discursos, como é possível observar na Figura 7.

Figura 7 - Lista de processos relacionados a “banana” no corpus coletado

↔ ☰ 🔍 ✕	↔ ☰ 🔍 ✕	↔ ☰ 🔍 ✕	↔ ☰ 🔍 ✕	↔ ☰ 🔍 ✕
verbo com se + banana_N	V obj banana_N	banana_N suj de V	banana_N mod por Adj-Part	sujeito da passiva pessoal
comer ... come banana	comer ... comendo uma banana	ir ... banana foi	atirar ... comeu uma banana atirada por	arremessar ... uma banana foi arremessada
	jogar ... jogou uma banana	evitar ... filho , come banana que evita cáibra	lançar ... uma banana lançada desde a arquibancada	atirar ... banana foi atirada
	atirar ... torcedor atirou uma banana	comer ... banana e a comeu	digerir ... banana digerida	ousar ... banana foi ousada
	segurar ... segurando uma banana	olhar ... Olha a banana , olha o bananeiro	arremessar ... banana arremessada	lançar ... banana foi lançada
	pegar ... pegou uma banana atirada	limitar ... banana e ele se limitou	pro ... banana pro	
	lançar ... lançou uma banana em	poder ... Branco comendo uma banana ou colocando sobre a cabeça pode virar Carmen Miranda		
	mandar ... mandar uma banana	escrever ... banana não faz parte delas # eunãosoumacaco , escreveu		
	ver ... viu uma banana	ter ... foto comendo uma banana e vamos usar o que eles tem contra a gente		
	ter ... teve uma banana atirada	mobilizar ... banana , que imediatamente mobilizou		
	distribuir ... distribui bananas	banir ... banana e que o baniu		
	catar ... catou a banana	revidar ... banana em Daniel , que revidou		
	empunhar ... empunhando uma banana	sair ... banana digerida , saiu		
	▼			

Fonte: Sketch Engine

Na maior parte dos processos materiais identificados ("comer", "jogar", "atirar", "segurar", "pegar", "lançar", "mandar", "distribuir", "catar", "empunhar"), a banana está reduzida à tal fruta que o jogador pega e come, com o ato de racismo em si implícito, mas não exposto a partir disto. Estes processos também operam por descrever de diferentes formas

tanto o ato de racismo cometido (em “lançar”, “mandar”), oculto por meio de uma ação comum descrita, quanto a reação do jogador, que é descrita de diferentes maneiras. É interessante verificar que o uso do processo também trabalha por operar julgamentos. “Pegar” é um processo material mais comum. Contudo, quando se coloca processos como “empunhar” e “catar”, também se imprime uma teatralidade ao ato, bem como são estes processos mais próximos de uma atitude mais agressiva ou brusca - sustentando a hipótese da voz dos repórteres de que esta seria uma resposta ríspida do jogador ao racismo sofrido.

Quando ela representa o racismo no futebol como um todo, até mesmo um processo comportamental é atribuído à banana, um ser inanimado - "ousar". "A banana foi ousada". Em outros casos, também se atribui processos tendo a banana como "Ator", como no processo material "ir" ("banana foi"), "mobilizar" ("banana, que imediatamente mobilizou"). Colocando a banana nessa posição, também se trabalha por ocultar o ato de racismo em si, que é reduzido à essência da fruta - como se a fruta fosse não somente símbolo, mas fonte da agressão sofrida. Percebe-se que este recurso linguístico opera por evitar falar diretamente que o ato que acometeu Alves foi um ato racista. O mesmo tipo de ocultação também está no fato de o ato de racismo ter mobilizado uma campanha - no caso, foi a “banana” quem mobilizou, de acordo com os processos observados.

Noto, também, que muitos processos materiais nos quais a banana é Meta e que não se referem a Daniel Alves e, sim, ao torcedor que atirou a banana em direção ao campo, contam com o sujeito da ação oculto. Assim, em "atirar", "banana foi atirada". Em "lançar", "banana foi lançada" e em "arremessar", "banana arremessada". Estes recursos também trabalham não só por ocultar o racismo mas, também, para minimizá-lo. A banana é utilizada de forma lúdica para mitigar uma questão pesada que as vozes dos repórteres parecem querer evitar tratar diretamente.

7.4.3 Jogador

Por fim, o Quadro 8 traz as concordâncias para "jogador" coletadas por meio do Sketch Engine. É importante observar que há diferentes lugares gramaticais que o termo se coloca que nos ajudam a observar as avaliações que são feitas em relação a Alves no caso

relatado.

Nas concordâncias 15 e 20, o "jogador" Daniel Alves é o Recebedor de uma Verbiagem proferida por alguém. No primeiro caso, é a presidenta da república à época, Dilma Rousseff, quem elogia a atitude de Alves - salientando que o ato realizado por ele teria sido uma resposta contundente ao racismo sofrido. Já na concordância 20, na qual o Dizente é o clube de Alves, o Barcelona, a Verbiagem opera por colocar o jogador como Recebedor, mas de uma forma diferente à da presidenta: o Barcelona não coloca elogios à atitude de Alves em campo e, sim, expressa "apoio e solidariedade" ao racismo sofrido. Ou seja, o clube de Alves não visualiza a atitude do jogador como uma resposta imediata ao ocorrido.

A concordância 18 também traz o processo "apoiar" antecedendo jogador, mais uma vez atribuída a Rousseff. Provavelmente fruto de uma mesma entrevista contada de diferentes formas, no primeiro caso a presidenta teria "elogiado" a atitude e, no segundo, "apoiado", o que seriam coisas diferentes, embora sejam ambas direcionadas à suposta resposta de Alves.

As concordâncias 16, 19 e 21 operam para projetar processos que teriam sido realizados pelo jogador. Na concordância 16, ele "deu uma resposta ousada". Na concordância 5, fala-se de toda uma "situação vivida pelo jogador do Barcelona" que não engloba apenas o racismo sofrido, mas o ocorrido como um todo. Na concordância 21, a circunstância da ação é toda atribuída ao jogador.

Por fim, a concordância 17 é a única que parece apresentar diretamente Alves como vítima de uma situação de racismo, colocando o processo relacional "foi" no qual o "jogador" é o Portador do Atributo "vítima".

Quadro 8 - Concordância para "jogador" no corpus coletado

15 Rousseff elogiou nesta segunda-feira (28/04), pelo Twitter, a atitude do jogador brasileiro Daniel Alves, que durante uma partida pelo Barcelona foi vítima de racismo
16 rir dessa gente atrasada", comentou o lateral após o jogo. "O jogador Daniel Alves deu uma resposta ousada e forte ao racismo no esporte. Diante de
17 ,sobre o Villareal. Ao se dirigir para cobrar um escanteio, o jogador foi vítima de uma provocação racista vinda da torcida. Arremessaram uma banana
18 apoia Daniel Alves e diz que Brasil combaterá racismo A presidente Dilma Rousseff apoiou o jogador Daniel Alves por sua atitude de comer uma banana lançada desde a arquibancada em um suposto
19 de diferentes meios ampliaram a campanha contra o racismo no futebol e a situação vivida pelo jogador do Barcelona. Durante uma cobrança de escanteio na partida entre seu time
20 lateral brasileiro. "Queremos expressar completo apoio e solidariedade ao nosso jogador Dani Alves, depois do insulto que ele recebeu", ressaltou o clube catalão

21 Teria sido alvo de tímidos protestos não fosse a reação irreverente do **jogador** brasileiro e a entrada em cena do craque Neymar, seu companheiro de Barcelona e de

Ao analisar os processos relacionados com o termo "jogador" no corpus, pude notar que eles formam uma extensa lista colocando o jogador como sujeito de verbo, como destaque na Figura 7 - ao contrário dos outros termos relacionados, que apresentam mais colunas com outras possibilidades.

Figura 8 - Lista de processos relacionados a "jogador" no corpus coletado

↔		☰	✕
jogador_N suj de V			
comer	...	jogador Daniel Alves , que comeu	
pegar	...	O jogador pegou a	
receber	...	jogador recebeu	
descascar	...	jogador pegou a fruta , descascou	
desejar	...	jogador procurou ainda deixar claro que não deseja	
ir	...	jogador foi	
demonstrar	...	jogadores , atletas , artistas e torcedores demonstraram	
responder	...	jogador , que respondeu	
tratar	...	Villarreal , o jogador brasileiro tratou com ironia os	
procurar	...	jogador procurou	
fazer	...	jogador , que fez	
estar	...	jogador para mostrar que está	
dar	...	O jogador Daniel Alves deu uma resposta ousada	
postar	...	jogador Neymar e postou	
comemorar	...	Jogador brasileiro Daniel Alves comemora	
solidarizar	...	jogadores do clube finlandês HJK Helsinki se solidarizaram	
preferir	...	jogadores preferiram	
dividir	...	jogador Neymar , divide	
abaixar	...	jogador da Seleção se abaixou	

Fonte: Sketch Engine

Um dos pontos que mais chama a atenção neste levantamento de processos é que eles são, em grande parte, atribuídos ao jogador (que, na maioria dos casos, é Daniel Alves) pela voz do repórter.

Alguns processos retratam a percepção e a descrição exata do fato observado, como "comer", "pegar" e "descascar". São descrições detalhadas, a partir de processos materiais, do que Daniel Alves teria feito com a banana que lhe fora jogada em campo. No entanto, estes processos também trabalham para imprimir uma sensação de que a situação seria apenas um ato corriqueiro. Destacar as ações do jogador como "esperadas" a se fazer com uma fruta como a banana também é desviar a atenção do foco principal, que é o racismo sofrido.

Processos comportamentais como "abaixar" e "tratar" [com ironia - circunstância de modo] também operam desta mesma maneira - mas, desta vez, imprimindo ao jogador este desvio da atenção do racismo sofrido. De acordo com os olhares das vozes dos repórteres, que descrevem o ato, o racismo também não seria importante para Alves naquele momento.

O processo material "dar" também coloca o ato realizado por Alves em campo, automaticamente, como a resposta ao racismo sofrido - e visualiza, neste simbolismo, que a resposta seria "ousada".

Outros processos estão relacionados a outros jogadores também relacionados no corpus. Em "postar", processo material, observa-se a ação do jogador Neymar, à época, companheiro de time de Daniel Alves, como ponto inicial para transformar as dimensões da postura tomada pelo companheiro em campo. Quando outros jogadores seguem a tendência de Neymar (que foi a de postar uma foto com uma banana e lançar a hashtag #SomosTodosMacacos), é colocado que esses jogadores se "solidarizaram" com Daniel Alves, embora o próprio não tenha sido o autor da campanha realizada a partir do seu ato de racismo sofrido e que tenha declarado posteriormente que não gostava da campanha em si.

Neste levantamento de processos, também salta a questão de o "jogador", que muitas vezes representa Alves no corpus, realizar ações que são colocadas para ele a partir das vozes que estão relatando o ocorrido. Ou seja: estes processos não refletem amplamente o que realmente se passou, em alguns casos, já que o ato de Alves diante da banana que lhe fora jogada em campo ganhou interpretação livre e foi ampliado após o engajamento de outras

celebridades na campanha #SomosTodosMacacos após Neymar iniciar o movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade se altera e, com ela, o futebol segue a mesma toada. Esta é uma tendência óbvia, dada a importância desse esporte como manifestação popular e sua presença no imaginário nacional. Um jogador brasileiro, que também atua na Seleção Brasileira, não era comum no futebol europeu. Mas Daniel Alves, que é o Ator do caso analisado nesta pesquisa, construiu toda a sua carreira a partir desse mercado. Assim como Alves, são muitos outros os jogadores que seguem essa mesma tendência. Mas há um "problema discursivo do racismo" no futebol e na sociedade brasileira que se torna latente para compreender as demais relações que estão intrínsecas ao simples fato de alguém entrar em campo e ser chamado de "jogador de futebol".

No segundo capítulo deste trabalho, portanto, compreendo que, no Brasil, houve uma resistência à presença do negro no futebol desde o início da profissionalização do esporte. Com a profissionalização, os negros, recém-saídos de um passado enquanto escravizados, viram no esporte uma oportunidade de ascensão social que lhes foi conferida - e, por certo tempo, acreditou-se que este fator também representava certa democracia racial em nosso país. Mas havia - e há - uma distância social entre o negro e o branco (FERNANDES, 2008) que reverberava até mesmo sobre Pelé, o rei do futebol, que era tido como um "negro que cabe no mundo dos brancos". As tensões raciais no futebol são mais relaxadas (HELAL; GORDON JR, 2001) e, por isso, muitas vezes são esquecidas.

Mas o negro que se incomoda com o racismo sofrido - porque ele existe, de diversas maneiras - é criticado. Entra em depressão, como Paulinho. Perde seu status de ídolo, como Baiano. Na Europa, eles são sempre estrangeiros (TONINI, 2013). O menino negro pode sonhar com o futebol - mas não pode sonhar tão alto. Existe um racismo institucional enraizado que faz com que, no esporte, não existam negros em cargos de maior expressão, como técnicos ou dirigentes de um clube.

A Europa vibra com nomes estrangeiros. Eles são ídolos. Eles marcam gols pelos times que carregam o peso de um outro país. Mas os pensamentos nacionalistas estão dentro dos estádios e, disfarçados no ato de torcer, o racismo e a xenofobia imperam.

Então há o discurso midiático esportivo, relatado no terceiro capítulo. Assistir futebol, nos dias de hoje, tem muito a ver com a midiaticização desse esporte. A perspectiva do que se

passa em campo consumida por aqueles que acompanham o futebol também passa pelo filtro dos jornalistas esportivos. Há uma linguagem carregada de emoção, mesmo quando a informação é tida como *hard news*. O discurso midiático é feito para seduzir o leitor (CHARAUDEAU, 2012). Logo, faz sentido que alguns significados avaliativos possam ser identificados na voz do repórter (MARTIN; WHITE, 2005; WHITE, 2009).

No quarto e no quinto capítulos, apresento a Linguística Sistêmico-Funcional e o Sistema de Avaliatividade. O aparato metodológico ancorado nestes dois referenciais nos permitiu definir como alguns sistemas de valores, pressupostos e diferentes modos de contar histórias influenciam diretamente no discurso midiático (WHITE, 2003).

Por meio da análise do discurso midiático em torno do caso de racismo sofrido por Daniel Alves, esta pesquisa pretendeu mostrar como alguns padrões de representação do racismo no futebol estão enraizados tanto na imprensa quanto no imaginário brasileiro. Há um pensamento constante de quem se posiciona como "vítima" do ato é inconveniente - conveniente seria apenas aquele que "dá de ombros", como o ato de Alves foi interpretado por grande parte dos discursos coletados no corpus. Os julgamentos conferidos ao jogador acabam por colocá-lo no papel de negro modelo que relatamos no segundo capítulo, já que este não briga por sua posição e nem pela sua voz - simplesmente ignora.

A forma com a qual a imprensa abordou o caso também pareceu trazer uma espécie de "apagamento" dos casos de racismo posteriores, já que Daniel Alves teria derrotado-o, segundo os argumentos analisados.

É possível perceber, por meio dos dados coletados e analisados, que a democracia racial imaginada, da qual nos fala Guimarães (1995), ainda domina o pensamento de senso comum. E, como os regimes de representação (HALL, 1997) nos são impostos e até mesmo preferidos no consumo da mídia de massa, eles ainda permanecem ali, escondidos entre cada escolha de palavras.

A grande parte de julgamentos que envolvem Daniel Alves em relação à sua atitude no caso de racismo o colocam em dois campos positivos: normalidade e capacidade. Quando se fala em campos positivos de julgamento, quer dizer que características positivas relacionadas com estes campos são ressaltadas, mas, nem sempre, os julgamentos positivos querem dizer algo necessariamente bom.

Tirar Alves do campo da normalidade, ou seja, tratá-lo como irreverente, é sustentar a

lógica que está presente em torno dos demais jogadores que sofrem racismo no futebol. Como é possível observar no corpus, irreverente é aquele que "dá de ombros", protesta de uma maneira que agrada aos outros por não se posicionar como vítima, ao mesmo tempo em que outros jogadores que se colocam nessa posição - como seria de direito desses - costumam ser rejeitados ao tentar combater o racismo sofrido. Um estudo comparativo daria conta de analisar essa situação mais detalhadamente, embora o histórico resgatado no capítulo 2 traga uma ideia do que isso representa.

O elogio a essa característica de Alves aparece tanto na voz dos repórteres quanto nas vozes trazidas ao texto para sustentar os argumentos. Enquanto nas vozes dos repórteres esse julgamento é implícito, menos adjetivado, as vozes dos entrevistados operam por reforçá-lo a partir da adjetivação.

Nota-se que, enquanto o discurso midiático não conta com a adjetivação direta como padrão, as circunstâncias cumprem um papel importante para complementar os julgamentos implícitos neste. Circunstâncias de modo, principalmente, cumprem esse papel, já que, ao indicarem a forma com a qual Alves completara a ação - muitas dessas vezes, imaginada ("de forma inesperada", "sem qualquer cerimônia), operam da mesma maneira que a adjetivação para o sentido das sentenças.

Falar de "capacidade" e de "tenacidade", outros julgamentos positivos que aparecem no corpus, é uma forma de elogiar a força e a inteligência de Alves. Este argumento pode parecer inofensivo, mas é uma maneira de reforçar padrões de masculinidade que são cobrados dos jogadores de esporte de contato. Como nos conta Dunning (2004), a origem dos esportes de contato está calcada em padrões esperados da masculinidade. Para o autor, o início dos jogos populares expressava "uma forma razoavelmente extremada de patriarcado" (DUNNING, 2004, p.238). Logo, elogiar a força de Alves na atitude e minimizar aqueles que se posicionam como vítima ou que ficam abalados com o racismo sofrido também é sustentar este modelo de patriarcado. Também se espera um tipo de força ainda mais potencializada por parte dos negros, especialmente dos homens, já que, segundo hooks (2004), enquanto as mulheres negras encontram literatura disponível para ajudá-las a desconstruir estes padrões, os homens negros pouco têm espaço para discutir suas questões e continuam jogando de acordo com aquilo que é trazido pelo senso comum.

Um dos destaques dessa análise também é o termo "pardo" sendo empregado para

descrever o jogador de acordo com as vozes dos repórteres. O embranquecimento de pessoas pardas na mídia brasileira é um ponto ressaltado por diversos estudiosos do tema, como Carneiro (2011), que argumenta que a miscigenação no Brasil exclui ou embranquece negros de pele clara nos contextos midiáticos. O negro da representação midiática seria um negro único e estereotipado, marcado pela diferença (COSTA, 2012, p.58), enquanto os personagens brancos seriam retratados em toda a sua diversidade e complexidade (CARNEIRO, 2011). Assim, a branquitude é retratada de forma “diversa e policromática”, enquanto a negritude “padece de toda sorte de indagações” (CARNEIRO, 2011, p.71).

Há vozes de entrevistados que completam essa ideia. Assim como o estudo de Florenzano (2017) conta que Pelé era tido pela imprensa como um "negro modelo dos brancos", algo que Fanon (2008) destaca para revelar qual é o negro aceito pela sociedade, neste caso de racismo, Alves também fora retratado dessa forma, de acordo com a análise realizada. Em alguns trechos, sua origem é ressaltada para, posteriormente, ser conectada com a atitude que ele tomou em campo. Há resquícios da lógica meritocrática da qual falam Reis e Escher (2006) neste discurso: este teria sido um jogador que se esforçou, alcançou o sucesso e joga o jogo de acordo com aquilo que é esperado pela sociedade.

Por estes discursos apresentados terem sido resultado de uma compilação de notícias em um corpus - ou seja, são discursos de diferentes origens - nota-se também que a democracia racial imaginada (Guimarães, 1995) domina o discurso midiático. Na mesma toada da campanha que sucedeu o ato, Daniel Alves tem sua atitude louvada por "mostrar que é igual". E, de acordo com essa democracia racial imaginada, este é o padrão a partir do qual os jogadores negros têm de se encaixar para não serem punidos de alguma forma como Grafite (TONINI, 2012), Baiano (GIGLIO et al, 2014) e tantos outros que denunciaram o racismo sofrido de outra forma.

Com os dados, também pude perceber que a imprensa opera para dizer que o racismo é coisa de algumas únicas pessoas ao invés de tratar este como um problema sistêmico ou até mesmo como crime - a análise do corpus a respeito da palavra "racismo" no Sketch Engine já nos mostrou o quão fraca é a associação do ato racista com o ato criminoso, tanto neste corpus quanto em um corpus geral de língua portuguesa analisado.

Por meio desses discursos midiáticos, já que Alves foi retratado como alguém "especial", "fora do comum" por ter comido a banana em campo, ocorreu uma construção de

que a resposta do jogador teria sido uma solução definitiva contra o racismo no futebol. É interessante notar a fala de um entrevistado utilizada em uma matéria que compara o jogador com Mahatma Gandhi na Marcha do Sal - como se fosse este um gesto definitivo para colocar fim em uma questão latente.

Como forma de demonstrar que o racismo no futebol e na sociedade brasileira estão longe do fim, o Observatório da Discriminação Racial No Futebol coleta anualmente os casos de racismo que acontecem dentro desse esporte e também em outros esportes de expressão nacional ou mundial. Em 2017, foram 51 casos de discriminação racial nos esportes (MANERA; CARVALHO, 2018) - e isso considerando aqueles que foram midiaticizados. No momento em que este trabalho está sendo finalizado, fevereiro de 2019, um novo caso de racismo voltou a atingir o Barcelona: dessa vez, foi a jogadora brasileira Andressa Alves que sofreu insultos racistas durante toda a partida por parte de uma jogadora do Rayo Vallecano⁴⁷.

Concluo, portanto, que a linguagem utilizada pelos discursos midiáticos opera para reforçar os padrões de representação acerca do racismo no futebol. Terminei de visualizar as questões apontadas com as análises dos excertos a partir dos dois termos visualizados com o auxílio das ferramentas do Sketch Engine: acredita-se, neste discurso, que Alves teria sido capaz de afetar diretamente o racismo lhe oferecendo uma resposta "contudente". Contudo, o racismo é tratado pela imprensa como algo que existe, é dito por alguém que existe ou que é algo a ser combatido. Entretanto, sua condição de ato condenável é pouco destacada, tampouco suas consequências.

Simbologia máxima do ocorrido, a banana é um elemento metonímico neste corpus: representa apenas uma fruta ou o racismo no futebol como um todo. Ela é um objeto que também ganha vida própria, já que, em nenhum momento, ela é tratada diretamente como algo que foi atirado dentro do estádio com um único objetivo: disfarçar o racismo e a xenofobia em uma manifestação exacerbada de torcida e lembrar ao jogador que estava em campo que aquele não era o seu lugar de origem.

Este trabalho, entretanto, possui algumas limitações. Como os artigos não foram analisados, bem como as notícias impressas publicadas a respeito do caso, não é possível compreender se os padrões encontrados nas *hard news* online também podem ser peças

⁴⁷ Disponível em:

<<http://www.observatorioracialfutebol.com.br/brasileira-do-barcelona-afirma-ter-sido-vitima-de-racismo-em-jogo-de-futebol-na-espanha/>> Acesso em 12 Fev 2019

presentes nestes outros casos. Além disso, o caso do racismo sofrido por Daniel Alves ganhou muito mais importância do que outros por parte da imprensa nos últimos anos. A campanha #SomosTodosMacacos também corroborou para que este caso fosse ampliado nas redes sociais e, assim, os resultados dessas redes foram ampliados pela imprensa. Devido à saturação de estudos que envolvem diretamente a campanha, como relatado na introdução, escolhi, neste momento, não trabalhar com ela nessa análise - mas creio que um cruzamento de dados entre a campanha e as notícias publicadas possam nos fornecer resultados ainda mais contundentes do que os encontrados aqui. Além disso, há muitos trechos no corpus que também trazem elementos que se relacionam com a categoria de Apreciação, que não foi analisada neste primeiro momento.

Com os dados obtidos nesta pesquisa, acredito que haja um desenho para uma metodologia de análise de aspectos sociológicos do esporte por meio da linguagem que está intrínseca a ele. Este é um objetivo de trabalho a ser ampliado em pesquisas futuras, com o aprofundamento do referencial teórico acerca da sociologia do esporte, da Linguística Sistêmico-Funcional e do Sistema de Avaliatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fabíola S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D.P. **A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BARBARA, Leila; MACÊDO, CMM de. Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso: um panorama introdutório. **Cadernos de linguagem e sociedade**, v. 10, n. 1, p. 89-107, 2009.

BRADBURY, Steven. Institutional racism, whiteness and the under-representation of minorities in leadership positions in football in Europe. **Soccer & Society**, v. 14, n. 3, p. 296-314, 2013.

BRAGA, L; SANTOS, F. Descasque e Veja! A Campanha #somostodosmacacos e o Racismo. **Anagrama**, 10(1), 1-14. 2016

CABRAL, Sara Regina Scotta; BARBARA, Leila. Processos verbais no discurso jornalístico: frequência e organização da mensagem. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 28, n. 3, 2012.

CAMPOS, Marcela Saad; MACHADO, Polyana Muniz. **Como o uso das hashtags na publicidade pode contribuir para a viralização de campanhas: um estudo de caso sobre a campanha #SomosTodosMacacos**. 2014. xii, 81 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil: consciência em debate**. Selo Negro, 2011.

CAVALCANTI, Marilda C. A propósito de linguística aplicada. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 7, 1986.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. O futebol na área de Letras: mapeamento de estudos. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; DA SILVA, Silvio Ricardo. **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer: produção acadêmica sobre futebol análises e perspectivas**. Editora Jaguatirica Digital, 2018.

COSTA, Kátia R. R. da. De quando a pluralidade revela a invisibilidade. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. (Org.) **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2012.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 1999.

DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

EGGINS, Suzanne. **Introduction to systemic functional linguistics**. A&C Black, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era**. Globo Livros, 2008.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História**, n. 163, p. 149-174, 2010.

FLORENZANO, José Paulo. Como o racismo estava presente no discurso da imprensa na época da ascensão do Pelé. **Nexo**, Novembro de 2017. <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2017/11/12/Como-o-racismo-estava-presente-no-discurso-da-imprensa-na-%C3%A9poca-da-ascens%C3%A3o-de-Pel%C3%A9>> Data de acesso: 11 Fev 2019

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Guilherme Silva P.; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; ALMEIDA, Marco Bettine. Diferenças Culturais E Identitárias Na França Através Dos Ultras Do Paris Saint Germain. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 2, p. 80-98, 2017.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Mercado de Letras, 2010.

FUZER, Cristiane. Vítimas e vilões em reality shows no Brasil: representações e avaliações com base em evidências léxico-gramaticais. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 56, n. 2, 2012.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. atual. Porto Alegre: LP&M, 2014.

GASTALDO, Édison. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p. 39-51, 2011.

GASTALDO, Édison. Uma arquibancada eletrônica: reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 6, 2005.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, n. 163, p. 293-350, 2010.

GIGLIO, S. S.; TONINI, Marcel Diego ; RUBIO, K. . 'Do céu ao inferno': a história de Baiano no Boca Juniors e os racismos no futebol. **Projeto História (PUCSP)**, v. 49, p. 259-292, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOUVEIA, Carlos AM. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 16, n. 24, 2009.

GUIMARÃES, Antônio S. A. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, n.º 43, p. 26-44, 1995

HALL, Stuart. Encoding/decoding. In: HALL, Stuart et al. (Ed.). **Culture, media, language: working papers in cultural studies**, 1972-79. Routledge, 2003.

HALL, Stuart. The spectacle of the other. In: HALL, Stuart (Ed.). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. Sage, 1997.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective**. 1989.

HALLIDAY, Michael A. K., **Linguistic studies of text and discourse**. A&C Black, 2006.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian MIM; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. Routledge, 2014.

HELAL, Ronaldo. Esporte, Indústria Cultural e Teoria da Comunicação. In: Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. **Memórias do Congresso Mundial de Educação Física, Universidade Gama Filho**. Universidade Gama Filho, 1998

HELAL, Ronaldo; GORDON JUNIOR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Mauad Editora Ltda, 2001.

hooks, bell. We real cool: Black men and masculinity. **Psychology Press**, 2004.

IEDEMA, Rick; FEEZ, Susan; WHITE, Peter RR. Media literacy. **Sydney: Disadvantaged schools program**, NSW Department of school education, 1994.

JARVIE, Grant. **Sport, culture and society: an introduction**. Routledge, 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LIMA-LOPES, Rodrigo E. de. Levantamento de Processos em Cartas de Mala Direta. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 44, n. 1, p. 133-160, 2005.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; VIAN JR, Orlando. The language of evaluation: appraisal in English. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 23, n. 2, p. 371-381, 2007.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves; VENTURA, Carolina Siqueira Muniz. A transitividade em Português. **Direct Papers**, v. 55, 2008.

LIMA-LOPES, R. E. DE. Processos relacionais em cartas publicitárias. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 1, p. 35–69, 2008.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Transitivity in Brazilian Greenpeace's electronic bulletins. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 413-439. 2014

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; PIMENTA, Izadora Silva. #MulheresNoFutebol: Transitividade e Avaliatividade na Identificação de Padrões Sexistas. **Humanidades & Inovação**, [S.l.], v. 4, n. 6, dec. 2017

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Elementos circunstanciais e a atribuição de papéis em boletins eletrônicos do Greenpeace. *in* CABRAL, Sara Regina Scotta. BARBARA, Leila. (Org). **Estudos de Transitividade Em Linguística Sistêmico-Funcional**. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, PPGL, 2018

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada-A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista usp**, n. 22, p. 64-83, 1994.

MANERA, Débora Macedo da Silveira. CARVALHO, Marcelo Medeiros. **Relatório da Discriminação Racial no Futebol 2017**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2018

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working with discourse: Meaning beyond the clause**. Bloomsbury Publishing, 2003.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R. **The language of evaluation: appraisal in english**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, James R.; ROSE, David. **Genre relations: Mapping culture**. Equinox, 2008.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. London; New York: Continuum, 2010.

MENÉNDEZ, Salvio Martín. Opción, registro y contexto: El concepto de significado en la lingüística sistêmico-funcional. **Tópicos del seminario**, n. 23, p. 221-239, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 5, n. 1, p. 17-24, 1996.

NETO, José Roque Damasco. Análise do funcionamento discursivo de hashtags no twitter: o caso das hashtags #somostodosmacacos e #microcontos. **Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem**, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. Martins Fontes, 2004.

PAULINHO. Eu estava no túmulo. **The Player's Tribune**, Julho de 2018.
<<https://www.theplayerstribune.com/en-us/articles/paulinho-brazil-eu-estava-no-tumulo>>
Data de acesso: 11 Fev 2019

PIRES, Breiller. Como o futebol desconstrói o mito do "racismo velado" no Brasil. In: MANERA, Débora Macedo da Silveira. CARVALHO, Marcelo Medeiros. **Relatório da Discriminação Racial no Futebol 2017**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2018

REIS, Heloisa Helena Baldy. **Futebol e violência**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos; ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e Sociedade**. Brasília: Liber Livros, 2006

SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O Discurso Midiático E As Representações Sociais Do Esporte: O Atleta Como Modelo De Comportamento. **Pensar a prática**, v. 12, n. 3, 2009.

SANTOS, T. Alteridade no futebol: a campanha #somostodosmacacos de Neymar. **REU - Revista de Estudos Universitários**, v. 40, n. 2, p. 309-321, 11, 2014.

SILVA, Francisca Cordelia Oliveira da. **Análise do Discurso Crítica como Aporte para um**

Estudo do Racismo no Brasil. Brasília: Editora Kiron, 2011

SILVA, T. S. **Irenes: representações sobre homossexuais idosos no contexto midiático sob a perspectiva sistêmico-funcional.** Santa Maria: UFSM. 222 fl. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

SOARES, Antonio Jorge. História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** Mauad Editora Ltda, 2001.

THOMPSON, Geoff. **Introducing functional grammar.** Routledge, 2014.

TONINI, Marcel Diego. Racismo no futebol brasileiro: revisitando o caso Grafite/Desábato. **Revista de História Regional**, v. 17, p. 438-468, 2012.

TONINI, Marcel Diego. ‘Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro’: reflexões sobre a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu a partir de uma entrevista com o ex-atleta Paulo Sérgio. **Esporte e Sociedade**, v. 8, n. 21, p. 1-28, 2013.

VAN DIJK, Teun A. **Racism and discourse in Spain and Latin America.** John Benjamins Publishing, 2005.

VIAN JR, Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

VIAN JR, Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D.P. **A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D.P. **A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

VIUDA-SERRANO, Alejandro. Fútbol e identidad europea. El deporte como generador de identidad supranacional. **AGON**, v. 4, n. 1, p. 19-35, 2014.

WHITE, Peter RR. Un recorrido por la teoría de la valoración (Teoría de la valoración). **Translated by Elsa Ghio. Disponível em: www.grammatics.com/appraisal/SpanishTranslation-AppraisalOutline.doc**, 2003

WHITE, Peter RR. Media power and the rhetorical potential of the “hard news” report–attitudinal mechanisms in journalistic discourse. **Käännösteoria, ammattikielet ja monikielisyys**. VAKKI: n julkaisut, v. 36, p. 30-49, 2009.